Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos

Análise Morfológica

Maria Teresa Manso Captivo

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitetura

Orientador: Professora Doutora Teresa Frederica Tojal Valsassina Heitor

Júri

Presidente: Professora Doutora Maria Alexandra de Lacerda Nave Alegre

Orientador: Professora Doutora Teresa Frederica Tojal Valsassina Heitor

Vogal: Doutor Arquiteto João Pedro Gaspar Alves da Cunha

Junho 2016

| AGRADECIMENTOS

À Professora Teresa Heitor, pela disponibilidade e orientação,

Aos pais, aos avós, à Maria e à Rita, pela confiança e motivação,

Ao João, pela paciência e apoio constante,

Aos meus amigos, em especial, à Cate, à Bea e à Teresinha, pela força, companhia, muitas conversas e conselhos,

Muito obrigada.

| RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo explorar as regras de natureza compositiva que dão resposta aos princípios decorrentes do Movimento Litúrgico (primeira metade do séc. XX) e do Concilio do Vaticano II (1961-1965) e que contribuem para desencadear a experiência religiosa. Assim, procurou-se descrever o 'invólucro' do espaço religioso e transpor para linguagem arquitetónica aquilo que se considera *inefável*, isto é, a dimensão espiritual e sagrada do lugar.

Para o efeito, teve-se como base o estudo da arquitetura religiosa nacional e internacional do século XX.

Através da análise morfológica de oito espaços de culto católico em Portugal, estudaram-se tanto as propriedades configuracionais do espaço (forma, dimensões, organização/distribuição funcional, relações de permeabilidade física e visual), como o tratamento da envolvente construída exterior e interior (dispositivos de entrada e controlo da luz natural, ornamentação, acabamentos, materiais, texturas e cores). Concluindo, identificaram-se quatro conceitos, que caracterizam o espaço religioso contemporâneo, e que se traduzem em opções projetuais concretas – *luminosidade*, *silêncio visual/ depuração*, *permeabilidade* e *envolvência.*

A arquitetura religiosa contemporânea responde ao seu propósito e revela uma maior assimilação dos princípios decorrentes do Movimento Litúrgico e uma maior aproximação ao modelo de *igreja-casa*, de forma integrada na cultura atual, e manifesta uma abertura da Igreja não só a nível artístico, como cultural e institucional.

Conceitos-chave: arquitetura religiosa contemporânea, espaço sagrado, igreja, capela, análise morfológica, sintaxe espacial, Movimento Litúrgico, Concílio Vaticano II, espaço litúrgico

| ABSTRACT

This thesis aimed to explore the compositional rules that respond to the principles arising from the Liturgical Movement (first half of the 20th century) and from the II Vatican Concilio (1961-1965) and which contribute to trigger the religious experience. So, we tried to describe the 'wrap' of the religious space and transpose it into architectural language what is considered ineffable, that is, the spiritual and sacred dimension of the place.

For this purposed, we based on the study of national and international religious architecture of the 20th century.

Then, through the morphological analysis of eight catholic places of worship in Portugal, we studied both the configurational properties of the space (shape, size, organization/functional distribution, physical and visual permeability relationships), and the exterior and interior treatment of the construction (devices of control of natural light, openings, ornamentation, materials, textures and colours). Concluding, we identified four concepts, that characterize the contemporary religious space, and that match specific options on the project - light, visual silence / debugging, permeability and surroundings.

Contemporary religious architecture responds to its purpose and reveals a greater assimilation of the principles arising from the Liturgical Movement and a greater approach to the *church-house* model, integrated in today's culture, and expresses the Church openness not only at an artistic level, but also cultural and institutional.

Key-concepts: contemporary religious architecture, sacred space, church, chapel, morphological analysis, space syntax, Liturgical Movement, II Vatican Concilio, liturgic space

| ÍNDICE

Agradecimentos i

Resumo iii

Abstract v

Índice vii

Índice de figuras xix

Lista de abreviaturas xx

CAPÍTULO 1 | INTRODUÇÃO 01

1.1 Tema 01

1.2 Objetivo 02

1.3 Justificação 02

1.4 Organização do trabalho 05

1.5 Metodologia 07

1.6 Estado atual dos conhecimentos 08

CAPÍTULO 2 | A IGREJA MODERNA: PROGRAMA E ESPAÇO LITÚRGICO 12

2.1 A igreja-edifício: conceitos básicos 13

2.2 Os antecedentes: Movimento Litúrgico e Concílio Vaticano II 14

2.3 O modelo de *igreja-casa* 19

2.4 A arquitetura religiosa moderna: a articulação entre Mov. Litúrgico e Mov. Moderno 22

2.5 Obras de referência da arquitetura moderna e pós-conciliar 26

Ficha 01 | Igreja de St. Laurentis 27

Ficha 02 | Igreja de Santa Ana 28

Ficha 03 | Igreja da Abadia de St. Benedict 29

Ficha 04 | Igreja de St. Peter 30

Ficha 05 | Igreja de St. Paul 31

CAPÍTULO 3 | A IGREJA MODERNA EM PORTUGAL 32

3.1 O Movimento de Renovação de Arte Religiosa 33

3.2 A arquitetura do MRAR 36

3.3 Obras de referência da arquitetura religiosa moderna portuguesa:a herança do MRAR 39

Ficha 01 | Capela de Nossa Senhora de Fátima 40

Ficha 02 | Igreja de Santo António 41

Ficha 03 | Igreja do Sagrado Coração de Jesus 42

Ficha 04 | Igreja de Nossa Senhora de Fátima 43

Ficha 05 | Igreja da Sagrada Família 44

CAPÍTULO 4 | A IGREJA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DOS CASOS DE ESTUDO 45

4.1 Caracterização e análise dos casos de estudo 46

01 | Igreja de Santa Maria 48

02 | Igreja de Santo António 50

03 | Capela da Árvore da Vida 52

04 | Capela do CREU-IL 54

05 | Igreja do Convento de S. Domingos 56

06 | Capela de Santa Ana 58

07 | Igreja de Nossa Senhora da Boa Nova 60

08 | Igreja de Nossa Senhora das Necessidades 62

4.2 Análise comparativa 64

4.3 Avaliação e considerações sobre a análise morfológica 67

CAPÍTULO 5 | CONCLUSÃO 81

BIBLIOGRAFIA 85

ANEXOS 91

ANEXO 01 | Barra cronológica 93

ANEXO 02 | Explicação da ficha de análise 97

ANEXO 02 | Estudos da entrada de luz natural nos casos de estudo 98

ANEXO 02 | Construção da barra cronológica no espaço de trabalho 99

| ÍNDICE DE FIGURAS

| CAPÍTULO 1

Fig. 1.1 | 1

(1) Church of the Light, Tadao Ando, 1989, Osaka (Japão)

https://www.flickr.com/photos/buou/1541519972

(2) St. Henry's Ecumenical Art Chapel, Sanaksenaho Architects, 2004-05; Turku (Finlândia)

https://www.flickr.com/photos/arndalarm/10454261625/

(3) Igreja de San Jorge, Tabuenca&Leache, 2008; Navarra (Espanha)

http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/703794/iglesia-san-jorge-slash-tabuenca-and-leache

(4) Ermida de San Juan Bautista, Alejandro Beautell, 2013, Tenerife (Ilhas Canárias)

http://www.archdaily.com/413374/saint-john-baptist-chapel-alejandro-beautell/

Fig. 1.2 | Os templos mais representativos de cada época vistos segundo um corte longitudinal – esquema de Luiz Cunha, 1955 3

http://www.snpcultura.org/novas_igrejas_de_todos_os_tempos_apresentacao.html

Fig. 1.3 | Visita de Le Corbusier ao Convento de La Tourette em construção, em 1959, acompanhado dos monges dominicanos 4

(1) http://www.magnumphotos.com/
(2) http://www.magnumphotos.com/
(3) http://todayspictures.slate.com/20111006/

Fig. 1.4 | Obras de Louis Kahn: 4

(1) Salk Institute, San Diego (EUA),1965

http://www.archdaily.com/61288/ad-classics-salk-institute-louis-kahn

(2) Kimbell Art Museum, Fort Worth (EUA), 1966-72

https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/df/6f/ef/df6fef567fe1bb4b49654c2616b023b7.jpg

(3) Esherick House, Philadelphia (EUA), 1961

http://www.archdaily.com/202759/ad-classics-esherick-house-louis-kahn

Fig. 1.5 | Obras de Peter Zumthor: 5

(1) Termas de Vals,1996, Vals (Suíça)

http://www.annepericchi-draeger.com/new-page-1-1/

(2) Bruder Klaus Field Chapel,1997, Mechernich (Alemanha)

https://www.flickr.com/photos/seier/3151335610/sizes/l/in/photostream/

(3) Kunsthaus Bregenz, 1997, Bregenz (Suiça)

http://www.lindmanphotography.com/?attachment_id=573

Fig. 1.6 | Capas dos livros: 8

(1) *L'architettura dell'edificio sacro,* de Adriano Cornoldi, 1995

http://ecx.images-amazon.com/images/I/51EpISDL0WL._SX355_BO1,204,203,200_.jpg

(2) *Europaischer Kirchenbau 1950-2000,* de Wolfgang Jean Stock, 2002

http://www.ausstellungshaus.com/images/04publikationen/europ_kibau1950-2000_280.jpg

(3) *Sacred Spaces* de James Pallister, 2015

https://img.washingtonpost.com/rw/2010-2019/WashingtonPost/2015

Fig. 1.7| Capas de: 9
(1) *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX,* de João Alves da Cunha, 2015
http://www.uceditora.ucp.pt/resources/Imagens/UCEditora/Capas%202015/MRAR.jpg
(2) *A Igreja do Bairro da Tabaqueira – uma obra de Jorge Viana,* de José Fernandes e João Ribeiro, 2012
http://www.snpcultura.org/fotografias/a_igreja_do_bairro_da_tabaqueira.jpg
(3) *Arq|a – Arquitetura e Arte*, edição nº108 - "Lugares Sagrados", 2013
https://issuu.com/arqa/docs/arqa-108

Fig. 1.8| Capas de: 11
(1) *The Social Logic of Space*, de Bill Hillier e Julienne Hanson,1984;
https://archilibs.files.wordpress.com/2012/09/the-social-logic-of-space-cover.jpg
(2) *Space is the Machine,* de Bill Hillier, 2007;
http://discovery.ucl.ac.uk/3881/1.haspreviewThumbnailVersion/SITM.pdf
(3) *Le Corbusier – Análisis de la Forma,* de Geoffrey Baker, 1986;
http://ecx.images-amazon.com/images/I/71xQUG-I6oL.jpg
(4) *Design Drawing* de Ching, 1998
https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/51mZrjLdPxL.jpg

| CAPÍTULO 2

Fig. 2.1| Fotografias do Concílio Vaticano II: 15
(1) sessão de abertura com o Papa João XXIII
http://www.viandanti.org/wp-content/uploads/2011/12/vaticano-II.jpg
(2) sessão de trabalho
http://www.catolicosalerta.com.ar/concilio-vaticano2/recordando-concilio.html

Fig. 2.2| As alterações na configuração do espaço litúrgico: 16
(1) Estudo em planta – altar como balcão, disposição axial-processional da assembleia, celebração da Missa Tridentina;
(2) Igreja de St. John Cantius, Chicago (EUA), Adolphus Druiding, 1893;
http://cantius.org/uploads/photos/2010-forty-hours/images/10_17_2010___103.jpg
(3) Estudo em planta - altar como mesa, disposição axial-processional da assembleia, celebração da Missa de Paulo VI;
(4) Igreja de St. Therese, Linz (Aústria), Rudolf Schwarz, 1961
https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/5f/2b/3a/5f2b3ae658e3ac1dbb18f42b1f342a0d.jpg
(5) Estudo em planta - altar como mesa, disposição centralizada da assembleia, celebração da Missa de Paulo VI;
(6) Igreja do Colégio S. João de Brito, Lisboa, 2001-03 (data do projeto de remodelação, apresentado na imagem, do arquiteto Bernardo Miranda)
http://www.csjb.pt/SiteCollectionImages/2.jpg

Fig. 2.3| Estudo em planta - aplicação das diretivas para o projeto de espaços de culto católicos enunciadas na Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* (1963) e na instrução *Inter Oecumenici* (1964); fotografias da Igreja da Sagrada Família, bairro da Tabaqueira, Albarraque (Sintra), Jorge Viana (1965), in FERNANDES, José M., RIBEIRO, João S. 2012*. A Igreja do Bairro da Tabaqueira – uma obra de Jorge Viana*. 1ª edição. Adictologia Unipessoal Lda. Lisboa 17/18

Fig. 2.4| 19
(1) Capela ecuménica do MIT, Eero Saarinen, 1955, Cambridge (EUA)
http://images.adsttc.com/media/images/5038/00e6/28ba/0d59/9b00/087d/large_jpg
(2) Igreja de Saint-Pierre, Le Corbusier, 1963, Firminy (França);
http://www.fondationlecorbusier.fr/
(3) Capela del Retiro, Cristian Undarraga, 2009, Valparaíso (Chile)
http://www.archdaily.com/221334/capilla-del-retiro-undurraga-deves-arquitectos/

Fig. 2.5| 20
(1) Igreja de St. Antonious, Justus Dahinden, 1966-69, Wildegg (Suiça)
https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/21/7b/a7/217ba7c4c72ac34c634c088c6a9d7b7b.jpg
(2) St. Benedict's Chapel, Peter Zumthor, 1988, Sumvig (Suiça)
http://www.archdaily.com/418996/ad-classics-saint-benedict-chapel-peter-zumthor
(3) Igreja de San Massimiliano Kolbe, Justus Dahinden, 1992, Varese (Itália)
https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/b7/5c/1a/b75c1add153fd3021970f9fa8582b9df.jpg

Fig. 2.6| 20
(1) Igreja de St. Anna, Rudolf Schwarz, 1951-56;
http://hicarquitectura.com/2014/09/aeb-29-rudolf-schwarz-church-of-sta-anna-du%CC%88ren/
(2) Igreja de San Giovanni, Studio Zermati e Associati, 2007
http://images.adsttc.com/media/images/50cf/c613/b3fc/4b7f/fb00/0106/medium_jpg/09_S_GIOVANNI_PERUGIA.jpg

Fig. 2.7| Capela-salão; igreja paroquial de Santa Joana, Luiz Cunha, 1972-76, Aveiro 21
http://www.prof2000.pt/users/avcultur/aveidistrito/boletim29/page13.htm

Fig. 2.8| 22
(1) Marie-Alain Couturier;
http://www.babelio.com/users/AVT_Marie-Alain-Couturier_9152.jpeg
(2) Pie- Raymond Régamey;
http://www.babelio.com/users/AVT_Pie-Raymond-Regamey_5273.jpeg
(3) Romano Guardini;
http://www.kathpedia.com/images/thumb/7/79/Guardini.jpg/180px-Guardini.jpg
(4) Rudolf Schwarz
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/thumb/b/b5/RSchwarz.jpg/200px-RSchwarz.jpg

Fig. 2.9| Igreja de St. Fronleichnam, Rudolf Schwarz, 1930 23
(1) vista do exterior;
https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/f2/fc/24/f2fc2472b89272069ffb984ef0973b3e.jpg
(2) vista do espaço de celebração;
http://www.kimzwarts.com/_foto/St%20Fronleichnam/02_St_Fronleichnam.jpg
(3) vista do altar
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b3/St_fronleichnam_03.JPG

Fig, 2.10| Igreja de Notre Dame de Toute Grace, Maurice Novarina, 1937-59, Passy (França)
..... 24
(1) vista do exterior;
http://www.rhone-alpes.culture.gouv.fr/label/IMG/jpg/Assy-09.jpg
(2) vista do espaço de celebração;
http://www.rhone-alpes.culture.gouv.fr/label/IMG/jpg/Assy-04.jpg
(3) vista da capela do Santíssimo (capela lateral)
http://2.bp.blogspot.com/_GzQnzaF4ko/RhNQ6ExkWQI/AAAAAAAACXY/UXbX5i1pMM8/s400/Assy_Matisse.bmp

Fig, 2.11 | Capela de Notre Dame du Haut, Le Corbusier, 1950-55, Ronchamp (França) 25
(1) vista do exterior;
http://corbusier.totalarch.com/chapelle_ronchamp
(2) vista do espaço de celebração;
http://architizer.com/blog/the-architects-advent-calendar/

FICHAS | OBRAS DE REFERÊNCIA NO MUNDO

01 | Igreja de St. Laurentis, Munique, Emil Steffann, 1955-70 27
Fotografia aérea
Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização
Vista do exterior
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/8/8a/StLaurentius-AussenAnsicht-800x600.jpg/440px-StLaurentius-AussenAnsicht-800x600.jpg
Vista do interior
http://www.seifermann-kreis.de/
Planta
https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/a6/ea/7b/a6ea7ba8f363880df312ce7ab423142f.jpg

02 | Igreja de Santa Ana, Madrid, Miguel Fisac, 1955-60 28
Fotografia aérea
Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização
Vista do exterior
https://pbs.twimg.com/media/B4kBG_UCYAAif4T.jpg
Vista do interior
http://api.ning.com/files/
Planta
http://4.bp.blogspot.com/

03 | Igreja da Abadia de St. Benedict, Vaals, Dom Hans Van der Laan, 1956-67 29
Fotografia aérea
Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização
Vista do exterior
https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/6f/7b/e9/6f7be93f34f120f87419cb7b348d8292.jpg
Vista do interior
https://8late.files.wordpress.com/2012/11/11.jpg
Planta (geral)
https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/30/92/f8/3092f8dbfe7f4e0fb6201e4f889953b2.jpg
Planta (igreja)
https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/c7/1b/63/c71b630f5c16552aacd2654a4efc5b0e.jpg

04 | Igreja de St. Peter, Klippan, Sigurd Lewerentz, 1963-66 30
Fotografia aérea
Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização
Vista do exterior
http://www.danda.be/gallery/st_peter_s_church/1649_normal.jpg

Vista do interior
http://www.panovscott.com.au/wp-content/uploads/2013/03/architecture_plans_2.jpg
Planta
https://oscartenreiro.files.wordpress.com/2014/10/1a-lewerentz-san-pedro-plantas.jpg

05| Igreja de St. Paul, Dielsdorf, Justus Dahinden, 1964 31
Fotografia aérea
Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização
Vista do exterior
https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/7b/fa/c3/7bfac3f4864c3b6156a59fea11f0960b.jpg
Vista do interior
http://dx.doi.org/10.5169/seals-331551
Planta
http://dx.doi.org/10.5169/seals-331551

|CAPÍTULO 3

Fig. 3.1| Imagem de campanha do MRAR 33
http://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/publication/espolio-do-movimento-renovacao-da-arte-religiosa/

Fig. 3.2| Reunião do grupo do MRAR, desenho de José Escada, 1958, Arquivo MRAR 34
http://www.snpcultura.org/fotografias/debate_mrar_gf_20121204.jpg

Fig. 3.3| 35
(1) Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea; Ponta Delgada; 1954
ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 3.15
(2) João de Almeida e Ferdinand Gehr, Oberwil (Suíça), 1957
ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 3.2
(3) A. Freitas Leal e Diogo L. Pimentel com o Cardeal D. Giacomo Lercaro,1960
ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 3.44

Fig. 3.4| 36
(1) Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea; Ponta Delgada; 1954
ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 3.46
(2) João de Almeida e Ferdinand Gehr, Oberwil (Suíça), 1957
ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 3.37
(3) A. Freitas Leal e Diogo L. Pimentel com o Cardeal D. Giacomo Lercaro,1960
ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem imagem 3.42

Fig. 3.5| 37
(1) Capela do Picote, Manuel de Almeida, Barrocal do Douro, 1954-58, (vista do exterior);
http://static.panoramio.com/photos/original/78702026.jpg
(2) Igreja de Santiago, Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, 1962-69, Almada (vista do altar)
http://www.snpcultura.org/fotografias/igreja_santiago_almada_gf_102.jpg

Fig. 3.6| 38
(1) Painel na fachada da Igreja de Santo António de Moscavide (1956) da autoria de Manuel Cargaleiro;
https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/9c/e1/59/9ce159722a0b60fc3441978bc1574a56.jpg
(2) Políptico de Santa Joana Princesa (pintura a acrílico sobre madeira de mogno), no presbitério da Igreja de Santa Joana Princesa da autoria de Luiz Cunha (1976)
http://www.snpcultura.org/novas_igrejas_de_todos_os_tempos_poliptico.html

Fig. 3.7| 38
(1) Planta da Ig. Paroquial de Calvão, Abrunhosa de Brito e Manuel Magalhães, Aveiro 1969-70;
http://www.prof2000.pt/users/avcultur/aveidistrito/boletim29/Imagens/page28.jpg
(2) Planta da Igreja de Santiago, Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, Almada, 1962-69
ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 4.12

FICHAS | OBRAS DE REFERÊNCIA EM PORTUGAL

01 | Capela de Nossa Senhora de Fátima, Águas, Nuno Teotónio Pereira, 1949-57 40
Fotografia aérea
Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização
Vista do exterior
http://www.snpcultura.org/fotografias/igreja_aguas_gf_103.jpg
Vista do interior
http://www.snpcultura.org/fotografias/igreja_aguas_gf_102.jpg
Planta
ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 2.7

02 | Igreja de Santo António, Moscavide, João de Almeida & A. Freitas Leal, 1953-56 41
Fotografia aérea
Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização
Vista do exterior
ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 2.8
Vista do interior
ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 2.8
Planta
ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 2.8

03| Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa, Nuno Portas & N. Teotónio Pereira, 1962-70 42

Fotografia aérea

Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização

Vista do exterior

http://5.fotos.web.sapo.io/i/Bdd14a514/19204947_NYW9t.jpeg

Vista do interior

https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/7e/5a/9a/7e5a9a89233dc0df876e64884dd692a5.jpg

Vista do altar

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5e/Altar_orgao_igreja_sagrado_coracao_jesus_lisboa.jpg

Planta

http://www-ext.lnec.pt/LNEC/DED/NA/arq/ntp/prjobr/img/iscj.jpg

04| Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Póvoa do Valado, Luiz Cunha, 1964-68 43

Fotografia aérea

Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização

Vista do exterior

ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 4.7

Vista do interior

ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 4.7

Planta

http://www.prof2000.pt/users/avcultur/aveidistrito/boletim29/Imagens/page36.jpg

05| Igreja da Sagrada Família, Paço de Arcos, João de Almeida, 1964-69 44

Fotografia aérea

Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização

Vista do exterior (1)

ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 4.14

Vista do exterior (2)

ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 4.14

Planta

ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa, volume II, imagem 4.14

| CAPÍTULO 4

FICHAS | CASOS DE ESTUDO

01 | IGREJA DE SANTA MARIA 48/49

Fotografia aérea

Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização

Vista do exterior

https://www.flickr.com/photos/89707735@N00/7920283738/in/photostream

Vista do interior (1)

http://www.archdaily.com.br/br/01-56992/classicos-da-arquitetura-igreja-de-santa-maria-alvaro-siza/

Vista do interior (2)

http://architecturemas.tumblr.com/post/16437092671/santa-maria-church-marco-de-canavezes

Vista do interior (materiais)

http://architecturemas.tumblr.com/post/16437092671/santa-maria-church-marco-de-canavezes

02 | IGREJA DE SANTO ANTÓNIO 50/51

Fotografia aérea

Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização

Vista do exterior

http://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos/33560_33610

Vista do interior

http://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos/assen_172afgsg

Vista do interior (materiais)

http://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos/33560_33620

03 | CAPELA DA ÁRVORE DA VIDA 52/53

Vista do exterior (1)

http://www.archdaily.com/182597/chapel-tree-of-life-cerejeira-fontes-arquitectos

Vista do exterior (2)

http://www.archdaily.com/182597/chapel-tree-of-life-cerejeira-fontes-arquitectos/

Vista do interior

http://www.archdaily.com/182597/chapel-tree-of-life-cerejeira-fontes-arquitectos/

Vista do interior (materiais)

http://www.thecoolhunter.net/article/detail/2017/the-tree-of-life-chapel--braga-portugal

04 | CAPELA DO CREU-IL 54/55

Fotografia aérea

Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização

Vista do exterior

http://www.archdaily.com.br/br/01-47093/capela-do-creu-il-nuno-valentim-e-frederico-eca-arquitectos

Vista do interior

http://www.archdaily.com.br/br/01-47093/capela-do-creu-il-nuno-valentim-e-frederico-eca-arquitectos

Vista do interior (materiais)

http://www.archdaily.com.br/br/01-47093/capela-do-creu-il-nuno-valentim-e-frederico-eca-arquitectos

05 | IGREJA DO CONVENTO DE S. DOMINGOS 56/57

Fotografia aérea

Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização

Vista do exterior

http://www.isdomingos.com/index.asp?flintro=off&lang=&art=4757&menu=4013

Vista do interior

http://www.archdaily.com/72719/igreja-do-convento-de-sao-domingos-jose-fernando-goncalves-joao-paulo-providencia

Vista do interior (materiais)

http://www.snpcultura.org/tvb_igreja_convento_dominicanos_imagens.html

06 | CAPELA DE SANTA ANA 58/59
Fotografia aérea
Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização
Vista do exterior
http://www.archdaily.com/118854/santa-ana%25e2%2580%2599s-chapel-e348-arquitectura
Vista do interior
http://www.archilovers.com/projects/69868/gallery?513581 Ficha de análise
Vista do interior (materiais)
http://www.archdaily.com/118854/santa-ana%25e2%2580%2599s-chapel-e348-arquitectura

07 | IGREJA DA NOSSA SENHORA DA BOA NOVA 60/61
Vista do exterior (1)
http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova
Vista do exterior (2)
http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova
Vista do interior
http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova
Vista do interior (materiais)
http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova

08| IGREJA DA NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES 62/63
Fotografia aérea
Imagem gerada com *Google Maps* através da sua localização
Vista do exterior
fotografia tirada durante a visita à obra a 23 de Março de 2016
Vista do interior (1)
https://bicaarquitectos.carbonmade.com/projects/2741988
Vista do interior (2)
http://ultimasreportagens.com/ultimas.php
Vista do interior (materiais)
https://bicaarquitectos.carbonmade.com/projects/2741988

Fig. 4.1 | Tabela comparativa 65
01| http://ounodesign.com/2009/04/21/alvaro-siza/
02|http://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos/33560_33620
03| http://www.archdaily.com/182597/chapel-tree-of-life-cerejeira-fontes-arquitectos
04| http://adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2012/05/1336171470_01_creu-530x321.jpg
05| http://www.archdaily.com/72719/igreja-do-convento-de-sao-domingos-jose-fernando-goncalves-joao-paulo-providencia
06| http://www.archilovers.com/projects/69868/santa-ana-s-chapel.html
07| http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova
08| http://ultimasreportagens.com/ultimas.php

Fig. 4.2 | Diagramas espaço-funcionais relativos aos oito casos de estudo 66

Fig. 4.3| Igreja de Iésu, San Sebastian (Espanha), Rafael Moneo, 2012: 67
(1) vista do espaço de celebração;
http://www.pedropegenaute.es/2012/iglesia-de-lesu/
(2) vista do presbitério;
http://www.pedropegenaute.es/2012/iglesia-de-lesu/
(3) vista do teto
http://www.pedropegenaute.es/2012/iglesia-de-lesu/

Fig. 4.4| Lanternins: 69
(1) Igreja de Santa Maria;
http://www.bmiaa.com/wp-content/uploads/2015/08/Screenshot-2015-08-07-22.58.35.jpg
(2) Igreja do Convento de S. Domingos;
http://www.archdaily.com/72719/igreja-do-convento-de-sao-domingos-jose-fernando-goncalves-joao-paulo-providencia
(3) Igreja de Santo António
http://ultimasreportagens.com/312.php

Fig. 4.5| Luminosidade: 69
(1) Capela do CREU;
http://www.archdaily.com.br/br/01-47093/capela-do-creu-il-nuno-valentim-e-frederico-eca-arquitectos/05-creu
(2) Igreja de Nossa Senhora das Necssidades;
https://bicaarquitectos.carbonmade.com/projects/2741988#7
(3) Igreja de Santa Maria;
http://www.archdaily.com.br/br/01-56992/classicos-da-arquitetura-igreja-de-santa-maria-alvaro-siza/56992_57006
(4) Capela de Santa Ana
http://www.archdaily.com.br/br/01-37860/capela-de-santa-ana-e-348-arquitectura/37860_37888

Fig. 4.6| Estudo da entrada de luz natural na Capela do CREU - esquema em corte 70

Fig. 4.7| Estudo da entrada de luz natural na Ig. de Nossa Senhora das Necessidades – esquema em planta 70

Fig. 4.8| Estudo da entrada de luz natural na Ig. de Santa Maria - esquema em corte transversal (1) e longitudinal (2) 71

Fig. 4.9| Estudo da entrada de luz natural na Capela de Santa Ana - esquema em corte longitudinal 71

Fig. 4.10| Iluminação da Capela de Santa à noite – a capela como 'caixa de luz' 71
(1) http://www.archdaily.com.br/br/01-37860/capela-de-santa-ana-e348-arquitectura
(2) http://www.archdaily.com/118854/santa-ana%25e2%2580%2599s-chapel-e348-arquitectura/

Fig. 4.11| Igreja de St. Moritz (Augsburgo, Alemanha) – antes (1) e depois (2) da renovação realizada por John Pawson (2010-2013) 72
(1) http://www.dezeen.com/2013/07/31/st-moritz-church-by-john-pawson
(2) http://www.detail-online.com/fileadmin/_processed_/csm_Moritzkirche_innen2007_gr_d51bef1190.jpg

Fig. 4.12| Materiais: 73
(1) Betão – Igreja do Convento de São Domingos;

http://www.snpcultura.org/tvb_igreja_convento_dominicanos_imagens.html
(2) Reboco branco – Capela de Santa Ana;
http://www.archilovers.com/projects/69868/gallery?513574
(3) Madeira – Capela da Árvore da Vida;
http://bragacool.com/visitar/capela-arvore-vida
(4) Azulejo – Igreja de Santa Maria
https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/d5/25/46/d52546ef8a5389d58350ced2b6d14b72.jpg

Fig. 4.13| *Silêncio visual*/ depuração: 73
(1) Igreja de Nossa Senhora das Necessidades;
https://bicaarquitectos.carbonmade.com/projects/2741988#11
(2) Igreja de Santo António;
http://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos/assen_174afgsg
(3) Igreja do Convento de S. Domingos
http://www.snpcultura.org/tvb_igreja_convento_dominicanos_imagens.html

Fig. 4.14| Igreja de Nossa Senhora das Necessidades – projeto (1) e utilização (2) 74
(1) https://bicaarquitectos.carbonmade.com/projects/2741988
(2) Fotografia tirada durante a visita à obra, a 23 de Março de 2016

Fig. 4.15| Capela de Santa Ana – projeto (1) e utilização (2) 74
(1) http://www.archdaily.com.br/br/01-37860/capela-de-santa-ana-e-348-arquitectura/37860_37880
(2) Fotografia tirada durante a visita à obra, a 13 de Março de 2016

Fig. 4.16| Igreja sobre a água, Shimukappu-mura (Japão), Tadao Ando,1988: 75
(1) vista do exterior;
http://www.pritzkerprize.com/sites/default/files/1995-w-01lg.jpg
(2) vista do interior
http://www.urbansplatter.com/wp-content/uploads/2015/05/church-on-the-wateer.jpg

Fig. 4.17| Permeabilidade: 76
(1) Capela do CREU-IL;
http://adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2012/05/1336171499_04_jff55618.jpg
(2) Igreja de Santo António
http://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos/33560_33622

Fig. 4.18| Estudo da permeabilidade da capela do CREU - esquema em planta 76

Fig. 4.19| Estudo da permeabilidade da Igreja de Santo António - esquema em planta 77

Fig. 4.20| Vista através do vão lateral da Igreja de Santa Maria 77
Fotografias tiradas durante a visita à obra, a 13 de Março de 2016

Fig. 4.21| Capela Kamppi/ Capela do Silêncio, Helsinquia (Finlândia), 2012, K2S Architects: 78
(1) vista a partir da entrada;
http://www.archdaily.com/167114/in-progress-kamppi-chapel-of-silence-k2s-architects
(2) vista a partir do altar;

http://www.yellowtrace.com.au/kamppi-chapel-of-silence-helsinki/
(3) vista do teto
https://collabcubed.com/2012/07/06/kamppi-chapel-k2s-architects/

Fig. 4.22| Igreja do Colégio S. João de Brito: 78
(1) projeto inicial de Licínio Cruz (1955), configuração axial-processional da assembleia;
http://www.bpmiranda.pt/
(2) projeto de remodelação de Bernardo Miranda (2001-03); configuração centralizada da assembleia
http://www.bpmiranda.pt/

Fig. 4.23| Esboços da Igreja da Nossa Senhora da Boa Nova, realizados pelos arquitetos 79
http://www.archdaily.com/121074/boa-nova-church-roseta-vaz-monteiro-arquitectos/

Fig. 4.24| Envolvência: 80
(1) Capela da Árvore da Vida;
http://www.archdaily.com/182597/chapel-tree-of-life-cerejeira-fontes-arquitectos
(2) Igreja da Nossa Senhora da Boa Nova
http://ultimasreportagens.com/ultimas.php

| LISTA DE ABREVIATURAS

A | Altar

CREU-IL | Centro de Reflexão e Encontro Universitário – Inácio de Loyola

CVII | Concílio Vaticano II

EUA | Estado Unidos da América

Ig. | Igreja

MIT | Massachusetts Institute of Tecnology

ML | Movimento Litúrgico

MRAR | Movimento de Renovação de Arte Religiosa

S | Sacrário

SNPC | Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura

P | Pia batismal

CAPÍTULO 1 | INTRODUÇÃO

1.1 TEMA

A presente dissertação tem como tema a arquitetura religiosa católica contemporânea[1].

A escolha do tema deveu-se, em primeiro lugar, ao fascínio pelo poder da arquitetura na criação de lugares com identidade e de ambientes/atmosferas capazes de despertar os sentidos e as emoções e desencadear experiências.

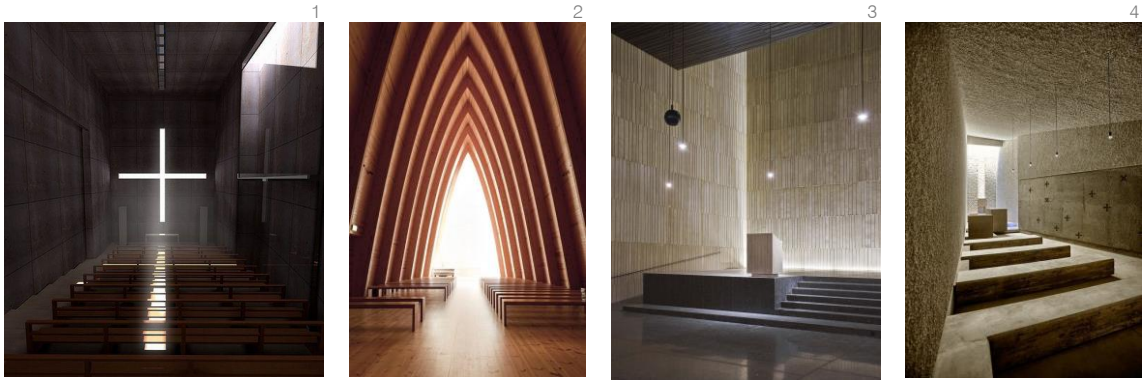


Fig. 1.1 | (1) Church of the Light, Tadao Ando, Osaka, 1989; (2) St. Henry's Ecumenical Art Chapel,Turku, Sanaksenaho Architects, 2004-05; (3) Igreja de San Jorge, Navarra, Tabuenca&Leache, 2008; (4) Ermida de San Juan Bautista, Tenerife, Alejandro Beautell, 2013

Em segundo lugar, à convicção de que a experiência espiritual e metafísica pode ser potenciada pela vivência do espaço litúrgico. Se o espaço litúrgico pretende proporcionar uma experiência religiosa, cabe à arquitetura responder a essa exigência, constituindo-se como um meio - *espaço de ascensão* - para alcançar o divino. A arquitetura religiosa tem a capacidade de manifestar o 'indizível' e o transcendente. Por isso, torna-se um grande desafio para o arquiteto projetar espaços que consigam proporcionar a experiência religiosa pretendida.

> *"Para transmitir a mensagem que Cristo lhe confiou, a Igreja tem necessidade da arte. De facto, deve tornar percetível e até o mais fascinante possível o mundo do espírito, do invisível, de Deus. Por isso, tem de transpor para fórmulas significativas aquilo que, em si mesmo, é inefável. Ora, a arte possui uma capacidade muito própria de captar os diversos aspetos da mensagem, traduzindo-os em cores, formas, sons que estimulam a intuição de quem os vê e ouve. E isto, sem privar a própria mensagem do seu valor transcendente e do seu halo de mistério."*[2]

[1] Referente à Igreja Católica Apostólica Romana (Igreja Católica do Ocidente). Em 1054 deu-se o Grande Cisma do Oriente que dividiu a Igreja Católica em Apostólica Romana e Apostólica Ortodoxa (Oriente). As diferenças também são visíveis ao nível das igrejas e espaços de culto.
[2] in *Carta do Papa João Paulo II aos Artistas* (nº12), Vaticano, 1999

1.2 OBJETIVO

Tendo como pergunta central de investigação

O que caracteriza o espaço religioso contemporâneo?,

é objetivo da dissertação explorar as regras de natureza compositiva que dão resposta aos princípios decorrentes do Movimento Litúrgico (primeira metade do séc. XX) e do Concílio Vaticano II (1961-1965) e que contribuem para desencadear a experiência religiosa.

Considera-se que a experiência religiosa católica (que assume o seu auge na Eucaristia) pode ser decomposta em 3 dimensões: a dimensão física ou sensorial, relacionada com aquilo que se experimenta através do corpo; a dimensão social, relacionada com vivência comunitária, com os rituais de celebração e de participação na liturgia; a dimensão espiritual, que se prende com a relação com o divino e a ascensão espiritual. A arquitetura religiosa, ao proporcionar uma experiência espacial a um conjunto de pessoas, consegue afetar estas 3 dimensões.

1.3 JUSTIFICAÇÃO

A arquitetura religiosa católica contemporânea, ao responder a alterações litúrgicas propostas no decorrer do séc. XX, procura aliar a extrema depuração e os princípios de funcionalidade associados ao ideário moderno, à experiência religiosa.

Ao rejeitar a ornamentação, aposta na modelação do *invólucro* construído - ao nível da volumetria, da escala, dos materiais, das condições ambientais (temperatura, acústica, luminosidade), da tensão criada entre o interior e o exterior -, bem como na organização espacial das funções litúrgicas, tendo em conta as dinâmicas de uso, nomeadamente a interação e o contacto criados entre os vários fiéis e entre o celebrante e a assembleia, como forma de assinalar o caráter religioso do espaço e potenciar experiência religiosa.

Na arquitetura contemporânea, a conceção do espaço sagrado ou espiritual vai muito além do espaço de congregação, do espaço apto para as cerimónias e rituais religiosos ou do tradicional edifício monumental e ostensivo. A identidade do espaço sagrado e a experiência espiritual estão estreitamente ligadas à experiência espacial. A arquitetura contemporânea trabalha de forma intensa e criativa esta experiência espacial, desligando o conceito de espaço sagrado dos pressupostos tidos até à data.

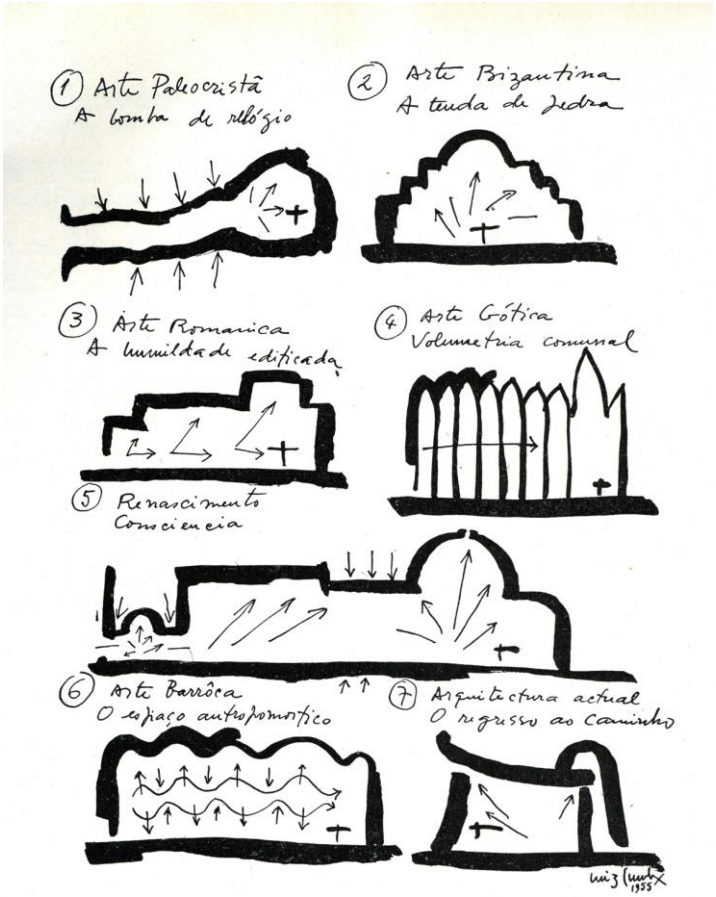


Fig. 1.2 | Os templos mais representativos de cada época vistos segundo um corte longitudinal (esquema de Luiz Cunha, 1955)

Esta ligação entre a experiência espacial e a experiência espiritual (ainda que não especificamente religiosa) é explorada por vários arquitetos.

Le Corbusier definiu o espaço religioso como sendo capaz de gear uma experiência espiritual, designando-o como '*espaço inefável'*. Um '*espaço inefável'* é aquele com "*uma qualidade tão poderosa que não pode ser descrito por palavras*" e isto acontece "*quando o trabalho atinge um máximo de intensidade, quando foi realizado com a maior qualidade de execução, quando atinge a perfeição… Quando isto acontece, os espaços começam a irradiar. Irradiam de uma forma física (…)*". O '*espaço inefável'* é, então, "*um espaço que não depende das suas dimensões mas da qualidade da sua perfeição*".[3] Esta dimensão *inefável* é, então, aquilo que vai além das necessidades e exigências funcionais e programáticas do espaço, que *transcende* as suas qualidades físicas.

[3] Citação retirada da entrevista realizada por William J. R. Curtis a Le Corbusier, in PALLISTER, James. 2015. *Sacred Spaces – Contemporary Religious Architecture*. 1ª edição. Phaidon Press Limited. Londres

Fig. 1.3| Visita de Le Corbusier ao Convento de La Tourette em construção, em 1959, acompanhado dos monges dominicanos

Louis Kahn (1969) destaca o *silêncio* e a *luz* na arquitetura e, a partir destes elementos, introduz o conceito de *alma* do edifício - a dimensão que está além das suas características físicas (a construção), mas que se baseia nelas. Ao abordar o "Silêncio e Luz"[4], Kahn (1969) procura explicar a relação entre o *espírito* das coisas e a forma de manifestação desse *espírito* no mundo real e concreto. O *silêncio* é imaterial e incomensurável e é definido pelo arquiteto como "o desejo de ser". Por outro lado, a *luz* é considerada material e mensurável, por ser "a dadora da presença", o elemento que dá forma ao espaço e "a medida de todas as coisas". Para Kahn, a *luz* é um elemento crucial na conceção de arquitetura e principal responsável pela dimensão espiritual da experiência espacial. É através da manipulação da *luz* que a arquitetura comunica o *silêncio (*o seu *espírito*).

Fig. 1.4| Obras de Louis Kahn: (1) Salk Institute,1965; (2) Kimbell Art Museum,1966-72; (3) Esherick House, 1961

[4] Em Fevereiro de 1969, Louis Kahn deu uma palestra, que teve como título "Silêncio e Luz", na Escola de Arquitetura do Instituo de Tecnologia de Zurique, na Suíça. Esta palestra acabou por ser editada e publicada em livro.

Peter Zumthor (2006) explora a capacidade de um espaço provocar sensações e sentimentos. Essa capacidade e o tipo de sensações e sentimentos despertados dependem da *atmosfera* do lugar. Em Atmosferas[5], Zumthor apresenta nove componentes da *atmosfera* de um lugar: o corpo da arquitetura (os volumes), os materiais, o som, a temperatura do lugar, os objetos presentes, o movimento e o percurso dentro do espaço, a tensão entre o interior e o exterior, a intimidade/escala do lugar e a luz. O arquiteto explica que a forma como estes nove aspetos são trabalhados é o que confere a identidade específica do lugar, guia os seus utilizadores na forma de habitarem e sentirem esse lugar e, assim, determina a qualidade da arquitetura.

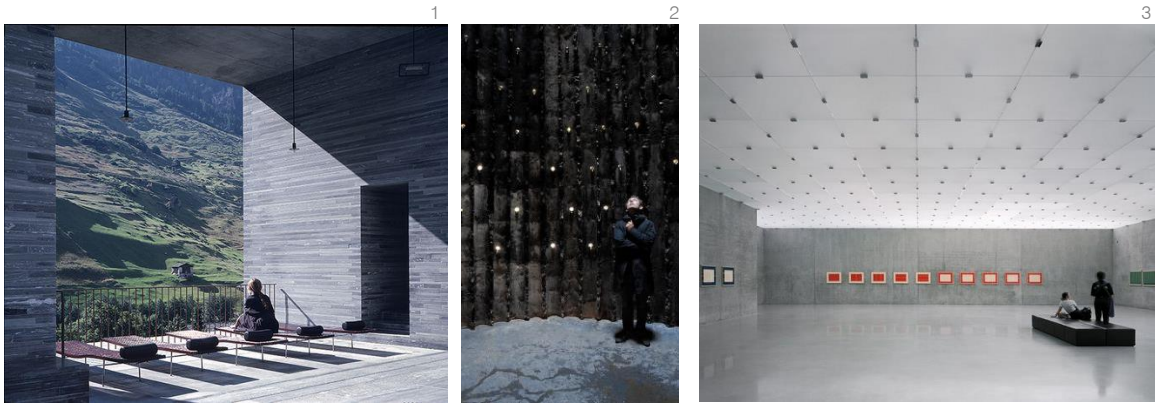


Fig. 1.5| Obras de Peter Zumthor: (1) Termas de Vals,1996; (2) Bruder Klaus Field Chapel,1997; (3) Kunsthaus Bregenz, 1997

1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos sendo possível distinguir dois momentos principais.

No primeiro momento (capítulos 2 e 3), é feita uma contextualização da arquitetura religiosa contemporânea, a partir da arquitetura religiosa moderna.

No capítulo 2, são explorados os conceitos básicos do espaço sagrado e é apresentado o processo de alterações na conceção do espaço religioso. Este processo foi conduzido não só pela Igreja, que apresenta uma visão renovada do espaço litúrgico ao longo do Movimento Litúrgico e no Concílio Vaticano II, como pelos artistas e arquitetos, que aliam as novas ideias e técnicas do Movimento Moderno à arte e arquitetura sacras. Neste sentido, são também apresentadas algumas obras de referência, a nível internacional, de arquitetura religiosa moderna pós-conciliar.

[5] ZUMTHOR, Peter. 2006. *Atmospheres – Architectural environments, surrounding objects*. Birkhauser Verlag AG. Basileia.

No capítulo 3, foca-se este processo de alterações na igreja a nível nacional, apresentando-se as ideias e obras do Movimento de Renovação de Arte Religiosa.

O segundo momento (capítulo 4) corresponde ao trabalho empírico. No capítulo 4 são analisadas oito obras de arquitetura religiosa contemporânea construídas no final no séc. XX e início do séc. XXI, em Portugal e projetadas por arquitetos portugueses:

01 | Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses, Álvaro Siza Vieira, 1990-96

02 | Igreja de Santo António, Portalegre, J. L. Carrilho da Graça, 1993-2009

03 | Capela da Árvore da Vida, Braga, Cerejeira Fontes Arquitetos, 1995-2000

04 | Capela do CREU-IL, Porto, Nuno Valentim & Frederico Eça, 2002-03

05 | Igreja do Convento de S. Domingos, Lisboa, José F. Gonçalves & J. P. Providência, 2004-05

06 | Capela de Santa Ana, Sousanil, e|348arquitetura , 2009 -10

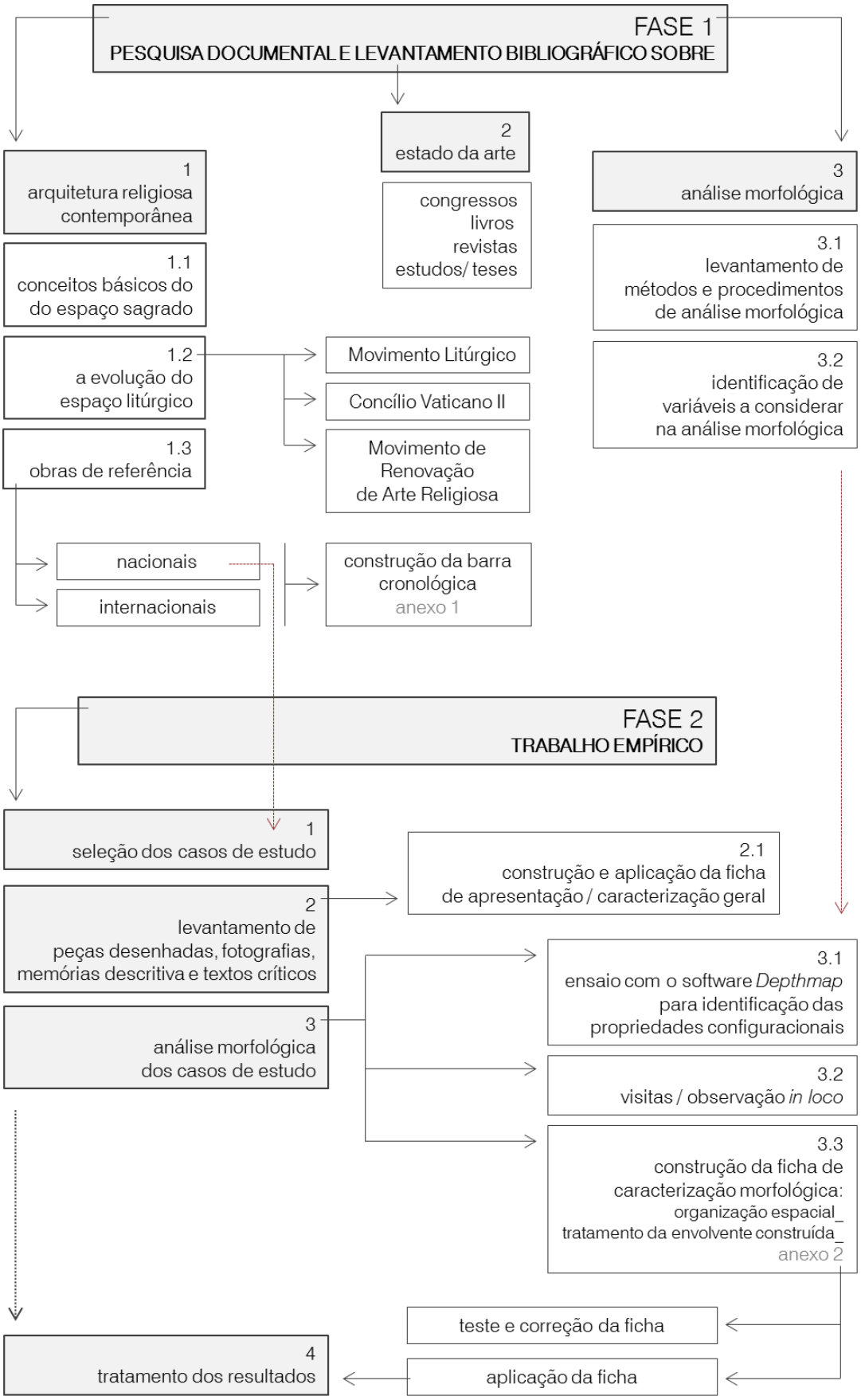
07 | Igreja da Nossa Senhora da Boa Nova, Estoril, Roseta Vaz Monteiro Arquitetos, 2009-10

08 |Igreja da Nossa Senhora das Necessidades, Chãs, Bica Arquitetos 2009-12

O último capítulo corresponde às conclusões e análise crítica do trabalho realizado.

As imagens que acompanham o texto estão devidamente identificadas pela sua legenda e as respetivas fontes podem ser consultadas no índice bibliográfico de imagens.

1.5 METODOLOGIA



1.6 ESTADO ATUAL DOS CONHECIMENTOS

| CONTÉUDO INTERNACIONAL

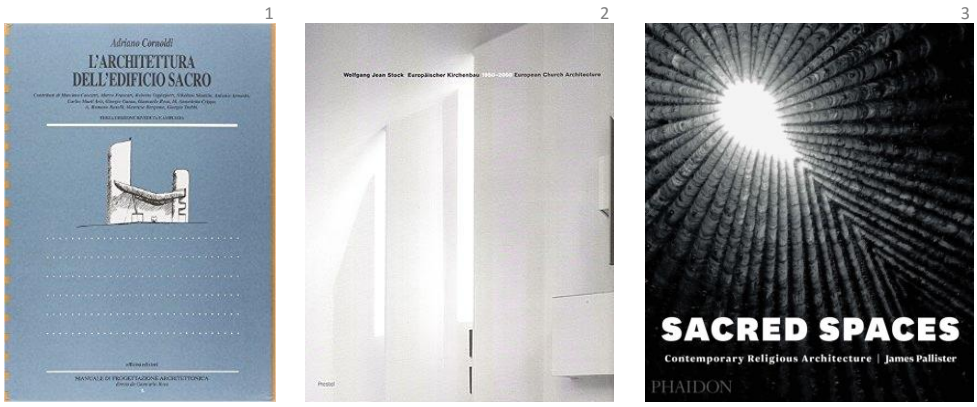


Fig. 1.6| Capas dos livros: (1) *L'architettura dell'edificio sacro,* de Adriano Cornoldi, 1995; (2) *Europaischer Kirchenbau 1950-2000,* de Wolfgang Jean Stock, 2002; (3) *Sacred Spaces,* de James Pallister, 2015

Não existe uma vasta bibliografia internacional sobre a arquitetura religiosa contemporânea. O seu estudo, principalmente no que se refere à influência do Movimento Moderno, do Movimento Litúrgico e do Concílio Vaticano II, intensificou-se apenas no final do século XX. A este respeito destaca-se a obra coordenada por Adriano Cornoldi[6] (1995) L'architettura dell'edificio sacro[7],. Resultado do trabalho de diversos arquitetos italianos reúne vários estudos sobre o espaço sagrado acompanhados pela apresentação de 50 obras religiosas do séc. XX, documentadas pelos alunos do Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza, e alguns esquemas que pretendem apoiar o projeto de edifícios religiosos. Também o papel de revistas internacionais sobre arte sacra, como *L'Art Sacré* (França, 1937-1968), *C+Q - Chiese e Quartiere* (Itália, 1955-1968), *ARA – Arte Religioso Actual* (Espanha, 1965-1981) e Kunst und Kirche (Alemanha) foi importante no estudo, debate, crítica e divulgação da arquitetura religiosa do séc. XX.

Mais recentemente Wolfgang Jean Stock (2002) publicou a obra Europaischer Kirchenbau 1950-2000[8], onde faz uma compilação das igrejas construídas na Europa durante a segunda metade do séc. XX. Reúne uma seleção de mais de oitenta igrejas concentradas sobretudo na Europa Central e Finlândia e diversos ensaios e críticas sobre a arquitetura religiosa católica e protestante.

Também James Pallister[9], publicou em 2015 o livro Sacred Spaces[10]. Trata-se de um livro de grande formato, muito bem ilustrado organizado com base em 5 conceitos que se consideram

[6] arquiteto e professor, natural de Milão

[7] publicado pela editora *Officina Edizione*, em Roma, em 1995

[8] publicado pela editora *Prestel*, em Munique, em 2002

[9] jornalista e editor de arquitetura e design, natural de Londres

centrais nos espaços sagrados contemporâneos, de diferentes confissões religiosas – congregação, claridade, massa, reflexão e revelação -, sendo cada um explorado a partir de 6 obras. As 30 obras escolhidas estão dispersas pelo mundo e foram projetadas tanto por arquitetos de referência, como arquitetos emergentes.

Refira-se ainda as três edições dos *Congressos Internacionais de Arquitetura Religiosa Contemporânea*, realizados em Espanha, nos últimos anos: o primeiro em Ourense, em 2007, com o tema "Arquiteturas do sagrado: memória e projeto"; o segundo também em Ourense, em 2009, com o tema "Entre o conceito e a identidade"; e o terceiro, em Sevilha, em 2013, com o tema "A construção da Igreja mais além dos edifícios de culto: evangelização e arquitetura". Estes congressos têm sido ponto de encontro para investigadores e interessados na arquitetura religiosa contemporânea. As atas dos congressos podem ser consultadas *online* (em *www.arquitecturareligiosa.es*) e revelaram-se uma importante fonte de informação e base de trabalho para esta dissertação.

| CONTEÚDO NACIONAL

1 2 3

Fig. 1.7| Capas de: (1) *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*, de João Alves da Cunha, 2015; (2) *A Igreja do Bairro da Tabaqueira – uma obra de Jorge Viana,* de José Fernandes e João Ribeiro, 2012; (3) *Arqa – Arquitetura e Arte*, edição nº108 - "Lugares Sagrados", 2013

No âmbito nacional, o estudo da arquitetura religiosa contemporânea é muito marcado pelo trabalho realizado nas dissertações de mestrado e doutoramento. Destacam-se três dissertações que se revelaram importantes para o desenvolvimento deste estudo.

Em primeiro lugar, a tese de doutoramento em Arquitetura, na área de história e teoria, pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, do arquiteto João Alves da Cunha, apresentada em Novembro de 2014. A tese tem como tema "O MRAR e os anos de ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte

[10] PALLISTER, James. 2015. *Sacred Spaces – Contemporary Religious Architecture*. 1ª edição. Phaidon Press Limited. Londres

Religiosa nas décadas de 1950 e 1960" e, em 2015, foi publicada em livro[11] pela editora da Universidade Católica. Este estudo constitui-se essencial na compreensão não só do processo de transformação do espaço sagrado que ocorreu em Portugal, liderado pelo MRAR, como de todo o contexto histórico internacional que o implicou.

Em segundo lugar, a tese de doutoramento em Teologia, pelo Instituit Catholique de Paris, de José Manuel Pereira Ribeiro Gomes, apresentada em 2006. A tese tem como tema "Liturgia e arquitetura: uma nova arquitetura para um novo projeto litúrgico" e permitiu uma melhor compreensão das novas exigências e necessidades a que a arquitetura religiosa, repensada com o Movimento Litúrgico, procura responder. A nova conceção do espaço religioso – resumida no conceito de *igreja-casa* - é espelho de uma nova perspetiva sobre a celebração da Eucaristia, focada no altar e na participação ativa dos fiéis.

Por último, a dissertação de mestrado em Arquitetura, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, João Miguel Castanheira Monteiro, apresentada em Julho de 2013. A tese tem como tema "Arquitetura Religiosa em Portugal – Três igrejas do início do séc. XXI" e, a partir dos casos de estudo escolhidos pelo aluno – a Capela de São José (Quebrantões), a Igreja de Santo António (Portalegre) e a Igreja de Nossa Senhora de Lurdes (Coimbra) -, contribuiu para o estudo e caracterização da arquitetura religiosa contemporânea em Portugal.

Não existindo igualmente uma vasta bibliografia, destaca-se o livro A Igreja do Bairro da Tabaqueira – uma obra de Jorge Viana[12] resultado do trabalho de vários arquitetos, coordenado por João Salvado Ribeiro e José Manuel Fernandes, e a edição nº108 da revista portuguesa *Arqa – Arquitetura e Arte*, de Julho/Agosto 2013, com o tema "Lugares Sagrados".

Verificou-se, ainda, a pertinência do trabalho realizado pelo Secretariado Nacional para a Pastoral da Cultura no acompanhamento, divulgação e crítica de obras de arquitetura religiosa contemporânea em Portugal, através da publicação de artigos no seu *site online*[13].

[11] ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX.* 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa

[12] FERNANDES, José M., RIBEIRO, João S. 2012. *A Igreja do Bairro da Tabaqueira – uma obra de Jorge Viana*. 1ª edição. Adictologia Unipessoal Lda. Lisboa.

[13] *www.snpcultura.org*

Fig. 1.8| Capas de: (1) *The Social Logic of Space*, de Bill Hillier e Julienne Hanson,1984; (2) *Space is the Machine,* de Bill Hillier, 2007; (3) *Le Corbusier – Análisis de la Forma,* de Geoffrey Baker, 1986; (4) *Design Drawing* de Ching, 1998

As necessidades de organizar o trabalho, definir e executar uma metodologia de análise adequada aos objetivos pretendidos, e de apresentar os resultados obtidos de forma clara, implicou a pesquisa e escolha de referências ao nível da morfologia arquitetónica.

Em relação à metodologia para análise morfológica, as obras The Social Logic of Space[14] de Bill Hillier e Julienne Hanson (1984) e Space is the Machine[15] de Bill Hillier (2007) exploram pormenorizadamente a teoria e os conceitos de *Space Syntax* (análise de sintaxe espacial), bem como os procedimentos técnicos a realizar, o que permitiu a sua aplicação neste estudo.

As obras Le Corbusier – Análisis de la Forma[16], de Geoffrey Baker (1986), Design Drawing[17] de Ching (1998) e Building Types and Built Forms[18] de Philip Steadman (2014), num primeiro momento, ao 'dissecarem' várias obras, facilitaram a identificação de variáveis para a caracterização morfológica dos estudos de caso - tais como a implantação no lugar, a forma e geometria, a configuração global do edifício, a articulação com outros edifícios e a sua presença urbana, a entrada de luz, as relações visuais e o controlo do espaço. Num segundo momento, e sobretudo a obra de Geoffrey Baker, serviram de referência para a concretização e apresentação da análise. Os desenhos, esquemas, diagramas feitos à mão constituíram não só uma abordagem ao estudo, como um método de trabalho, que se revelou útil e pertinente, permitindo obter e comunicar os resultados de forma sintética, objetiva e apelativa.

[14] HILLIER, B., HANSON, J.1984. *The Social Logic of Space*. Cambridge University Press. Londres

[15] HILLIER, Bill. 2007. *Space is the Machine – A Configurated Theory of Architecture, Space Syntax*. Press Syndicate of the University of Cambridge. London

[16] BAKER, Geoffrey H. 1986. *Le Corbusier – Análisis de la Forma* (edição castelhana). 2ª edição. Editorial Gustavo Gili. Barcelona

[17] CHING, Francis. 1998. *Design Drawing*. Van Nostrand Reinhold. New York

[18] STEADMAN, Philip. 2014. *Building Types and Built Forms*. Troubador Publishing. Leicestershire

CAPÍTULO 2 | A IGREJA MODERNA: O PROGRAMA E O ESPAÇO LITÚRGICO

RESUMO

As novas orientações assumidas pela Igreja Católica no Concílio Vaticano II geraram alterações concretas e práticas nos lugares de culto e colocaram novos desafios à arquitetura religiosa. Entendia-se que o espaço de culto deveria refletir a vontade renovada de aproximação e serviço às comunidades.

Este capítulo tem como objetivo apresentar as alterações no programa e espaço litúrgico das igrejas, desenvolvidas com o Movimento Litúrgico e confirmadas com o Concílio do Vaticano II, enquadrando-as no contexto ideológico, cultural e artístico que influiu na sua conceção.

O capítulo está organizado em cinco partes. Na primeira parte, introduzindo o tema, são apresentados alguns conceitos básicos sobre arquitetura religiosa. Na segunda, são referidos os valores e consequentes alterações na conceção do espaço litúrgico que surgiram com o Movimento Litúrgico e foram assumidas pelo Concílio Vaticano II. Na terceira parte, são apresentados os conceitos-chaves que definem o modelo de *igreja-casa*, enquanto via de concretização do espírito da Igreja pós-conciliar. É ainda abordado, na quarta parte, a influência da arte e arquitetura moderna neste processo de alterações. Por último, são apresentadas cinco fichas relativas a cinco obras de referência na arquitetura religiosa moderna e pós-conciliar, que concretizam ideias do modelo de *igreja-casa*.

2.1 A IGREJA-EDIFÍCIO: CONCEITOS BÁSICOS

Em primeiro lugar, torna-se pertinente distinguir o *sagrado* do *religioso*. As realidades sagradas são aquelas que foram destinadas a servir a relação entre o *imanente* e o *transcendente*. As pessoas, objetos, edifícios ou lugares, incluindo a arquitetura, são *sagrados* quando foram consagrados a uma divindade e, por isso, são relativos a determinada confissão religiosa.[19]

No Cristianismo, a arte sacra é aquela que serve o culto e que, segundo um rito, foi consagrada, de forma a ser introduzida na liturgia. A arte religiosa, por outro lado, engloba toda a manifestação artística que tem conteúdo espiritual. Trata-se, portanto, de algo mais genérico e a sua introdução na liturgia não está automaticamente autorizada pela Igreja.

A sacralidade da igreja católica, enquanto edifício, não reside nas suas características espaciais e artísticas, mas sim na sua *consagração*, no facto de se ter estabelecido, segundo um rito específico, como lugar dedicado a Deus e que pretende servir uma comunidade de crentes. O essencial do culto católico não é o espaço – igreja -, mas o acontecimento que no seu interior toma lugar – a congregação de pessoas para a oração em comunidade e celebração da Eucaristia, ou seja, a Igreja. Assim, no Cristianismo, dois conceitos diferentes fundem-se na mesma palavra. A Igreja é o povo de Deus, onde Deus realmente habita, enquanto que a igreja é a casa do povo de Deus. A casa do povo de Deus não tem de ser um espaço particularmente grandioso, tem apenas de servir a fé.

Apesar de os edifícios (tal como os objetos e ritos) serem apenas elementos materiais e formais que apoiam a liturgia, são necessários pelas suas dimensões simbólica e prática. Dado que o culto católico é uma atividade que conjuga as esferas pessoal/coletiva e espiritual/material, a igreja-edifício tem de servir a conjugação destas esferas, através da sua expressividade, e ajudar a 'materializar' a presença de Deus. Para além disso, são necessários espaços privilegiados para a oração e que permitam a administração dos sacramentos. Deste modo, não só a condição prática, como a condição estética do edifício e a atmosfera criada são importantes para uma vivência plena do culto.

[19] No Cristianismo, o *sagrado* é denominado de *santo*, no entanto, esta designação só é aplicada a pessoas.

2.2 OS ANTECEDENTES: MOVIMENTO LITÚRGICO E CONCÍLIO VATICANO II

O Movimento Litúrgico surge para dar resposta a um problema concreto na Igreja - o distanciamento dos fiéis da liturgia[20] -, decorrente da forma como se realizava a celebração litúrgica. Defendia-se a necessidade de uma participação ativa dos fiéis na celebração litúrgica e que esta fosse, de facto, a oração de todos, a oração da Igreja.

A celebração litúrgica, que era realizada em latim e com o celebrante de costas para a assembleia, tornara-se a oração exclusiva dos clérigos, na qual os fiéis eram apenas espectadores e não encontravam sentido para uma vivência pessoal da fé – Missa Tridentina ou Missa de São Pio V. Assim, durante a celebração litúrgica podiam considerar-se dois planos distintos da celebração em paralelo: o litúrgico e oficial (distante dos fiéis, vivido pelos celebrantes) e o de verdadeira oração (vivido pelos fiéis de forma individual e à margem). A assembleia não celebrava, apenas assistia[21].

O Movimento Litúrgico foi-se consolidando durante o período das grandes guerras, justificado pelas necessidades de aproximar fiéis e Igreja e de adequar os espaços de culto à difícil situação política, social e económica vivida com as guerras, concretizando uma imagem da Igreja servidora e solidária[22]. É no papado de Pio XII (1939-1958) que se assume uma reforma real na liturgia. Entre várias novidades e alterações, destacam-se a admissão da língua vernácula, a reforma da Vigília pascal e da Semana Santa e a simplificação do jejum eucarístico.

Os princípios do Movimento Litúrgico podem ser resumidos em três ideias:

- Regressar às fontes do cristianismo, à sua essência e autenticidade;[23]
- Recentrar a liturgia em Jesus Cristo e tornar o altar o foco da celebração eucarística;
- Estimular a participação ativa dos fiéis numa celebração que é comunitária e realizada pelo *povo de Deus.*

---

[20] Este tema foi pela primeira vez mencionado no Congresso de Obras Católicas na Bélgica, pelo monge beneditino Lambert Beauduin, no início do séc. XX. Esta iniciativa apoiou-se no primeiro documento pontifical do Papa Pio X sobre Música Sacra (1903) que assumia a participação ativa dos fiéis como algo indispensável no verdadeiro espírito cristão.

[21] No Concílio de Trento (1543-1563) foi já apresentada esta necessidade de reformar a liturgia e iniciada a revisão dos livros litúrgicos. Era necessário organizar a celebração, torná-la mais simples e clara. Cria-se um novo rito para a liturgia – missa tridentina. No entanto, os livros continuaram a ser direcionados para os celebrantes; as alterações realizadas tiveram pouco impacto real para a assembleia e a celebração continuou pouco acessível aos fiéis. Durante os quatro séculos seguintes, até ao Concílio Vaticano II, chamada a "era rubricista", o trabalho realizado na liturgia resume-se a comentários feitos aos livros litúrgicos e decretos.

[22] O entusiasmo com a descoberta da vida comunitária de oração e da essência da Eucaristia, fez com que este Movimento deixasse de estar limitado a apenas alguns países e ganhasse grandes proporções. No entanto, como em qualquer processo de mudança, existiram resistências e opositores, o que fez com que a intensidade dos avanços fosse variando ao longo do tempo e nos diferentes lugares.

[23] Reencontrar a essência e o sentido das formas, ritos, sacramentos, gestos, fórmulas e cerimónias.

O Concílio Vaticano II (XXI Concílio Ecuménico da Igreja Católica) - convocado em 1961 pelo Papa João XXIII e terminado em 1965 no papado de Paulo VI - surge na sequência e como consequência de todo este trabalho, afirmando as reformas iniciadas com o Movimento Litúrgico.

Fig. 2.1 | Fotografias do Concílio Vaticano II: (1) sessão de abertura com o Papa João XXIII; (2) sessão de trabalho

Tomando a liturgia como assunto inicial, a sua primeira ação foi, em 1963, a constituição conciliar *Sacrossanctum Concilium* sobre a Sagrada liturgia. O objetivo era encontrar formas de aproximar os fiéis da Igreja e de os convidar e entusiasmar à experiência de oração em comunidade na Eucaristia, considerada essencial para a vivência plena da fé cristã.

Assumidas estas novas bases doutrinais, não só os textos e ritos deviam ser reordenados, também o espaço de culto tinha de ser repensado, a partir de dentro, a partir do seu programa – a liturgia.[24]

Nascem, assim, uma nova configuração do espaço litúrgico e uma nova arquitetura religiosa. A vontade de aproximar as pessoas da celebração da liturgia concretizou-se, sobretudo, na mudança de posição do altar. O altar deixa de ser um *balcão* colado à parede de fundo do presbitério, para se tornar uma *mesa*, colocada no centro do presbitério e o celebrante toma uma nova posição, de frente para a assembleia – Missa de Paulo VI.[25]

Em relação à disposição da assembleia, esta, num primeiro momento, mantem a sua configuração axial-processional, reduzindo-se apenas a distância e os obstáculos até ao presbitério. Num segundo momento, adota uma configuração centralizada, rodeando o altar por três lados.

[24] Não existem declarações oficiais do Vaticano com concretas propostas de alteração do espaço de celebração litúrgica, existem apenas recomendações pastorais e sugestões. A rápida propagação e concretização destas ideias e alterações constituiu-se, por isso, um fenómeno estranho. No entanto, tratou-se de um processo que envolveu tanto arquitetos como sacerdotes e religiosos.

[25] Alteração litúrgica sugerida ao longo do Movimento Litúrgico e confirmada pelo Concílio Vaticano II, no papado de Paulo VI.

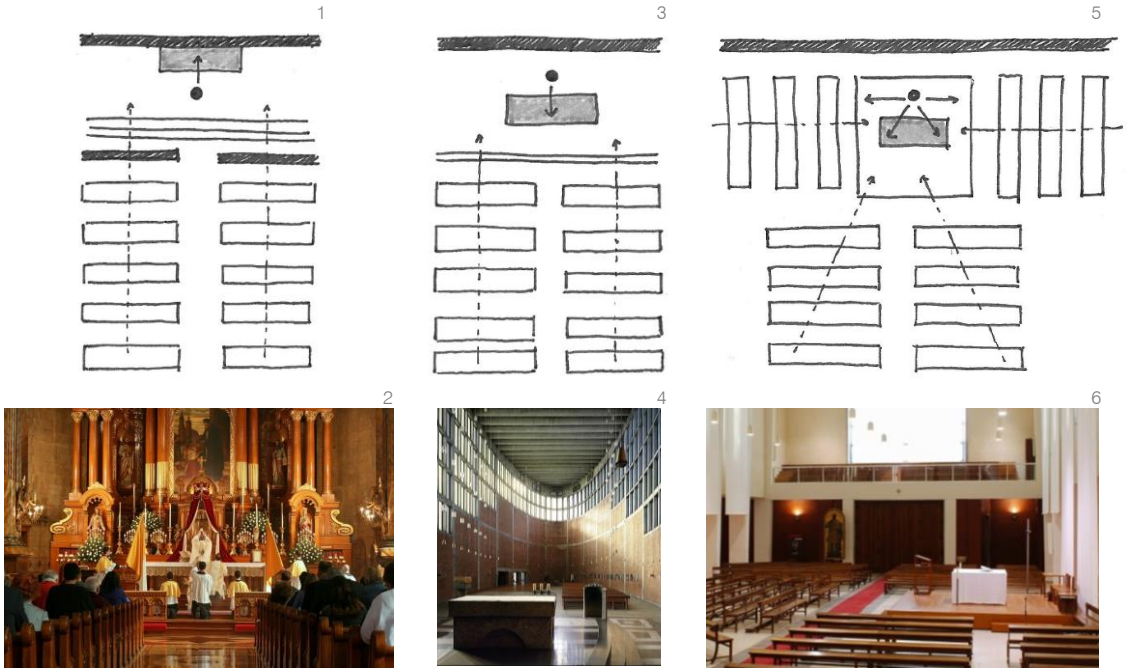


Fig. 2.2| Diferentes configurações do espaço litúrgico:
(1) Estudo em planta – altar como balcão, disposição axial-processional da assembleia, celebração da Missa Tridentina; (2) Igreja de St. John Cantius, Chicago (EUA), Adolphus Druiding, 1893;
(3) Estudo em planta - altar como mesa, disposição axial-processional da assembleia, celebração da Missa de Paulo VI; (4) Igreja de St. Therese, Linz (Aústria), Rudolf Schwarz, 1961
(5) Estudo em planta - altar como mesa, disposição centralizada da assembleia, celebração da Missa de Paulo VI; (6) Igreja do Colégio S. João de Brito, Lisboa, 2001-03 (data do projeto de remodelação, apresentado na imagem, do arquiteto Bernardo Miranda)

De seguida, é apresentado um esquema, elaborado com base na Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* (1963) e na instrução *Inter Oecumenici* (1964) - instrução para a reta aplicação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II, preparada pelo Concílio e apresentada pelo Cardeal Giacomo Lercaro ao Papa Paulo VI.

Este esquema procura abordar, de forma sintética e prática, as diretivas da Igreja, que surgiram com o Concílio Vaticano II e estão ainda hoje em vigor, no projeto dos espaços de culto.

Sacrário :

- Tabernáculo sólido e seguro;
- Colocado no altar-mor, num altar lateral ou noutro local especial da igreja e devidamente ornado.

Ambão:

- Colocado de forma a que os fiéis possam claramente ver e ouvir o leitor.

Lugar para os fiéis:

- Tem de permitir a participação nos ritos sagrados de corpo e alma;
- Os fiéis têm de conseguir ver e ouvir o celebrante e outros ministros;
- Deve haver bancos ou cadeiras;
- Não existem lugares privilegiados e não é permitida a reserva de lugares;
- Podem ser utilizados sistemas de som modernos.

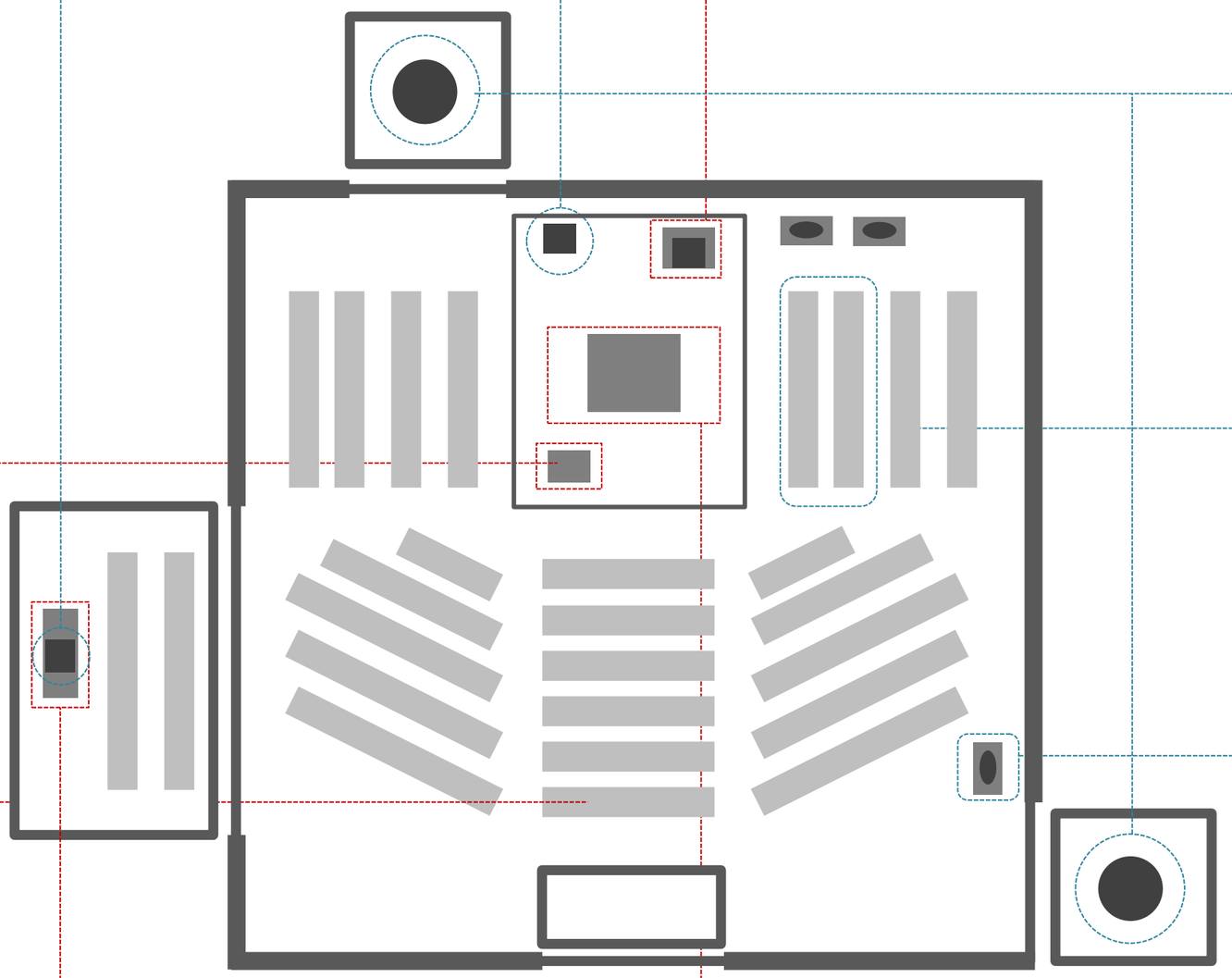


Fig. 2.3| Estudo em planta - aplicação das diretivas para o projeto de espaços de culto católicos enunciadas na Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* (1963) e na instrução *Inter Oecumenici* (1964); fotografias da Igreja da Sagrada Família, bairro da Tabaqueira, Albarraque (Sintra), Jorge Viana (1965), in FERNANDES, José M., RIBEIRO, João S. 2012, *A Igreja do Bairro da Tabaqueira – uma obra de Jorge Viana*. 1ª edição. Adictologia Unipessoal Lda. Lisboa

Cadeira para o celebrante e para os ministros

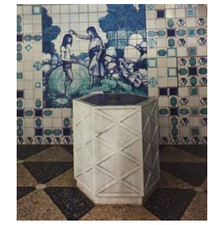
- Deve ser visível a todos os fiéis e dar a entender que o celebrante preside a inteira comunidade.
- Deve ficar atrás do altar
- Deve ser evitada qualquer semelhança com um trono

Altar lateral

- Deve haver altares menores;
- Sempre que possível, devem ser localizados em capelas separadas do corpo da igreja e do espaço de culto principal.

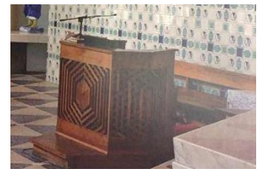
Altar-mor:

- Preferencialmente separado da parede, para permitir que se celebre de frente para o povo;
- Posição central no lugar de culto, de modo que a atenção de toda a assembleia se volte naturalmente para ele;
- A escolha dos materiais (construção e ornamento) deve respeitar as prescrições legais;
- Tem de ter área suficiente para a celebração dos ritos sagrados;
- A cruz e os castiçais, necessariamente associados ao altar, podem ser colocados sobre o altar ou próximos a ele.



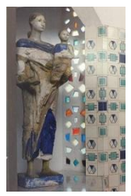
Batistério:

- Deve expressar a dignidade do sacramento do batismo;
- Lugar adequado para celebrações comunitárias.



Lugar para o coro e órgão

- Posição que permita o melhor cumprimento do seu papel na liturgia;
- Deve ser claro que os cantores e o organista fazem parte da assembleia.



Imagens:

- Devem existir imagens expostas para veneração;
- Devem ser em número moderado e colocadas de forma ordenada.

Iconografia e ornamento:

- A Igreja não tem um só estilo, aceita a arte de cada lugar e de cada tempo;
- Deve contribuir para a dignidade e beleza do culto;
- Deve servir as exigências dos ritos.

2.3 O MODELO DE *IGREJA-CASA*

O modelo da *igreja-casa* apresenta-se como uma resposta atual e eficaz às orientações da Igreja pós-conciliar. Opõe-se ao modelo de igreja como templo ou monumento, ou como espaço anónimo, inspirando-se nos espaços primitivos de celebração da fé católica, e pode ser definido a partir de três valores principais que se interligam - hospitalidade, simplicidade e flexibilidade – e que têm como base a centralidade do altar.

A celebração da Eucaristia é o grande acontecimento a tomar parte dentro do espaço da igreja e o centro da vida comunitária católica. Esta é *a refeição* da família católica. Por isso, o foco da celebração litúrgica está no altar.

O altar, que deixa de ser um *balcão*, para se deslocar para o seu centro e assumir a forma de uma *mesa,* ganha visibilidade e uma presença dominante. Torna-se o ponto onde todas as atenções concorrem e o espaço litúrgico deve organizar-se segundo esta exigência de centralidade.

1 2 3

Fig. 2.4| (1) Capela ecuménica do MIT, Eero Saarinen, 1955; (2) Igreja de Saint-Pierre, Le Corbusier, 1963-2006; (3) Capela del Retiro, Cristian Undarraga, 2009

HOSPITALIDADE

A dimensão da hospitalidade, sempre associada à Igreja, ganha a intenção clara de aproximar as pessoas para uma participação ativa na liturgia. É necessário que o próprio espaço seja reflexo desta vontade.

Por isso, procuram-se espaços amplos e permeáveis, sem hierarquias nem obstáculos à visibilidade (pilares ou recantos), com lugar para todos e sem lugares privilegiados, pois todos são, de igual forma e sem exceções, convidados à Eucaristia. Procura-se um sentido de unidade espacial através de plantas com uma configuração global simples (geometria básica), potenciando o sentido de unidade espiritual da comunidade.

Uma vez mais, torna-se importante que os fiéis se posicionem perto do altar e sugerem-se as plantas circulares ou em leque que, para além de marcarem a centralidade do altar, permitem reduzir e homogeneizar a distância de todos os fiéis ao altar, reforçando a ideia de *família reunida*.

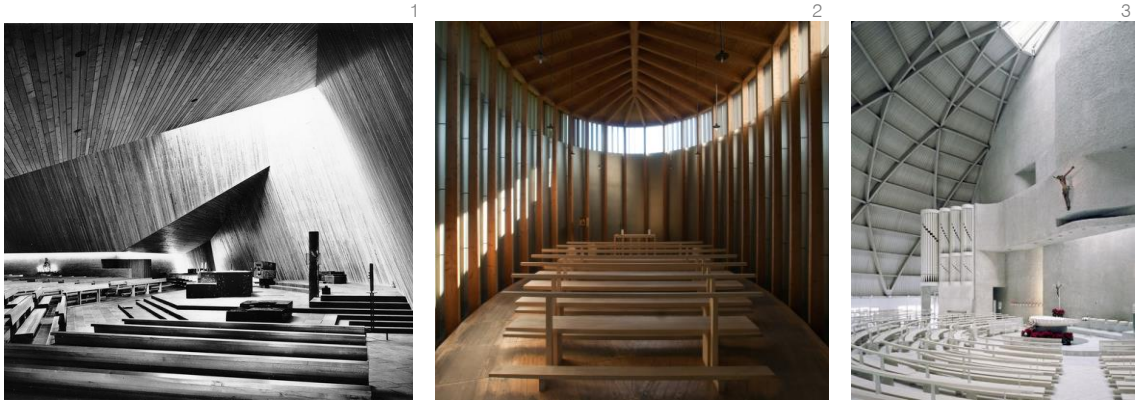


Fig. 2.5| (1) Igreja de St. Antonious, Justus Dahinden, 1966-69; (2) St Benedict's Chapel, Peter Zumthor, 1988; (3) Igreja de San Massimiliano Kolbe, Justus Dahinden, 1992

SIMPLICIDADE

A simplicidade do espaço, necessária para que nada distraia a atenção dos fiéis do altar, torna-se um fator marcante no desenho das igrejas.

Tal como uma casa, a igreja não deve apresentar a ostentação e riqueza de um monumento ou estimular o distanciamento como num museu. Procura-se que o espaço litúrgico seja um lugar acolhedor e despojado, nunca abdicando da sua devida dignidade e honra. Reserva-se ao altar o maior protagonismo visual, sendo, por isso, o elemento mais ostensivo.

Esta intenção manifesta-se na sobriedade do projeto arquitetónico, incluindo decisões como a dimensão da igreja, a escolha dos materiais, a decoração, a disposição de imagens e ícones, entre outras.

Fig. 2.6| (1) Igreja de St. Anna, Rudolf Schwarz, 1951-56; (2) Igreja de San Giovanni, Studio Zermati e Associati, 2007

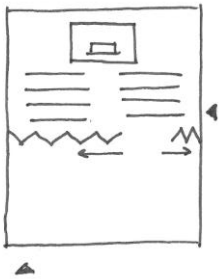
FLEXIBILIDADE

A flexibilidade está relacionada com a presença atenta, próxima e servidora da Igreja, que pretende responder da forma mais completa possível às necessidades do dia-a-dia das comunidades, apoiando sobretudo os mais necessitados. Isto reflete-se na capacidade de o próprio edifício acolher ou adaptar-se a diversas funções, além da litúrgica.

Assim, tornam-se mais comuns os aglomerados edificados multifuncionais que servem as paróquias, em detrimento das construções isoladas (compostas apenas pelo espaço de celebração, sacristia e capela secundária). Estes conjuntos paroquiais providenciam, além da igreja, espaços para lares de idosos e centros de dia, creches e ATL's, cafetarias e cantinas, e mesmo outras atividades lúdicas como cinema, festas, aulas de dança, etc.

Numa escala mais pequena, surgem as capelas-salão. Nestas capelas, o espaço de culto pode ser modificado, sendo possível aumentá-lo por ocasião das grandes celebrações, ou reduzi-lo de forma a utilizar-se o espaço restante como espaço de convívio e serviço à comunidade.

1



2

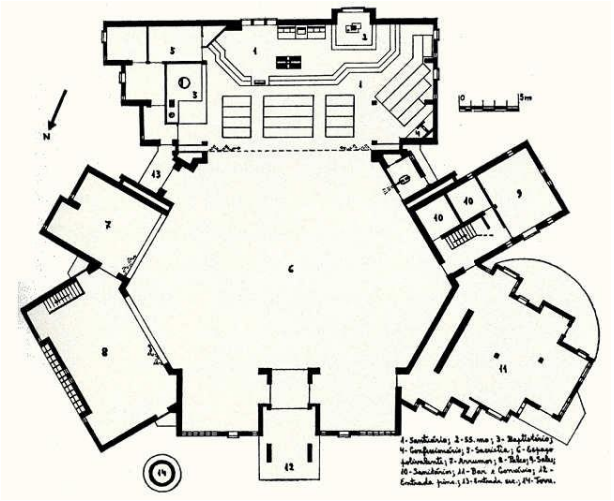


Fig. 2.7| Capela-salão: (1) esquema em planta; (2) Igreja paroquial de Santa Joana, Aveiro, Luiz Cunha, 1972-76

2.4 O INÍCIO DA ARQUITETURA RELIGIOSA MODERNA: A ARTICULAÇÃO ENTRE O MOVIMENTO LITÚRGICO E O MOVIMENTO MODERNO

"A modernização da arquitetura e a renovação da liturgia uniram-se assim numa procura de comum interesse e reforçaram argumentos uma da outra." [26]

Como foi referido, o Movimento Litúrgico e o Concílio Vaticano II procuraram para a Liturgia um sentido de autenticidade e de simplicidade dos ritos que permitisse a celebração da Eucaristia em comunidade e com entusiasmo. Procuraram-se então espaços simples, centrados no altar, despojados de ornamento, que potenciassem a vivência '*de corpo e alma'* da celebração. O Movimento Litúrgico encontra nos princípios do Movimento Moderno – funcionalismo, depuração, autenticidade, racionalismo, clareza - uma forte correspondência.

Assim, a arquitetura religiosa é repensada e renovada não só por necessidade da Igreja, mas também por iniciativa dos próprios artistas/arquitetos de que o *espírito moderno* chegasse aos espaços sagrados e de culto.

O início do processo de concretização das ideias do Movimento Litúrgico foi marcado pelo trabalho de divulgação da revista *L'Art Sacré* (França), pelo trabalho desenvolvido por especialistas como Marie-Alain Couturier[27] (1897-1955), Pie-Raymond Régamey (1900-1996), Romano Guardini (1855-1968) e Rudolf Schwartz (1905-1994), e pela ação de grupos e movimentos como a *Sociedade de São Lucas* (Suíça) e *Quickborn* (1920-39, na Alemanha).

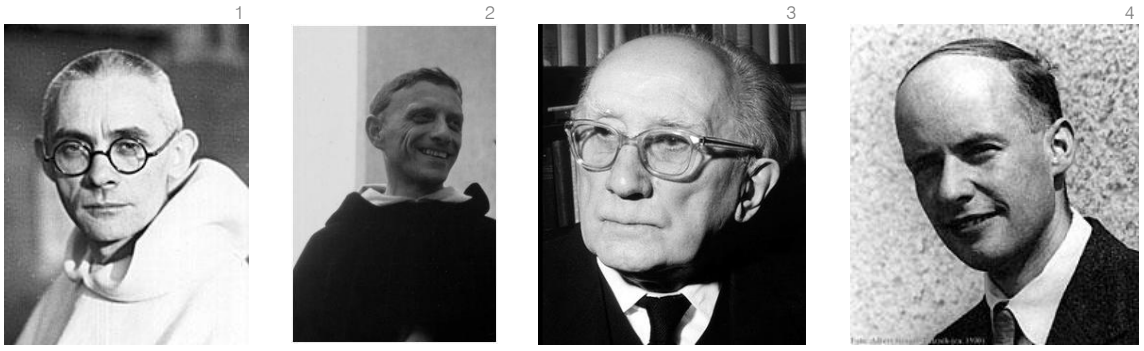


Fig. 2.8| (1) Marie-Alain Couturier; (2) Pie- Raymond Régamey; (3) Romano Guardini ; (4) Rudolf Schwarz

[26] ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX.* 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa (retirado do prefácio de João de Almeida)

[27] Marie-Alain Couturier, padre dominicano e também artista, viveu e trabalhou em França. Entendia que a má qualidade das peças de arte sacra presentes nos espaços de culto era responsável por uma experiência de fé com menor intensidade. Acreditava que a estética, concretizada em ambientes e obras de alta qualidade artística, era estimuladora uma maior força espiritual, que cativasse e aproximasse os fiéis.

A parceria Marie-Alain Couturier e Pie-Raymond Régamey (também padre dominicano) foi, a partir da 1945, responsável pela edição da revista francesa *L'Art Sacré*. A ação efetuada através desta revista foi pautada pela crítica e pelo estímulo para a criação de obras de arte sacra de alta qualidade, por parte de artistas reconhecidos, revindicando também para a Igreja o direito à modernização.

Na Suíça, destacou-se a intervenção da Sociedade de São Lucas. O seu propósito era o de reunir todo o tipo de artistas – arquitetos, escultores, pintores, artistas gráficos, ourives, etc. – e membros do clero católico, de forma a estimular a criação de arte sacra adequada a cada lugar, tanto a nível religioso como artístico, assumindo-se contra a produção industrial e em série de peças de arte sacra. O seu trabalho, igualmente marcado pela crítica e pelo debate, passou pela organização de exposições, congressos, concursos e conferências.

Romano Guardini[28] é considerado o principal responsável por levar as ideias do Movimento Litúrgico para fora dos mosteiros onde tiveram origem e por fazê-las chegar às paróquias e aos leigos. Com esta perspetiva, e determinado em conhecer e trabalhar a simbologia religiosa, estabelece a ponte com arquitetos. Rudolf Schwarz, discípulo do movimento de *Quickborn*, trabalha a essência do edifício-igreja e a nova tensão que, a partir do Movimento Litúrgico, o define: *envolvência/simplicidade/intimidade/familiaridade vs. transcendência/espiritualidade*. Isto é, a capacidade que o espaço tem de estimular o sentido de comunidade/família e a participação ativa dos fiéis (*igreja-casa*), ao mesmo tempo que estimula a relação com o transcendente e que se assume como um lugar sagrado.

Rudolf Schwarz, arquiteto alemão, foi responsável pelo projeto para a igreja de St. Fronleichnam em Aachen (Alemanha), em 1930. Esta é considerada a primeira igreja católica a adotar os princípios da arquitetura moderna. Seguindo influências da Bauhaus, assume-se como um simples volume branco de forma paralelepipédica, semelhante aos comuns edifícios industriais.

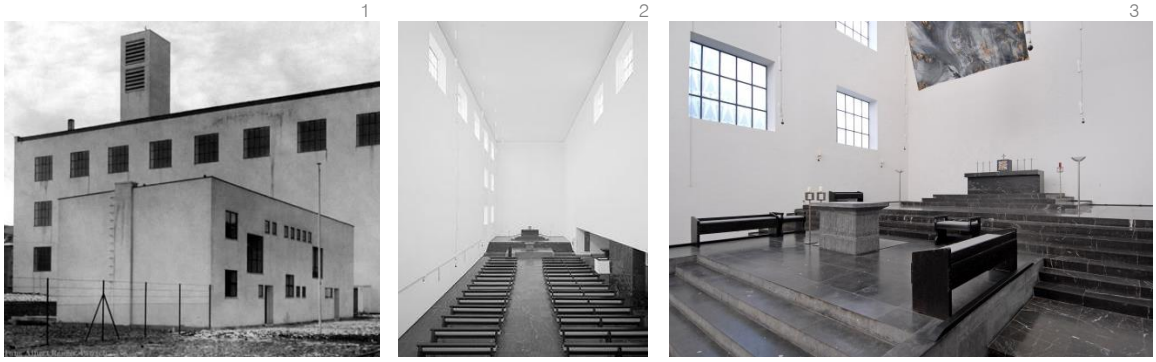


Fig. 2.9| Igreja St. Fronleichnam, Rudolf Schwarz, 1930: (1) vista do exterior; (2) vista do espaço de celebração; (3) vista do altar

[28] Padre diocesano, teólogo e pedagogo, que viveu e trabalhou na Alemanha ao serviço da pastoral universitária, tendo sido assistente do movimento juvenil *Quickborn*. Além de defender a liturgia como o centro da vida cristã, Guardini entendia que se tratava de um meio de formação na fé cristã. Entendia que a chave para uma vivência litúrgica intensa estava na capacidade de perceção dos seus símbolos, não só da celebração como do espaço celebrativo.

Apesar de manter o sentido axial-processional da assembleia, geralmente adotado até à data, apresenta uma planta livre de colunas – possibilidade que advém da construção com recurso ao betão armado. O pé-direito elevado, o desenho depurado, as grandes paredes brancas e a ausência total de imagens permitem concretizar a transcendência e sacralidade do espaço. Torna-se um espaço extremamente eficiente, não só no sentido prático do funcionamento da celebração litúrgica, mas também pela intensidade do *silêncio visual* que liberta e potencia a experiência de fé dos fiéis [29].

Projetada uns anos mais tarde (1937-1946) em Passy (França), destaca-se, num sentido diferente, a igreja de Notre Dame de Toute Grace. A igreja, construída com a pedra da região, normalmente utilizada para construir *chalets*, possui, por isso, um aspeto vernacular típico do Alpes. O seu exterior é volumetricamente marcado pela cobertura de duas águas muito inclinada (preparada para os grandes nevões) e pela torre-campanário.

Fig, 2.10| Igreja de Notre Dame de Toute Grace, Maurice Novarina, 1937-46
(1) vista do exterior; (2) vista do espaço de celebração; (3) vista da capela do Santíssimo (capela lateral)

No seu interior destaca-se a forte estrutura de madeira que suporta a cobertura e acentua o caráter vernacular. A singularidade desta igreja, então, não reside na sua forma, mas sim na sua rica decoração interior. Pela influência de Marie-Alain Couturier, a criação dos elementos decorativos ficou a cabo de alguns dos artistas plásticos mais conhecidos da primeira metade do séc. XX.

Com os vitrais, painéis de mosaicos, imagens, elementos da iconografia, esculturas, pinturas e tapeçarias da autoria de artistas como Marc Chagall, Georges Rouault, Henri Matisse ou Fernand Léger, esta obra ganhou relevância. Tornou-se uma manifestação da capacidade dos artistas modernos para pensarem e produzirem arte sacra de qualidade.

---

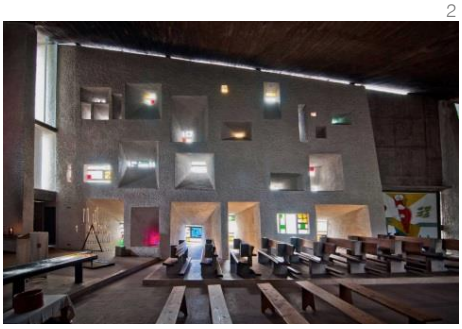
[29] "*Lo notable, lo nuevo y hasta desconcertante de esta iglesia era la simplicidad, la pureza y la desnudez abrumadora del volumen central, iluminado profusamente por altos ventanales incoloros. El arquitecto dirá más tarde que quiso crear un espacio que fuera imagen del vacío que debe ser colmado por la presencia de Dios*", in PLAZAOLA, Juan. 1999. Historia del Arte Cristiano – Serie de Manuales de Teología. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid

Em relação à conceção do espaço litúrgico, apresenta algumas novidades, colocando o sacrário fora do presbitério, num espaço reservado e acessível pelas pessoas, deixando o altar no centro.

A grande influência da arquitetura moderna na arquitetura religiosa acontece depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Um dos maiores acontecimentos arquitetónicos do século é a reconstrução de igrejas, na Alemanha, depois do ataque à cultura cristã durante a guerra. O Holocausto, a destruição, o sofrimento marcam a cultura do séc. XX e transparecem intensamente na arte sacra do pós-guerra. A expressão da dor concretiza-se em formas e figuras abstratas, complexas, interpelantes e agressivas. A capela de Notre Dame du Haut (Ronchamp, 1950-1955), de Le Corbusier, torna-se o auge dessa expressão.

1

2



Fig, 2.11 | Capela de Notre Dame du Haut, Le Corbusier, 1950-55: (1) vista do exterior; (2) vista do espaço de celebração

A capela, construída em betão, caracteriza-se também pela sua plasticidade, sobretudo quando enquadrada nas restantes obras de Le Corbusier.. Destaca-se a grossura das paredes, o recurso à linha curva, os vãos e a cobertura aparentemente flutuante. O arquiteto projetou um espaço de culto católico livre dos vínculos da tradição cristã, que, por isso, serve o essencial de todas as religiões. A grande expressividade das formas e a conjugação das cores e da luz criam uma atmosfera de grande intensidade espiritual.

A organização do espaço celebrativo apresenta alterações. O presbitério encontra-se apenas ligeiramente elevado, com o altar isolado no centro. A assembleia coloca-se bastante próxima do altar, adotando a configuração axial-processional. O sacrário encontra-se numa capela separada do espaço celebrativo.

A capela de Notre Dame du Haut, um exemplo singular e de exceção de arquitetura religiosa do seu tempo, tornou-se um edifício icónico e marco da arquitetura moderna. A exceção tornou-se regra e a capela de Le Corbusier é, ainda hoje, referência para a arquitetura contemporânea.

A arquitetura religiosa moderna, pela sua abstração e sobriedade, torna-se expressão do trabalho pelo ecumenismo e diálogo inter-religioso. A redução de ornamento, símbolos e imagens de cariz católico nos espaços de culto concretiza uma abertura a outras religiões.

2.5 OBRAS DE REFERÊNCIA NA ARQUITETURA RELIGIOSA MODERNA E PÓS-CONCILIAR

De seguida, são apresentadas cinco fichas, correspondentes a cinco obras de arquitetura religiosa moderna e pós-conciliar europeias, concebidas no espírito do Movimento Litúrgico e do Concílio Vaticano II e que se aproximam do modelo de *igreja-casa*.

01| Igreja de St. Laurentis, Munique (Alemanha), Emil Steffann, 1955-70

02| Igreja de Santa Ana, Madrid (Espanha), Miguel Fisac, 1955-60

03| Igreja da Abadia de St. Benedict, Vaals (Holanda), Dom Hans Van der Laan, 1956-67

04| Igreja de St. Peter, Klippan (Suécia), Sigurd Lewerentz, 1963-66

05| Igreja de St. Paul, Dielsdorf (Suíça), Justus Dahinden, 1964

01 IGREJA DE ST. LAURENTIS

Localização: Munique, Alemanha **Arquiteto**: Emil Steffann | **Ano**: 1954 - 56

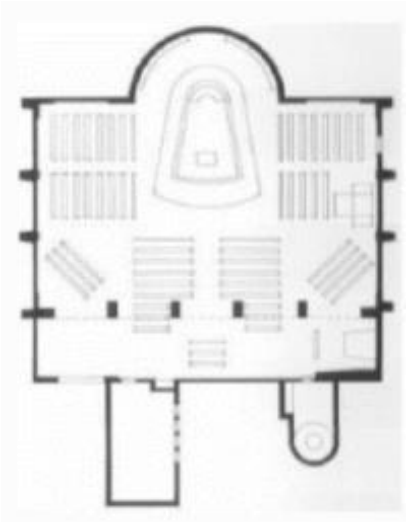
Descrição

O conjunto é constituído por 3 volumes, um deles, de planta aproximadamente quadrada, corresponde à igreja, os outros dois de planta retangular, correspondem aos espaços de apoio sociocultural da paróquia. O exterior é marcado pela cobertura em duas águas, pela cor do tijolo (material de revestimento) e pelo aspeto simples e austero, que caracterizam uma linguagem neovernacular.

O interior da igreja caracteriza-se pela sobriedade extrema (aspeto pobre e 'despido') e pelo despojamento decorativo. Não existem imagens ou qualquer sinal de riqueza ou monumentalidade e está presente apenas a iconografia indispensável.

O altar, de pedra e robusto, está colocado no centro do espaço de celebração e a assembleia distribui-se homogeneamente à sua volta, segundo uma configuração centralizada. Trata-se de um excelente exemplo do modelo de *igreja-casa*.

Planta



02 IGREJA DE SANTA ANA

Localização: Madrid, Espanha **Arquiteto**: Miguel Fisac | **Ano**: 1955 – 60

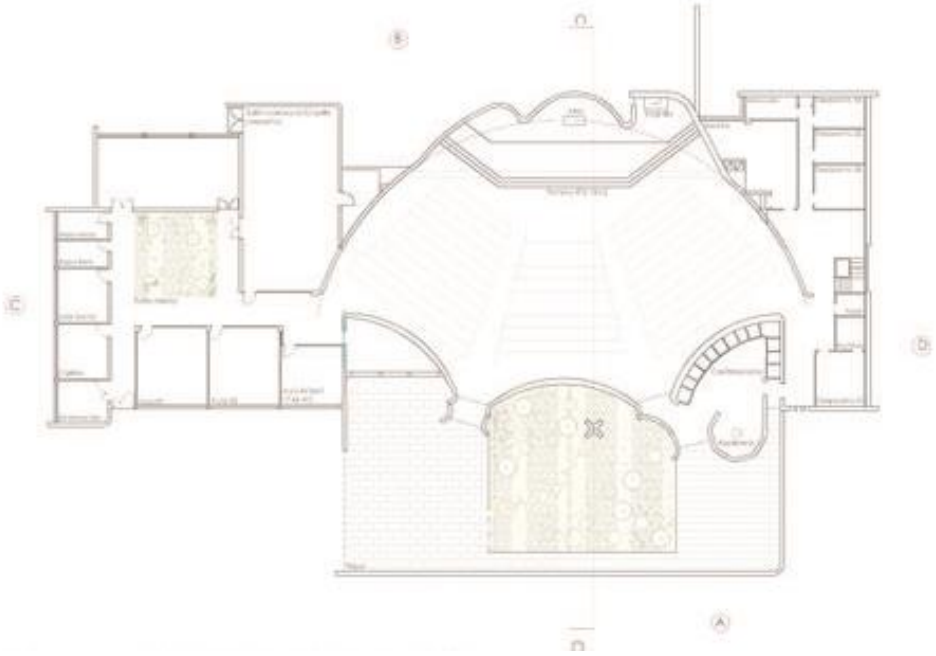
Descrição

Trata-se de um aglomerado compacto de volumes que alberga a igreja e o centro paroquial. Destaca-se um volume maior e mais alto, de planta complexa (marcada pelas linhas curvas) que corresponde à igreja. O exterior é marcado pelas saliências côncavas e pela materialidade – betão.

Em relação ao interior da igreja, destaca-se o trabalho plástico do betão (com apoio do escultor José Luiz Sanchéz), a entrada de luz zenital sobre o altar e sentido de despojamento decorativo e de sobriedade conferido pelo betão.

A assembleia rodeia o altar, dispondo-se em leque num espaço amplo e sem obstáculos à visibilidade. O presbitério encontra-se dividido em 3 zonas, assinaladas pelas 3 cavidades – o ambão, o altar acompanhado do crucifixo, no centro, e o sacrário.

Planta



03 IGREJA DA ABADIA DE ST. BENEDICT

Localização: Vaals, Holanda **Arquiteto**: Dom Hans Van der Laan | **Ano**: 1956 - 67

Descrição

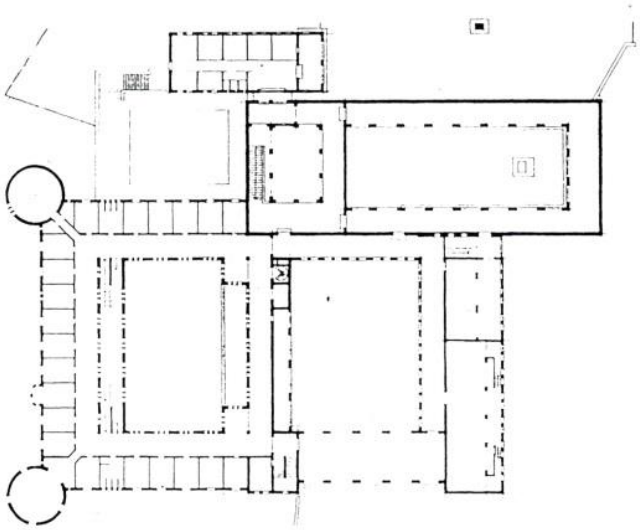
A abadia de S. Bento situa-se numa zona rural perto Vaals, muito próxima da fronteira entre a Holanda e a Alemanha. Também são da autoria de dom Hans Van der Laan (arquiteto e monge beneditino) a cripta e a biblioteca da abadia.

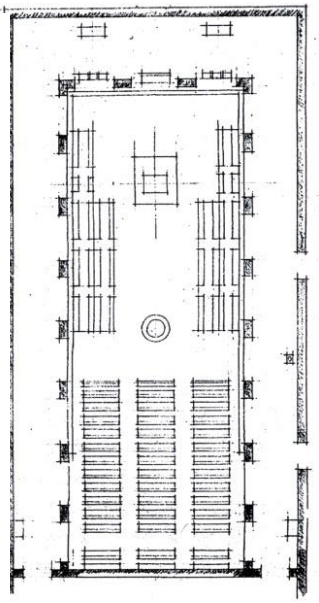
Exteriormente, o volume da igreja destaca-se pelo seu aspeto simples, pela sua altura, pela cobertura em duas águas, pela racionalidade/métrica aplicada no desenho da fachada e na colocação dos vãos.

A racionalidade, depuração e austeridade estão também muito presentes no desenho interior da igreja. Destacam-se a ausência de elementos decorativos, a ausência de cor (predomina o cinzento) e os vãos colocados no topo, junto à cobertura, criando um friso de luz, o que permite uma iluminação praticamente zenital, mantendo o espaço fechado sobre si mesmo (sem relação com o exterior).

O altar encontra-se afastado da parede de fundo, a assembleia rodeia o altar e não existe qualquer separação física entre o presbitério e a assembleia. Este espaço tem como único propósito/função a celebração eucarística.

Planta





04 IGREJA DE ST. PETER

Localização: Klippan, Suécia **Arquiteto**: Sigurd Lewerentz | **Ano**: 1963 – 66

Descrição

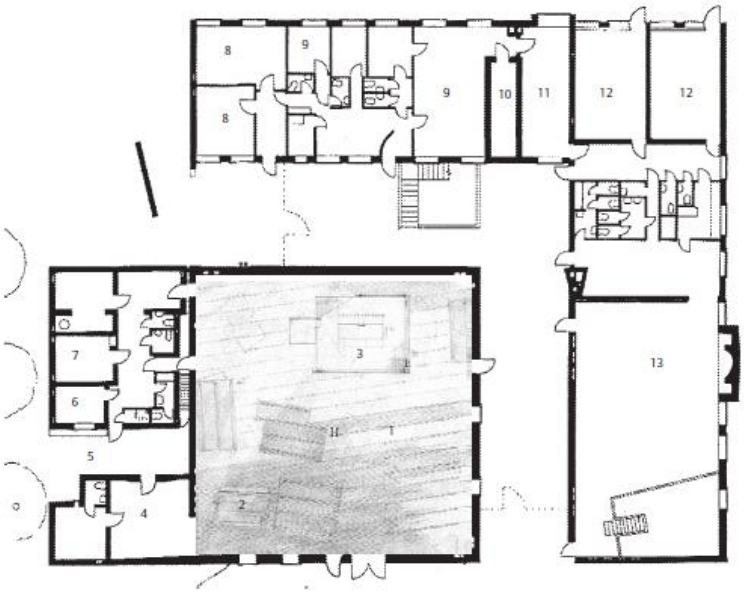
Do conjunto aglomerado de edifícios, que alberga uma igreja, espaços de convívio e escritórios da paróquia, destaca-se um volume de planta quadrada correspondente ao espaço de celebração litúrgica.

Exteriomente, os edifícios caracterizam-se pela simplicidade, pelo desenho depurado e pela materialidade – tijolo.

Em relação ao interior da igreja, destacam-se: a estrutura de madeira visível, a cobertura abobadada, extrema sobriedade do espaço (não existem elementos decorativos) e a ausência de vãos. Trata-se de um espaço muito escuro e o seu sentido espiritual/sagrado é também trabalhado a partir do forte contraste luz/sombra, possível através colocação estratégica de pequenos focos de luz.

Dada a planta quadrada, o espaço litúrgico é marcado também por um forte sentido de unidade. A assembleia rodeia o altar, que se encontra ao seu nível. Destaca-se o aspeto robusto e maciço do altar.

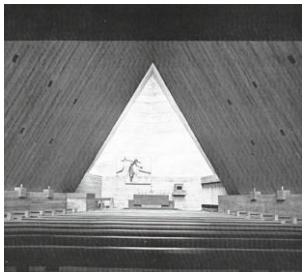
Planta



1 igreja | 2 pia batismal | 3 presbitério | 4 vestíbulo e capela | 5 entrada | 6 sala do organista | 7 sacristia
8 escritórios | 9 sala do padre | 10 arquivo | 11 sala de reuniões | 12 sala de catequese | 13 salão de convívio

05 IGREJA DE ST. PAUL

Localização: Dielsdorf, Suíça **Arquiteto**: Justus Dahinden | **Ano**: 1964

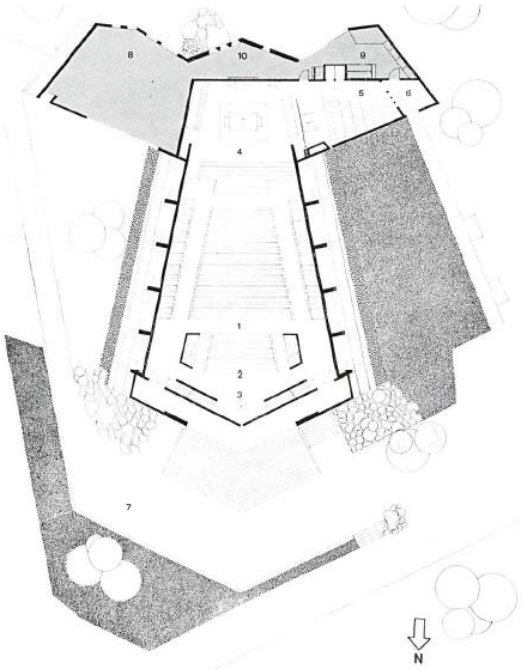


Descrição

Trata-se de um edifício que alberga o espaço da igreja e uma pequena sala paroquial. É composto por dois corpos que se dispõe perpendicularmente. Destaca-se pela sua complexidade volumétrica, resultado das formas triangulares/angulosas e piramidais, o que o torna um edifício icónico.

O interior é marcado pela utilização da madeira como revestimento, pela verticalidade, pelas linhas simples e depuradas e pela sobriedade decorativa. O espaço celebrativo possui uma planta trapezoidal, dispondo a assembleia em frente ao altar (configuração axial-processional), numa nave ampla e sem obstáculos à visibilidade. O altar, no centro do presbitério, destaca-se pelo seu aspeto robusto e maciço.

Planta



1 nave | 2 capela confessionária | 3 batistério | 4 presbitério
5 capela secundária | 6 hall de entrada | 7 átrio | 8 casa paroquial | 9 sacristia | 10 arrumos

CAPÍTULO 3 | A IGREJA MODERNA EM PORTUGAL

RESUMO

A par do que se passava na Europa, também em Portugal se manifestou a vontade de repensar a arquitetura religiosa e apresentar novas ideias para uma igreja coerente com o tempo que se vivia.

O Movimento de Renovação de Arte Religiosa (MRAR) veio a incentivar e concretizar muitas ideias do Movimento Litúrgico, que se tinha iniciado em Portugal em 1926, no 1º Congresso Litúrgico Português, em Vila Real. Este estudo e redefinição do espaço da igreja, correspondeu também a uma renovação da Igreja e do seu papel em Portugal (assumindo-se politicamente como a oposição católica ao regime do Estado Novo), e antecipação das ideias que o Concílio Vaticano II viria a consagrar.

Este capítulo descreve o processo de mudança e de modernização da arquitetura religiosa em Portugal, levado a cabo pelo Movimento de Renovação de Arte Religiosa, centrando-se nos seus ideais inovadores e na sua herança arquitetónica. Procura-se, deste modo, compreender as bases para a arquitetura religiosa contemporânea em Portugal.

O capítulo está dividido em três partes. Na primeira parte, é apresentado o Movimento de Renovação de Arte Religiosa, os seus objetivos, o seu método de trabalho, de intervenção e o processo de desenvolvimento. Na segunda parte, são abordados os principais valores e princípios defendidos para a arquitetura religiosa. Por último, são apresentadas cinco fichas relativas a cinco igrejas de referência projetadas no contexto do MRAR, concretização desses valores e princípios.

3.1 O MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DE ARTE RELIGIOSA

> "*A designação de «movimento» expressa bem o desígnio dos seus fundadores: preparar e estruturar a mudança, criando bases para uma renovação coerente e bem fundamentada da arquitetura e da arte sacras.*" [30]

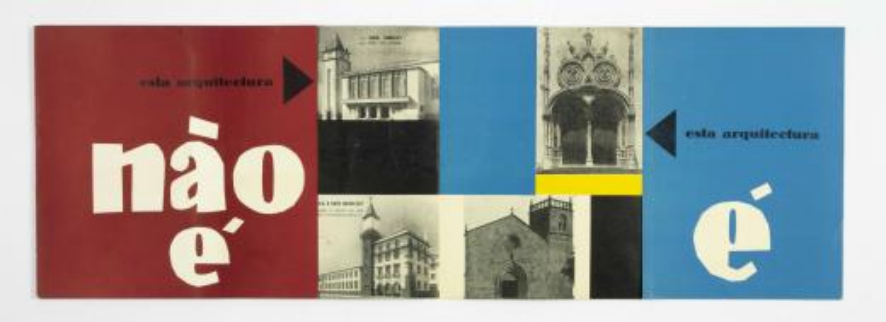


Fig. 3.1 | Imagem de campanha do MRAR

O Movimento de Renovação de Arte Religiosa (MRAR) nasceu no Outono de 1952 e, em 1953, é responsável pela 1ª Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea, na galeria anexa à Igreja de S. Nicolau em Lisboa. O seu carácter interventivo mostrou-se desde já nesta exposição, cujo objetivo não era somente o de reunir e dar a conhecer vários projetos de igrejas, mas também realizar as devidas críticas e apresentar um manifesto sobre a qualidade da arquitetura religiosa em Portugal.

O MRAR foi composto por um grupo de arquitetos, artistas e historiadores, donde se destacam Nuno Teotónio Pereira, João de Almeida, Nuno Portas, Diogo Lino Pimentel, Luiz Cunha, Manuel Cargaleiro, Erich Corsépius, Bartolomeu Costa Cabral, José Escada, Formosinho Sanchez, António Freitas Leal, José Maya Santos, Maria José de Mendonça e Madalena Cabral. Tratava-se de um grupo com formação (e motivação) católica, inicialmente inspirado na Sociedade de S. Lucas (na Suíça) e na Ação Católica Portuguesa embora o seu trabalho fosse sempre independente da Igreja. O MRAR foi um acontecimento único, fruto da persistência e da consistência (estética, social e política) desta elite, mas que acabou por ir perdendo força depois do Concílio Vaticano II. É, ainda hoje, considerado o melhor exemplo de intervenção cultural e religiosa em Portugal.

[30] ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX.* 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa (retirado do prefácio de João de Almeida)

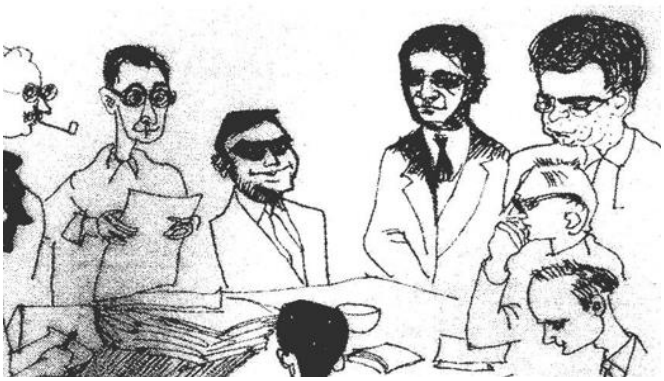


Fig. 3.2| Reunião do grupo do MRAR, desenho de José Escada, 1958

O seu objetivo central foi o de dotar os edifícios religiosos em Portugal de maior qualidade plástica e de maior dignidade, defendendo a execução de obras de arte sacra (arquitetura, pintura, artes plásticas, escultura) por artistas competentes, opondo-se aos modelos tradicionalistas e revivalistas, e seguindo o espírito do Movimento Litúrgico.

Face à situação da arquitetura religiosa que se vivia, definiram-se os seguintes propósitos:

« Quando:

- se verifica, na maior parte das igrejas mais recentes, ter sido esquecido o espírito do Evangelho;

- se pretende obter uma absurda conciliação do antigo com o moderno, amalgamando formas já sem sentido;

- se procura deliberadamente fazer moderno, aplicando formas extravagantes e arbitrárias, esquecendo que o carácter atual deve resultar espontaneamente da solução adequada dos problemas;

- se ultrajam os estilos de outras épocas, copiando ou adulterando as suas formas e fazendo supor que a Igreja só pode viver agarrada ao passado;

- se aponta a ogiva como símbolo de religiosidade, quando ela não é mais do que uma forma peculiar a determinado processo de construção;

- se faz crer que o carácter religioso ou nacional pode ser dado por formas construtivas ou decorativas cujas causas já desapareceram;

- se utilizam os benefícios dos novos materiais e processos de construção, mas se ocultam sistematicamente as formas que lhes são próprias, à custa de ruinosos embustes construtivos;

- se manifesta um horror obcecado por toda a influência de novos países, esquecendo que os monumentos do passado foram possíveis devido à existência de correntes universais;

- se teima em esquecer a verdadeira tradição, renunciando a inserir a arquitetura nas realidades do nosso tempo;

impõe-se uma acção de esclarecimento e uma revisão de conceitos, para que a arquitectura possa mostrar ao mundo de hoje a verdadeira face da Igreja de Cristo. Depende do público cristão que essa face continue a ser odiosamente desfigurada ou se revele enfim em toda a sua pureza.»[31]

Através da reunião, debate e crítica de projetos e, também, da sensibilização e formação tanto de artistas e arquitetos como de padres e seminaristas, foi possível uma efetiva revalorização das dimensões sociais e antropológicas do espaço litúrgico, renovação dos edifícios religiosos e a afirmação da arquitetura (não só religiosa) moderna em Portugal. O Movimento permitiu, assim, assumir a arquitetura moderna como agente de intervenção social.

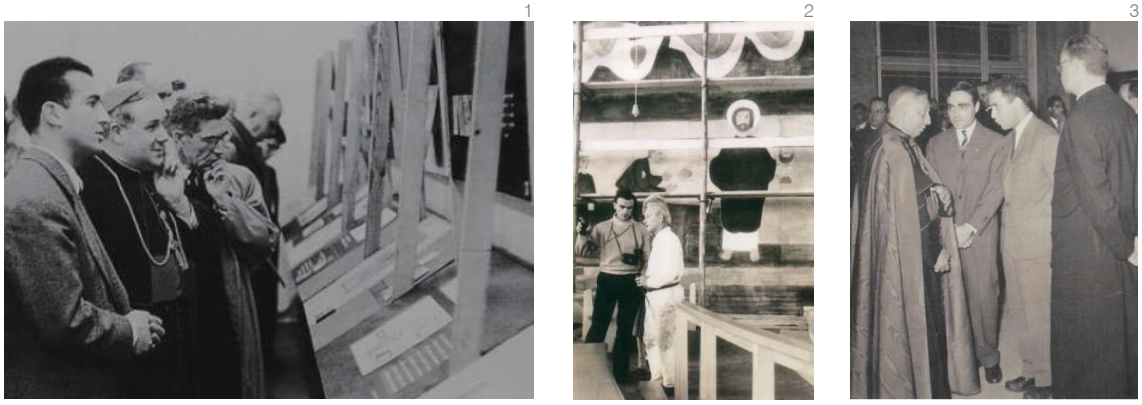


Fig. 3.3| (1) Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, Ponta Delgada, 1954; (2) João de Almeida e Ferdinand Gehr, Oberwil (Suíça), 1957 (3) A. Freitas Leal e Diogo L. Pimentel com o Cardeal D. Giacomo Lercaro, Lisboa, 1960

O seu trabalho exigiu, para além de estudo, reflexão e discussão, o acompanhamento dos projetos de arte religiosa que realizavam internacionalmente, através de revistas, livros e visitas aos próprios locais, e que mostravam o cristianismo em renovação. Destaca-se, em 1964, a exposição Novas Igrejas na Alemanha, que tomou lugar na Fundação Calouste Gulbenkian, fruto desta aquisição de conhecimentos e vontade de colocar a arquitetura religiosa portuguesa a par da europeia.

Este movimento foi responsável pela organização de diversos encontros, conferências, cursos e exposições, de atividades de formação doutrinal, técnica e de carácter espiritual, pela promoção de concursos de arquitetura, pela edição de publicações e pela crítica de assuntos de arte e arquitetura religiosas. Das suas atividades, o *Boletim do MRAR*, com inúmeras edições entre 1957 e 1967, teve especial importância e impacto. O *Boletim* funcionou como meio de divulgação das atividades e como meio de intervenção, dado o conteúdo dos artigos e estudos publicados que focavam os problemas políticos, sociais e culturais em Portugal.

[31] Catálogo da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, Lisboa, 1953 – retirado de artigo da SNPC (www.snpcultura.org)

1 2 3

Fig. 3.4| (1) Capa do Boletim do MRAR, 2ª série, nº1, autoria de José Escada,1961; (2) Capa do catálogo da Exposição de Arte Sacra Moderna no Paço Episcopal do Porto,1959; (3) Capa do Catálogo da Exposição de Arte Sacra Moderna no Museu de Alberto Sampaio (Guimarães), 1960

O MRAR tratou-se de um processo longo, que começou por ser mais teórico e que tentou tornar-se cada vez mais prático. No entanto, toda a intensa atividade cultural, de reflexão e de crítica, nunca chegou a corresponder a uma produção arquitetónica e artística ao mesmo nível. Isso aconteceu devido a resistências culturais (que naturalmente surgem em reação a conceitos inovadores e inesperados, mas que neste caso se tornaram grandes obstáculos) e a problemas económicos.

Apesar destes entraves, o MRAR deixa como herança uma pequena família de igrejas de elevada qualidade arquitetónica, que apresentam um novo programa e um novo conceito de igreja. Este novo conceito de igreja-edifício foi não só consequência dos princípios da arquitetura moderna, mas sobretudo reflexo deste apoio e influência internacional, onde as ideias do Movimento Litúrgico ganhavam maior força e já se vinham a concretizar nalguns projetos.

3.2 A ARQUITETURA DO MRAR

> " *Porque ser moderno para eles não era uma vontade de apagar o passado e inventar tudo do nada. (…) Ser verdadeiro com o Evangelho e também com a história da arquitetura obrigava a construir um estilo novo, que fosse capaz de dizer as verdades de sempre na linguagem do homem daquele tempo."*[32]

O MRAR defendia que a igreja-edifício não podia mais ser entendida como templo. A igreja já não é considerada "a Casa de Deus", mas sim "a Casa do Povo de Deus". *Integração* seria a palavra-

[32] ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX.* 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa

chave: integração social - a maior preocupação é aproximar, envolver e servir a comunidade onde a igreja está inserida - e integração física - a nível arquitetónico, volumétrico, urbanístico.[33]

A segunda grande preocupação era o *funcionalismo* - influência clara da linha de pensamento moderna. Procura afirmar-se a função do edifício-igreja (a celebração da Eucaristia) e a função de cada espaço no seu interior. Por isso, todo o espaço litúrgico é orientado para o altar, a peça central e dominante. Procura-se que o espaço seja amplo e liberto de obstáculos à visão e a assembleia coloca-se mais próxima, rodeando o altar. Esta aproximação permite uma participação mais ativa das pessoas, no entanto, não pode por em causa a hierarquia do espaço litúrgico e continua a ser clara a distinção entre o espaço dos celebrantes e o espaço dos fiéis.

1

2

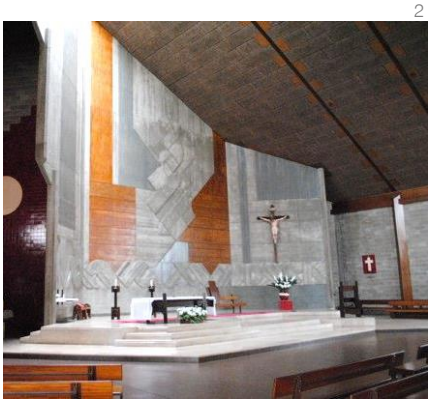


Fig. 3.5| (1) Capela do Picote, Manuel de Almeida, Barrocal do Douro, 1954-58, (vista do exterior); (2) Igreja de Santiago, Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, 1962-69, Almada (vista do altar)

O MRAR assume claramente o despojamento decorativo, que para além de reafirmar a importância do altar, é novamente consequência do espírito do movimento moderno. Defende-se a autenticidade dos materiais e das técnicas construtivas, por oposição a 'máscaras' e 'encenações'. Recorre-se ao betão, tanto na estrutura como no revestimento/textura, conjugado com a madeira, a cerâmica e o reboco branco.

Os poucos elementos artísticos a serem utilizados – iconografia, esculturas, tapeçaria, vitrais, painéis de azulejo, pinturas - são peças de autor (e não peças de produção em série), de grande qualidade, cujos conteúdo e posição são cuidadosamente estudados.

[33] Segundo Nuno Portas, a integração revela-se na "*necessidade de adequar ou, melhor, de relacionar a expressão de uma casa com o condicionalismo concreto do lugar onde se insere e das pessoas a que se destina, abstraindo de um sistema formal preconcebido; pode portanto desdobrar-se em aspetos distintos: inserção harmónica numa paisagem natural; inserção num ambiente arquitetónico preexistente, popular ou erudito; acordo com os anteriores hábitos de vida e sobretudo do habitar, com a psicologia e valores culturais dos utentes", in* ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX.* 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa

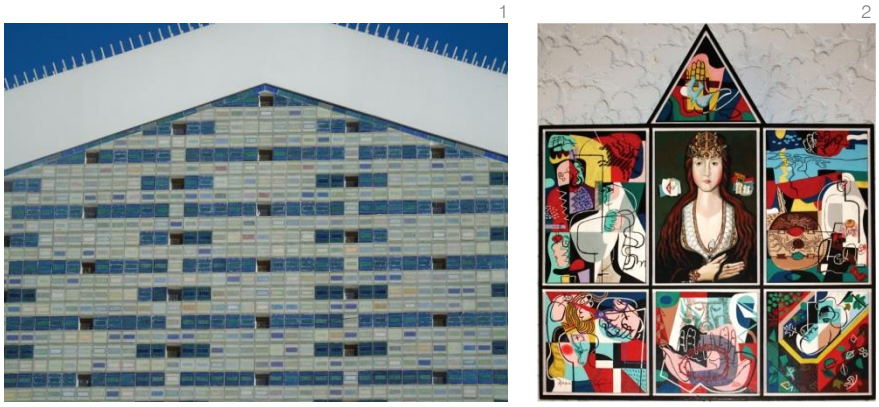


Fig. 3.6| (1) Painel na fachada da Igreja de Santo António de Moscavide (1956) da autoria de Manuel Cargaleiro (2) Políptico de Santa Joana Princesa (pintura a acrílico sobre madeira de mogno), no presbitério da Igreja de Santa Joana Princesa (Aveiro) da autoria de Luiz Cunha (1976)

Nas igrejas do MRAR, destacam-se os espaços de celebração de planta poligonal-orgânica, influência da obra do arquiteto Frank Lloyd Wright. Tratam-se de plantas geradas a partir de malhas complexas, recorrendo a formas triangulares, hexagonais ou octogonais, formando diferentes ângulos. Estas plantas geram edifícios com um forte sentido escultural e plástico, e espacialidades que se caracterizam pelo trabalho de diferentes cotas, pela fluidez, pela adaptação local e relação com o exterior e pelo trabalho da entrada de luz natural.

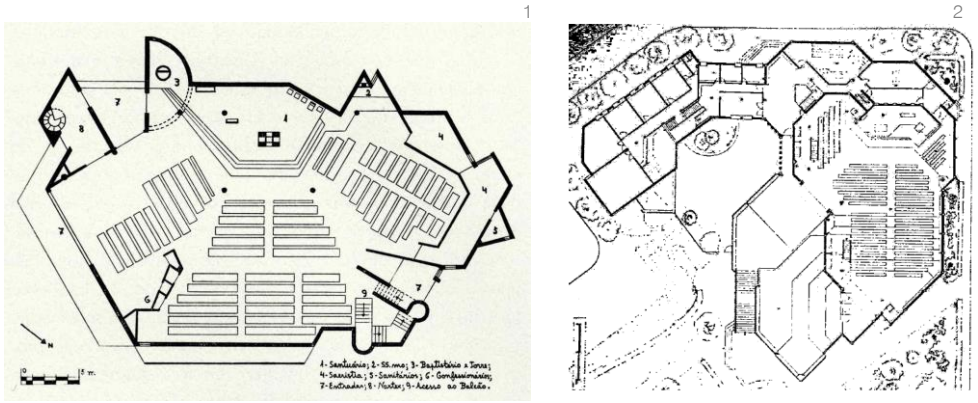


Fig. 3.7| (1) Planta da Igreja Paroquial de Calvão, Abrunhosa de Brito e Manuel Magalhães, Aveiro 1969-70; (2) Planta da Igreja de Santiago, Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, Almada, 1962-69

3.3 OBRAS DE REFERÊNCIA DA ARQUITETURA RELIGIOSA MODERNA PORTUGUESA: A HERANÇA DO MRAR

De seguida são apresentadas cinco fichas correspondentes a cinco obras de referência do Movimento de Renovação de Arte Religiosa:

01| Capela de Nossa Senhora de Fátima, Águas, Nuno Teotónio Pereira, 1949-57

02| Igreja de Santo António, Moscavide, João de Almeida & A. Freitas Leal, 1953-56

03| Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa, Nuno Portas & Nuno Teotónio Pereira, 1962-70

04| Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Póvoa do Valado, Luiz Cunha, 1964-68

05| Igreja da Sagrada Família, Paço de Arcos, João de Almeida, 1964-69

01 CAPELA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Localização: Águas, Penamacor **Arquiteto**: Nuno Teotónio Pereira | **Ano**: 1949 - 57

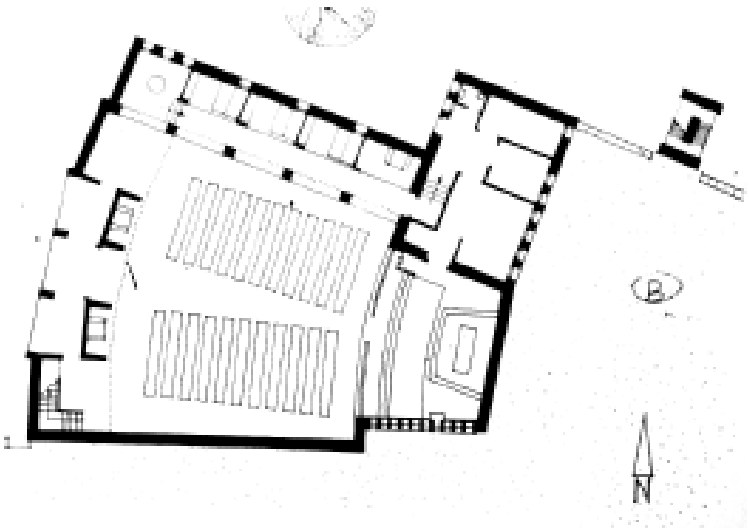
Descrição

Trata-se de um edifício unifuncional (igreja) composto por um volume maior e mais alto de planta trapezoidal, marcado pelo desenho das duas águas, correspondente ao espaço litúrgico e por dois outros volumes adjacentes mais baixos, correspondentes às capelas laterais, ao batistério e à sacristia. A torre sineira encontra-se isolada e ligeiramente afastada.

Esta igreja é um exemplo da chamada 'moderna arquitetura portuguesa', por conseguir aliar a tradição à modernidade. Aplica os princípios de funcionalidade e simplicidade/depuração da arquitetura moderna, sem esquecer as características dos edifícios em redor e os seus materiais. Caracteriza-se pelo seu aspeto vernacular, pela elevada expressão plástica e pela diversidade de materiais utilizados – betão (estrutura), granito, tijolo, madeira, telha (cobertura). O crucifixo é da autoria de Jorge Vieira, a via-sacra de António Luís Paiva e Frederico George foi responsável pelo estudo cromático do espaço interior.

A assembleia dispõe-se em frente ao altar, em leque. Tanto o sacrário como a pia batismal encontram-se separados do espaço litúrgico, sendo o altar o centro das atenções da assembleia.

Planta



02 IGREJA DE SANTO ANTÓNIO

Localização: Moscavide, Loures **Arquitetos**: João de Almeida & A. Freitas Leal | **Ano**: 1953 - 56

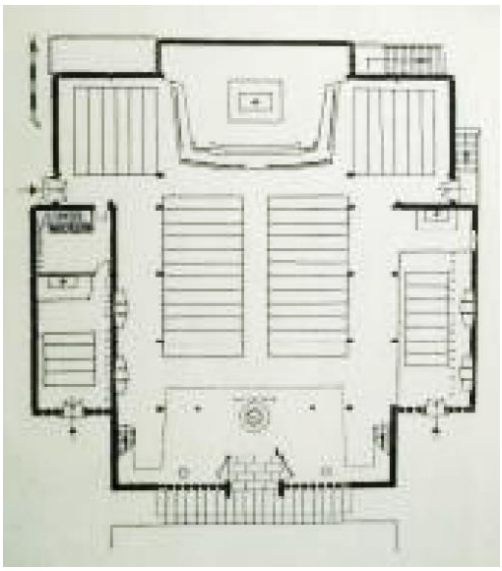
Descrição

Trata-se de um edifício unifuncional (igreja) com estrutura de betão armado. A sua volumetria corresponde a uma tradução direta do seu espaço interior e é marcada pela cobertura em duas águas. A torre sineira encontra-se isolada e ligeiramente afastada.

O interior da igreja é marcado por um forte sentido de sobriedade. As poucas peças decorativas e os elementos de iconografia presentes são da autoria de artistas portugueses qualificados e reconhecidos, como Lagoa Henriques (crucifixo e imagem de Sto. António), José Escada (baldaquino e vitral na capela lateral) e Manuel Cargaleiro (painel de azulejos na fachada).

Foi a primeira igreja em Portugal a propor uma nova tipologia de espaço litúrgico. A planta em cruz permite que a assembleia se aproxime e rodeie o altar. O altar encontra-se no centro do presbitério, a pia batismal encontra-se perto de entrada, alinhada com altar segundo o eixo central, e o sacrário encontra-se numa capela lateral, separada do espaço litúrgico.

Planta



03 IGREJA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Localização: Lisboa **Arquitetos**: Nuno Portas + Nuno Teotónio Pereira | **Ano**: 1962 - 70

Descrição

A igreja do Sagrado Coração de Lisboa é a grande obra do MRAR e referência na arquitetura moderna portuguesa, integrando o estilo brutalista.

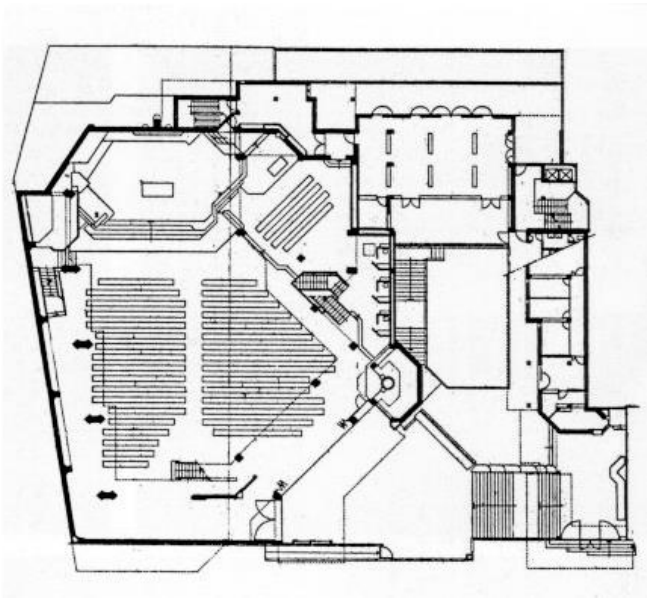
Trata-se de um complexo aglomerado de volumes de diferentes dimensões a diferentes cotas, compactado no edificado urbano, que alberga as seguintes valências: igreja, secretaria, cafetaria, jardim-de-infância, biblioteca, residência do clero, cripta, cartório, salão paroquial, capela mortuária e salas polivalentes para atividades socioculturais.

O grande aglomerado é acessível a partir de duas ruas de cotas diferentes, criando-se um percurso público interno, entre edifícios (cheios) e pátios (vazios), que liga os dois pontos. A igreja, de planta poligonal-orgânica, destaca-se como o volume de maior altura.

Em relação ao interior da igreja, destacam-se: o lanternim que permite a entrada de luz sobre o altar, o pé-direito elevado (e a partir deste sentido de verticalidade é também estimulado o carácter espiritual/sagrado do espaço) e a sobriedade, conferida pelo betão e pela ausência de elementos decorativos.

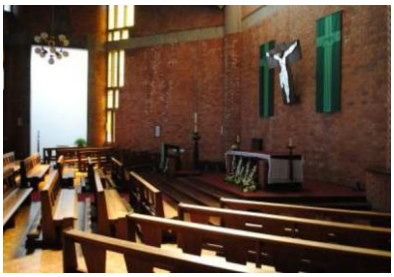
O espaço litúrgico caracteriza-se pela sua amplitude e sentido unitário. A assembleia distribui-se pelos bancos em frente ao altar e pela tribuna no perímetro do espaço. O sacrário encontra-se no presbitério mas deslocado do eixo central e a pia batismal encontra-se num espaço separado.

Planta



04 IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Localização: Póvoa do Valado, Aveiro **Arquiteto**: Luiz Cunha | **Ano**: 1964 - 68

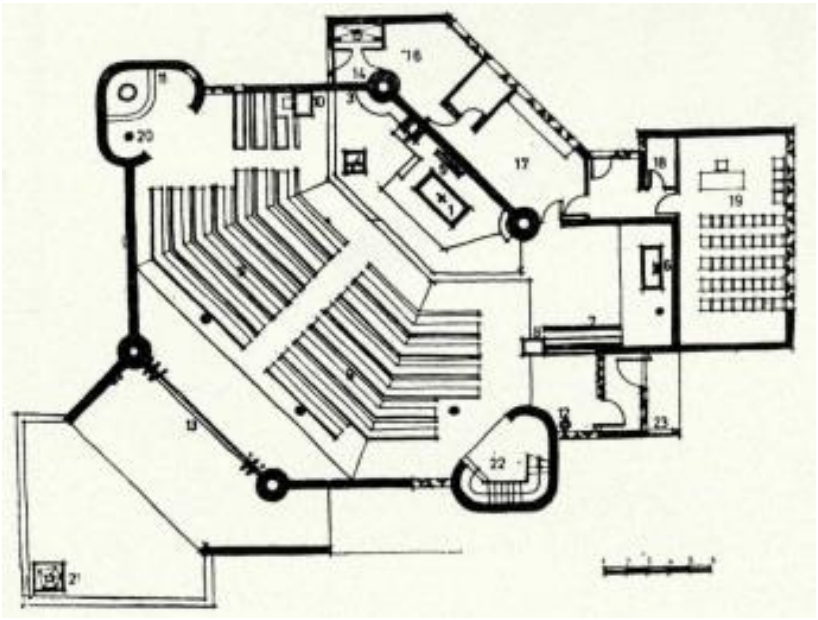


Descrição

A igreja de Póvoa do Valado é composta por um conjunto de volumes de diferentes dimensões e alturas, marcados pelas duas águas. Destacam-se dois volumes de maior altura, correspondentes à torre sineira e à marcação do presbitério. Este conjunto de volumes, de aspeto vernacular e construído em tijolo (sistema de construção local) alberga o espaço da igreja, um salão paroquial e uma sala polivalente.

O espaço interior da igreja é simples e sóbrio, sem ostentações de riqueza. A planta poligonal permite que a assembleia se distribua em leque e se aproxime do altar e tanto o sacrário, como a pia batismal, estão colocados em espaços separados do espaço de celebração. Existe a possibilidade de expandir a assembleia para o salão paroquial, por ocasião de grandes celebrações, através de um sistema de paredes móveis, o que confere flexibilidade ao espaço de celebração.

Planta



05 IGREJA DA SAGRADA FAMÍLIA

Localização: Paço de Arcos **Arquiteto**: João de Almeida | **Ano**: 1964 - 69

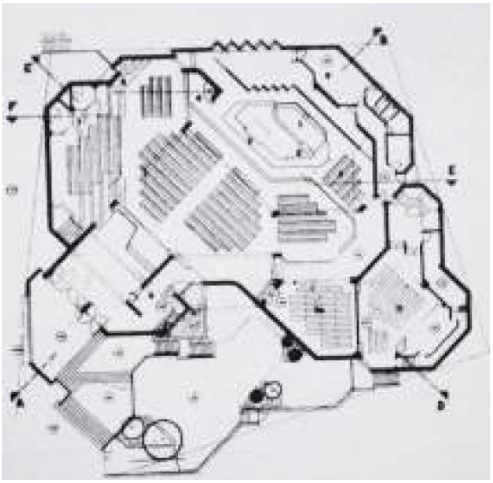
Descrição

Trata-se de um complexo aglomerado de diferentes volumes que segue uma planta poligonal-orgânica e que procura relacionar-se com a envolvente. O edifício, construído em betão, alberga o espaço da igreja e um salão paroquial.

Em relação ao interior da igreja, destaca-se a sobriedade na decoração e as ótimas condições de visibilidade da assembleia, possível pelo trabalho de diferentes cotas.

Em relação à conceção do espaço litúrgico, a assembleia distribui-se em leque em redor do presbitério e pelas tribunas. O sacrário encontra-se no presbitério mas deslocado do altar e o batistério localiza-se perto da entrada. Destaca-se também o desenho do presbitério – amplo e elevado, através de uma escadaria decomposta em degraus de diferentes larguras, e com o altar avançado. O presbitério é iluminado a partir de várias frestas na parede de fundo.

Planta



RESUMO

Este capítulo encontra-se dividido em três momentos.

No primeiro momento, é realizada a caracterização e análise de cada caso de estudo, recorrendo a duas fichas: ficha de caracterização geral e ficha de análise morfológica.

Num segundo momento, é apresentada uma análise comparativa.

Por último, é feita uma avaliação global da análise realizada e, a partir de semelhanças encontradas entre os vários casos, são identificadas estratégias arquitetónicas que caracterizam o espaço religioso contemporâneo.

4.1 CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DOS CASOS DE ESTUDO

Para o presente estudo foram selecionadas oito obras de arquitetura religiosa contemporânea projetadas por arquitetos portugueses e construídas em Portugal entre 1990 e 2012. Este foco na arquitetura nacional deveu-se à convicção da autora relativa à sua qualidade e pertinência para o estudo e à facilidade na visita às obras, contribuindo para uma análise mais aprofundada.

01 | Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses, Álvaro Siza Vieira, 1990-96

02 | Igreja de Santo António, Portalegre, J. L. Carrilho da Graça, 1993-2009

03 | Capela da Árvore da Vida, Braga, Cerejeira Fontes Arquitetos, 1995-2000

04 | Capela do CREU-IL, Porto, Nuno Valentim + Frederico Eça, 2002-03

05 | Ig. Convento de S. Domingos, Lisboa, José F. Gonçalves + João P. Providência, 2004-05

06 | Capela de Santa Ana, Sousanil, e|348arquitetura , 2009 -10

07 | Igreja da Nossa Senhora da Boa Nova, Estoril, Roseta Vaz Monteiro Arquitetos, 2009-10

08 |Igreja da Nossa Senhora das Necessidades, Chãs, Bica Arquitetos 2009-12

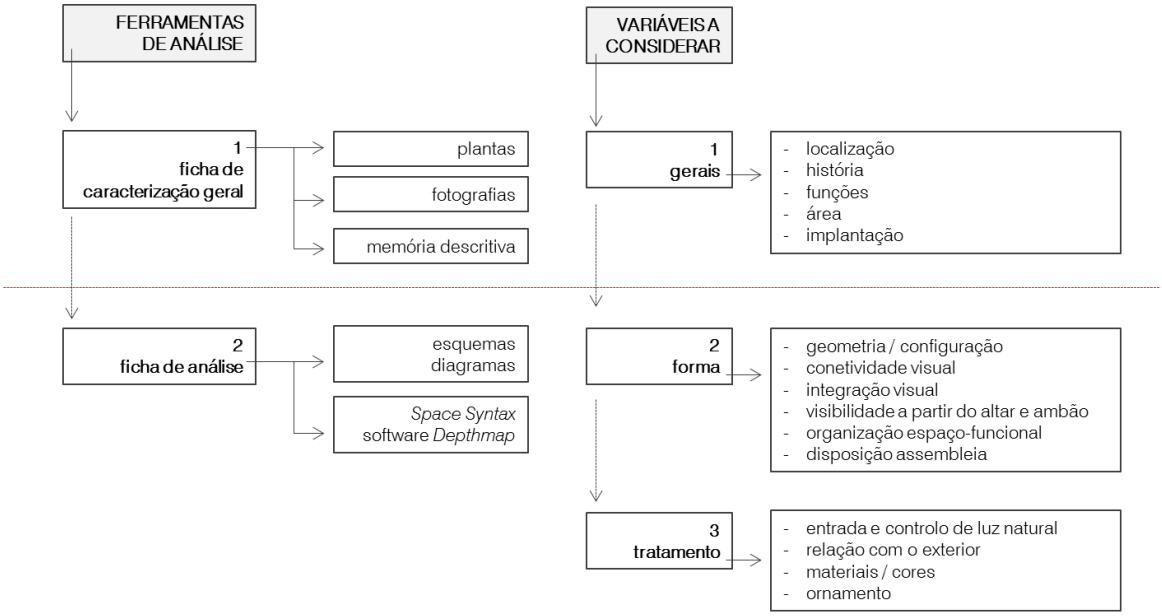
Na escolha dos casos de estudo, considerou-se, para além da qualidade arquitetónica das obras, a sua referenciação pelo Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura (SNPC).

O SNPC é um órgão da Conferência Episcopal Portuguesa, criado em 2004, justificada pela necessidade de associar a evangelização à cultura, abrindo novos meios para a mensagem católica. Tem como missão comunicar, de forma eficaz e pertinente, a mensagem do Evangelho, fazendo-a presente em vários aspetos da cultura e do quotidiano. Assim, é seu objetivo reconhecer as obras de arte e artistas da atualidade que estão ao serviço da evangelização católica nos vários domínios da criação artística incluindo a arquitetura, a pintura e a escultura, o cinema e a música. O SNPC é dirigido pelo padre José Tolentino Mendonça e o Grupo de Arquitetura do SNPC é liderado por João Alves da Cunha e João Norton sj.

Pretende-se caracterizar o espaço religioso contemporâneo, enquanto '*invólucro'* da experiência religiosa, sob dois pontos de vista:

- a **forma** do *invólucro* – considerando as suas dimensões, o desenho da planta, os elementos morfológicos, a organização espaço-funcional, as propriedades configuracionais, as relações visuais e de controlo espacial (*space syntax*)
- o **tratamento** do invólucro – considerando a entrada e controlo da luz natural, as relações de permeabilidade, a ornamentação, os materiais e cores utilizados

No seguinte esquema são identificadas as variáveis analisadas, associadas às ferramentas utilizadas.



Space Syntax consiste numa teoria e metodologia de análise espacial, aplicável a nível urbano ou em edifícios, que procura relacionar a configuração e morfologia espacial a fenómenos sociais, económicos e ambientais. Traduz-se num conjunto de técnicas que permitem representar e interpretar o espaço construído, de forma a compreender e quantificar a relação entre as suas dimensões física e a social.

A sintaxe espacial parte do pressuposto que, sendo os edifícios construídos para responder a necessidades da sociedade, nas suas formas estão intrínsecos valores sociais e culturais. Os edifícios são entendidos como um conjunto de espaços (ou células) articulados entre si. A relação entre os espaços, que é de permeabilidade física ou visual, define a configuração espacial. A esta configuração espacial está associada, naturalmente, uma organização social, que se reflete no uso e funcionamento do espaço e nas relações proporcionadas aos seus utilizadores.

De seguida, são apresentadas duas fichas relativas a cada caso de estudo: ficha de caracterização geral e ficha de análise morfológica.

A ficha de caracterização geral inclui fotografias da obra (vista do exterior e do interior), fotografia aérea de localização, uma breve descrição da obra e a planta relativa ao espaço de celebração.

A explicação do conteúdo da ficha de análise pode ser consultada no anexo 2.

01 IGREJA DE SANTA MARIA

Localização: Marco de Canaveses

Arquiteto: Álvaro Siza Vieira | **Ano**: 1990 - 96

Descrição

O projeto da Igreja de Santa Maria em Marco de Canaveses é da autoria do arquiteto Álvaro Siza Vieira e teve como cliente a Paróquia de Marco de Canaveses. Nasceu da necessidade de construção de uma igreja de maiores dimensões na vila e da decisão pessoal do pároco Nuno Higino de encomendar o projeto a Álvaro Siza.

A igreja está inserida num conjunto paroquial, ainda não concluído, que integra capelas mortuárias, salas para catequese, auditório e residência do padre. O conjunto encontra-se implantado sobre uma plataforma construída (que corresponde ao espaço das capelas mortuárias), que lhe confere um caracter dominante em relação à envolvente, formando uma pequena praça urbana.

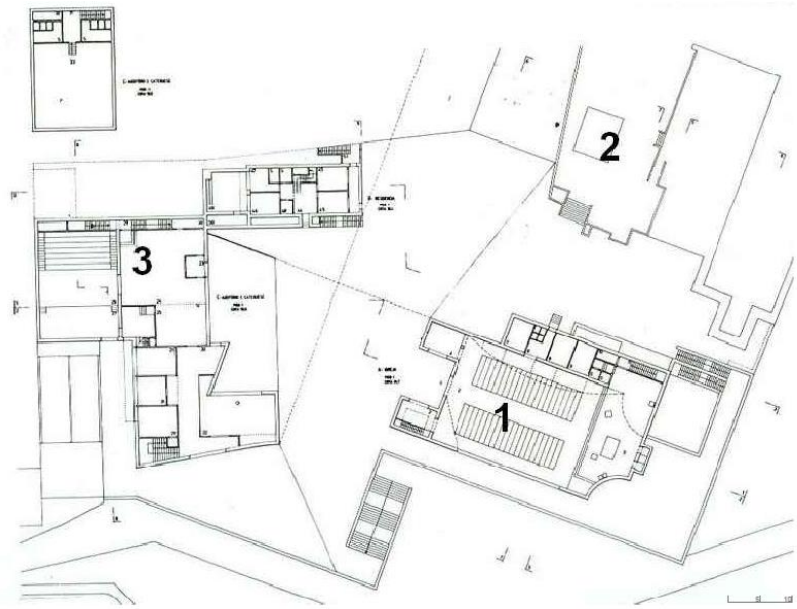
O volume da igreja é marcado pela projeção das duas torres na fachada e pelas curvaturas convexas da abside.

O interior da igreja caracteriza-se pelo pé-direito elevado (16,5m), pela disposição de vãos longitudinais na fachada orientada ao Vale de Marco de Canaveses e de lanternins na fachada oposta, pela depuração e sobriedade, pela ausência de imagens e pelo domínio da cor branca. Destaca-se o desenho do mobiliário, da autoria do arquiteto, o envidraçado de grandes dimensões na cabeceira da igreja que permite iluminar o seu interior e as capelas mortuárias.

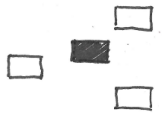
O espaço da celebração litúrgica adota uma configuração focal de base retangular, dispondo-se a assembleia em frente ao presbitério.

Planta

1 igreja | 2 casa do pároco | 3 complexo paroquial



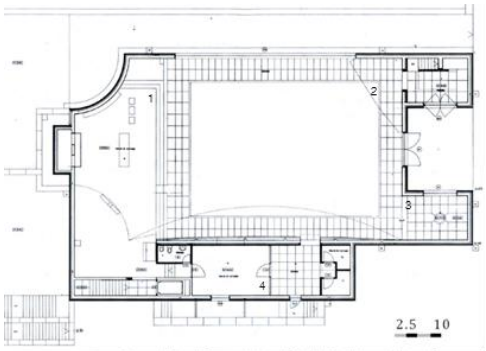
Implantação



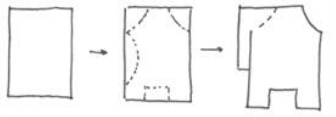
aglomerado disperso

sobre plataforma elevada
acessível por escadas

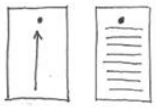
IGREJA DE SANTA MARIA



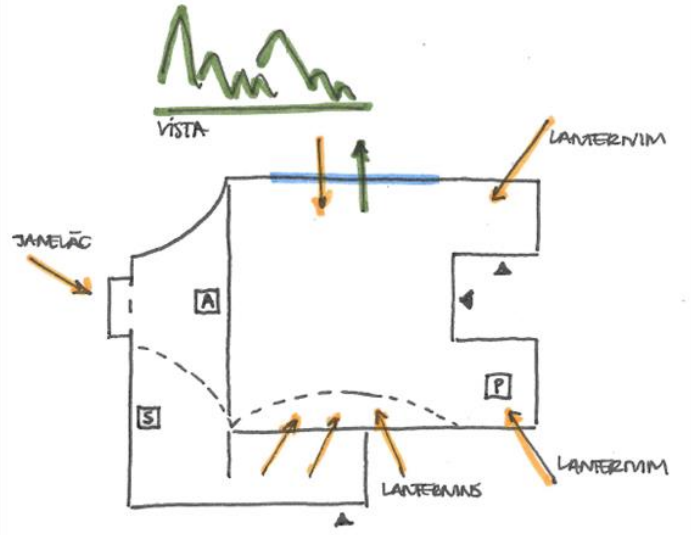
1 presbitério | 2 assembleia | 3 batistério | 4 sacristia e I.S.

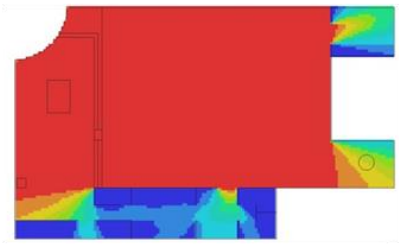


configuração global
geometria de base retangular

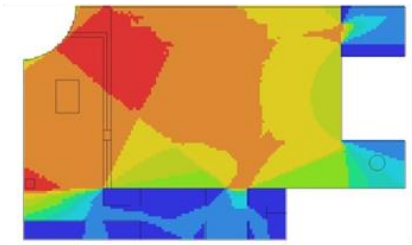


configuração da assembleia
unidirecional

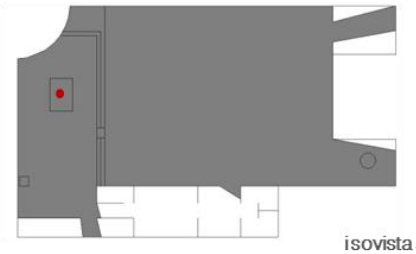




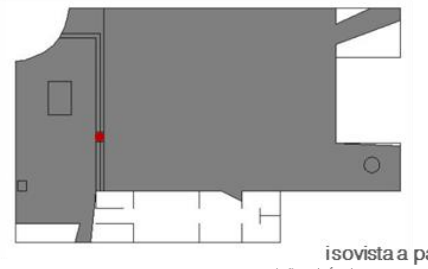
conetividade visual
espaço de celebração amplo, fluído, sem pilares ou recantos
acessibilidade visual a todo o espaço de celebração
sentido de unidade espacial que potencia a unidade de espírito



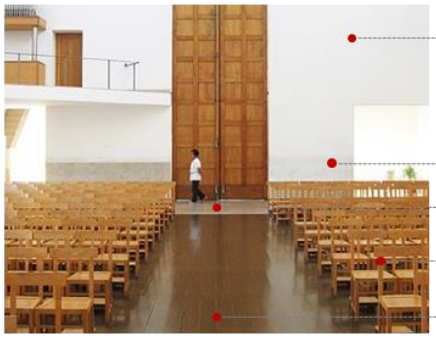
integração visual
espaço subdividido gera poucos pontos de máximo controlo visual
máxima integração visual associada ao presbitério
sacrário colocado na fronteia de duas zonas do presbitério



isovista a partir do altar
altar visível para toda a assembleia



isovista a partir do ambão
ambão visível a para toda a assembleia



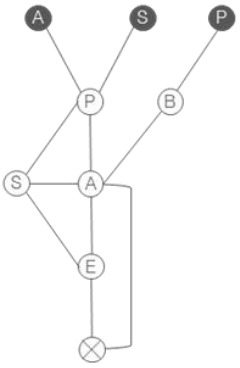
reboco branco
revestimento das paredes

azulejo
revestimento das paredes

mármore
pavimento

madeira
mobiliário

madeira
pavimento

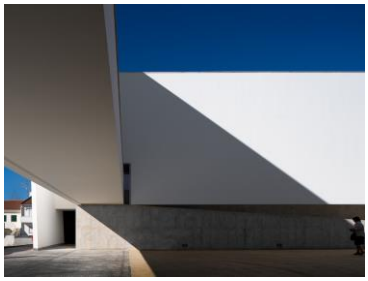


altar A
sacrário S
pia batismal P
presbitério P
assembleia A
assembleia+presbitério A
batistério B
capela/altar lateral C
sacristia S
entrada/zona de transição E
exterior

organização espaço-funcional
2 pontos de entrada:
pela porta principal diretamente para assembleia – espaço interior totalmente exposto _
através do espaço de transição - percurso de descoberta_
celebrantes podem circular pela assembleia ou entrar diretamente no presbitério
espaço da assembleia como espaço-distribuidor
pia batismal colocada num espaço separado da assembleia, visível e facilmente acessível
sacrário no presbitério

02 IGREJA DE SANTO ANTÓNIO

Localização: Portalegre **Arquiteto**: João Luís Carrilho da Graça | **Ano**: 1993 - 2009



Descrição

O projeto da Igreja de Santa António e do Centro Social de São Bartolomeu, em Portalegre, é da autoria do arquiteto Carrilho da Graça e teve como cliente a paróquia da Freguesia da Sé de Portalegre. O projeto data de 1993 mas só 15 anos depois foi iniciada a sua construção.

O conjunto paroquial está localizado no centro do Bairro dos Assentos, na periferia da cidade, e procura, através de uma presença silenciosa, a valorização da zona e a criação de novas relações.

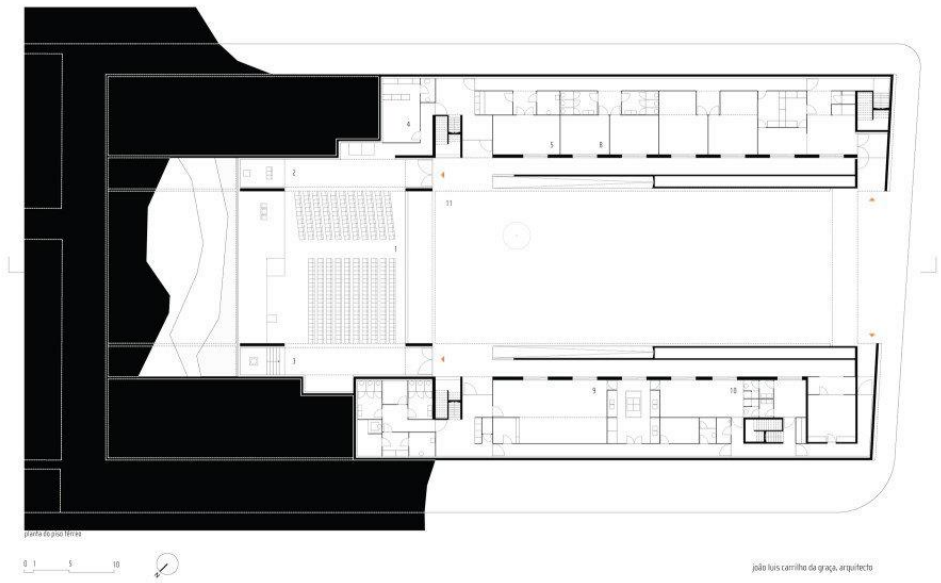
É composto por 5 volumes articulados de forma compacta, contidos dentro de um perímetro retangular murado, de cor branca e sem vãos (à exceção da entrada), procurando a simplicidade das construções alentejanas. A igreja, de planta (quase) quadrada, é o volume central e dominante. Os volumes organizam-se em torno de um grande vazio (pátio) que, através dos vãos da igreja, faz a ligação direta entre a rua e o grande maciço rochoso.

O espaço litúrgico adota uma configuração axial-processional. Destaca-se o altar, de forma quadrada, colocado ao nível da assembleia.

O interior da igreja é marcado pela modelação da iluminação natural, feita de forma indireta através do grande vão do presbitério. As proporções do espaço e a proximidade entre a assembleia e o presbitério, levam à configuração e vivência do espaço de forma unitária.

Em 2012, esta obra ficou em segundo lugar no âmbito do Prémio Arquitetura Sacra Frate Sole.

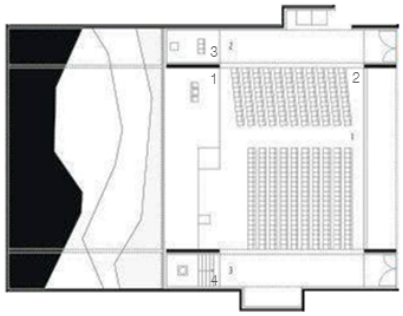
Planta



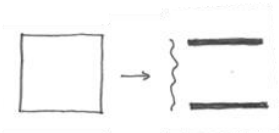
Implantação

aglomerado compacto

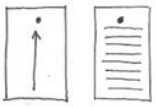
sobre superfície plana
entrada não desnivelada



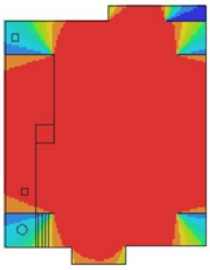
1 presbitério | 2 assembleia | 3 capela | 4 batistério



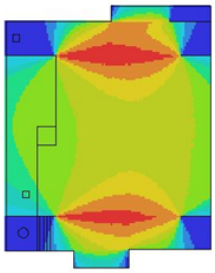
configuração global
geometria de base quadrangular



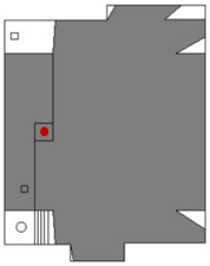
configuração da assembleia
unidirecional



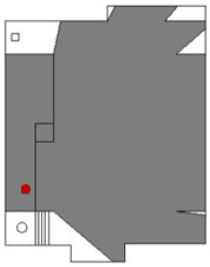
conetividade visual
espaço de celebração amplo, sem pilares, de planta quadrada
acessibilidade visual a todo o espaço de celebração
sentido de unidade espacial que potencia a unidade de espírito



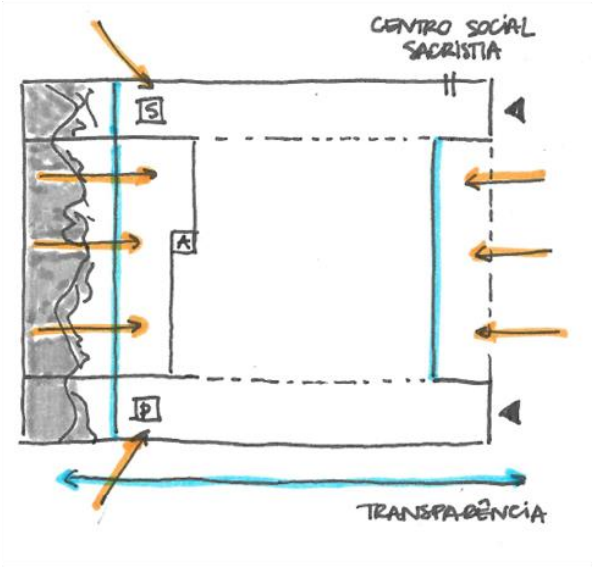
integração visual
espaço subdividido gera poucos pontos de máximo controlo visual
máximo controlo visual na ligação espaço de entrada-assembleia
capela e batistério claramente separados do espaço de celebração
sacrário colocado num dos pontos mais recatados/protegidos



isovista a partir do altar
altar visível para toda a assembleia
altar não visível a partir da capela ou do batistério



isovista a partir do ambão
ambão visível para toda a assembleia
ambão não visível a partir da capela ou do batistério

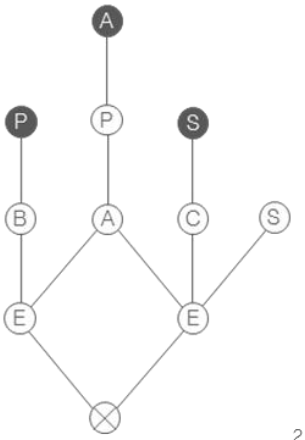


reboco branco
revestimento das paredes

madeira
mobiliário

material vinílico (pvc) preto
pavimento

granito
pavimento



altar A
sacrário S
pia batismal P
presbitério P
assembleia A
assembleia+presbitério A+P
batistério B
capela/altar lateral C
sacristia S
entrada/zona de transição E
exterior ⊗

organização espaço-funcional
2 pontos de entrada laterais em extremidades opostas
2 espaços de entrada com função distribuidora
celebrantes circulam pelo espaço da assembleia ao entrar
zonamento funcional: altar, sacrário e pia batismal em locais separados

03 CAPELA DA ÁRVORE DA VIDA

Localização: (Seminário de) Braga **Arquitetos**: Cerejeira Fontes Arquitetos | **Ano**: 1995 - 2000

Descrição

O projeto da Capela da Árvore da Vida em Braga é da autoria dos arquitetos António Jorge e André Cerejeira Fontes e teve como cliente o Seminário Conciliar de São Pedro e São Paulo

A encomenda, liderada pelo sacerdote e professor Joaquim Félix, surge, após o estudo de várias igrejas e capelas nacionais e internacionais, nas aulas da cadeira de Pastoral Litúrgica. Daqui, nasce, tanto por parte dos estudantes/seminaristas como do professor/sacerdote, o desconforto em relação às capelas do seminário. De forma a aprofundar o estudo e a concretizar as ideias lecionadas, e após o contacto com os arquitetos, é iniciado o projeto de uma nova capela. Para além dos arquitetos Cerejeira Fontes, o projeto contou com a colaboração do artista plástico e escultor Asbjörn Andresen.

A capela localiza-se no interior do seminário, sem contacto direto com o exterior, no que era apenas um local de passagem para os quartos dos seminaristas.

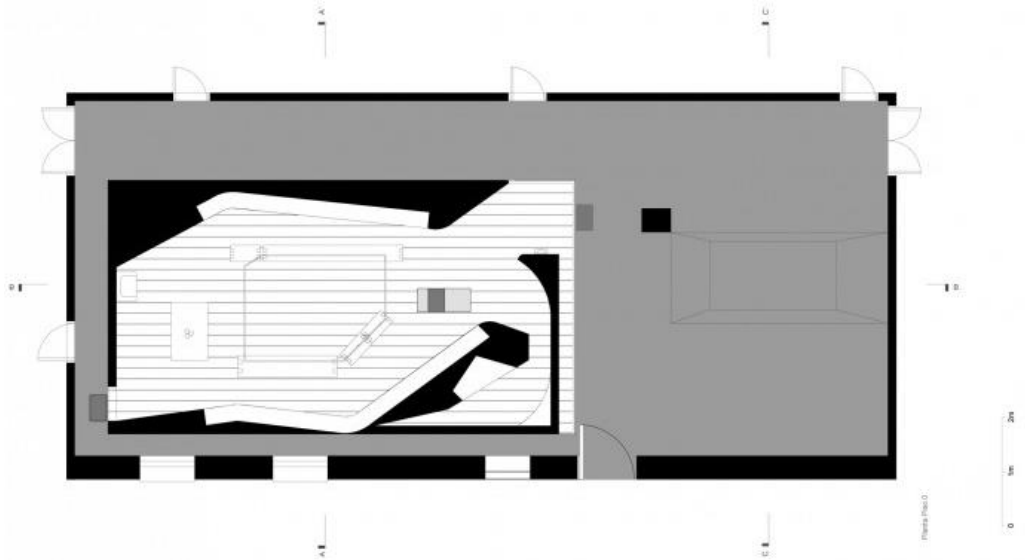
Trata-se de um volume muito pequeno, de base retangular, que assume no topo uma forma piramidal, insinuando uma cúpula. O invólucro é uma grande estrutura de madeira entrelaçada (como uma grande estante), construída sem recurso a pregos ou ferragens (só encaixes e cola) e sem nunca se fechar ao exterior.

O objetivo foi construir um espaço sagrado reduzido à sua essência. Existem apenas duas peças isoladas da estrutura – o ambão e o altar –, colocadas em extremidades opostas do espaço litúrgico. A assembleia dispõe se ao longo de dois bancos colocados entre elas, fundindo o espaço da assembleia com o presbitério, conferindo maior intimidade ao espaço.

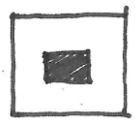
Todo o espaço foi cuidadosamente pensado, em termos teológicos e litúrgicos, e o seu desenho encontra-se repleto de simbolismos.

Em 2011, a Capela da Árvore da Vida venceu o Prémio ArchDaily na categoria de arquitetura religiosa.

Planta

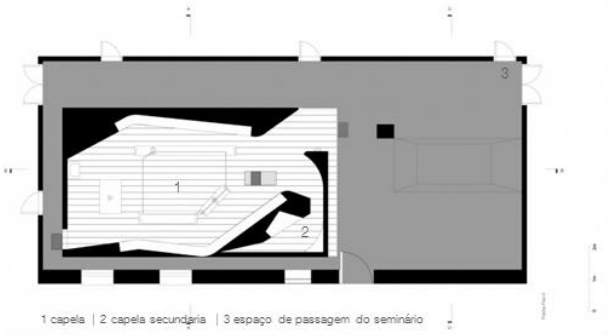


Implantação

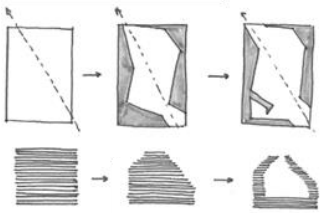


construção isolada
no interior do edifício

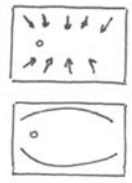
sobre plataforma elevada
acessível por escadas



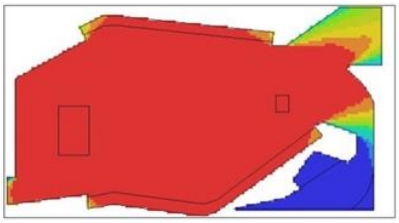
1 capela | 2 capela secundaria | 3 espaço de passagem do seminário



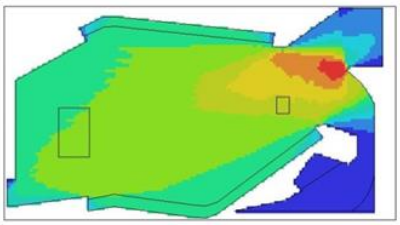
configuração global
geometria de base retangular



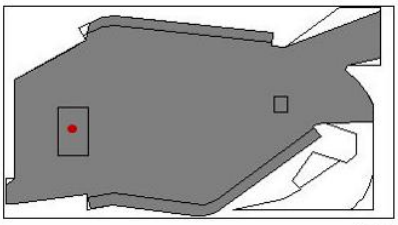
configuração da assembleia
pluridirecional



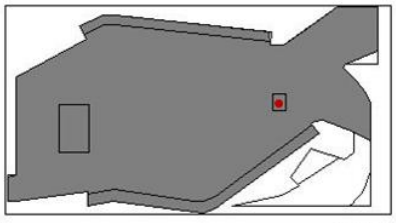
conetividade visual
desenho complexo, espaço pequeno e fluído
acessibilidade visual a todo o espaço de celebração
sentido de unidade espacial que potencia a unidade de espírito



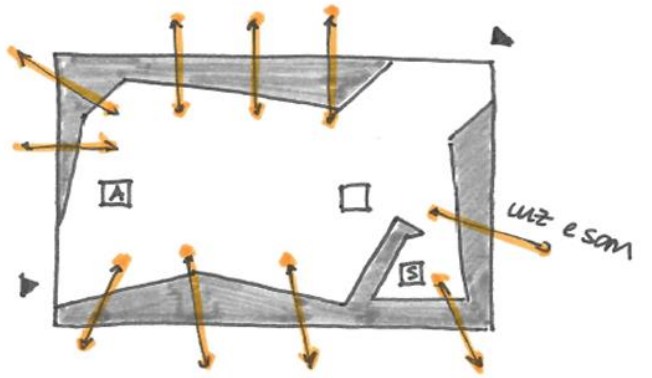
integração visual
espaço subdividido gera poucos pontos de máximo controlo visual
sacrário colocado no local mais recatado/protegido, propício à oração
espaço de celebração fechado sobre si mesmo – proteção



isovista a partir do altar
altar visível para toda a assembleia
altar não visível a partir da capela



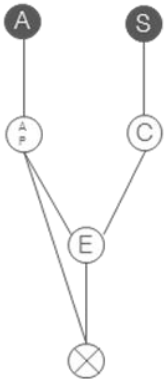
isovista a partir do ambão
ambão visível para toda a assembleia
ambão não visível a partir da capela



madeira
estrutura

pedra
altar

madeira
pavimento



altar A
sacrário S
pia batismal P
presbitério P
assembleia A
assembleia+presbitério A P
batistério B
capela/altar lateral C
sacristia S
entrada/zona de transição E
exterior

organização espaço-funcional
2 pontos de entradas: percurso que atravessa o espaço na diagonal
sacrário colocado numa pequena capela separada
fusão do presbitério com o espaço da assembleia: aproximação ao altar, intimidade

04 CAPELA DO CREU - IL

Localização: Porto

Arquitetos: Nuno Valentim + Frederico Eça | **Ano**: 2000 - 06

Descrição

O projeto da capela do CREU no Porto é da autoria dos arquitetos Nuno Valentim e Frederico Eça e teve como cliente a Província Portuguesa da Companhia de Jesus.

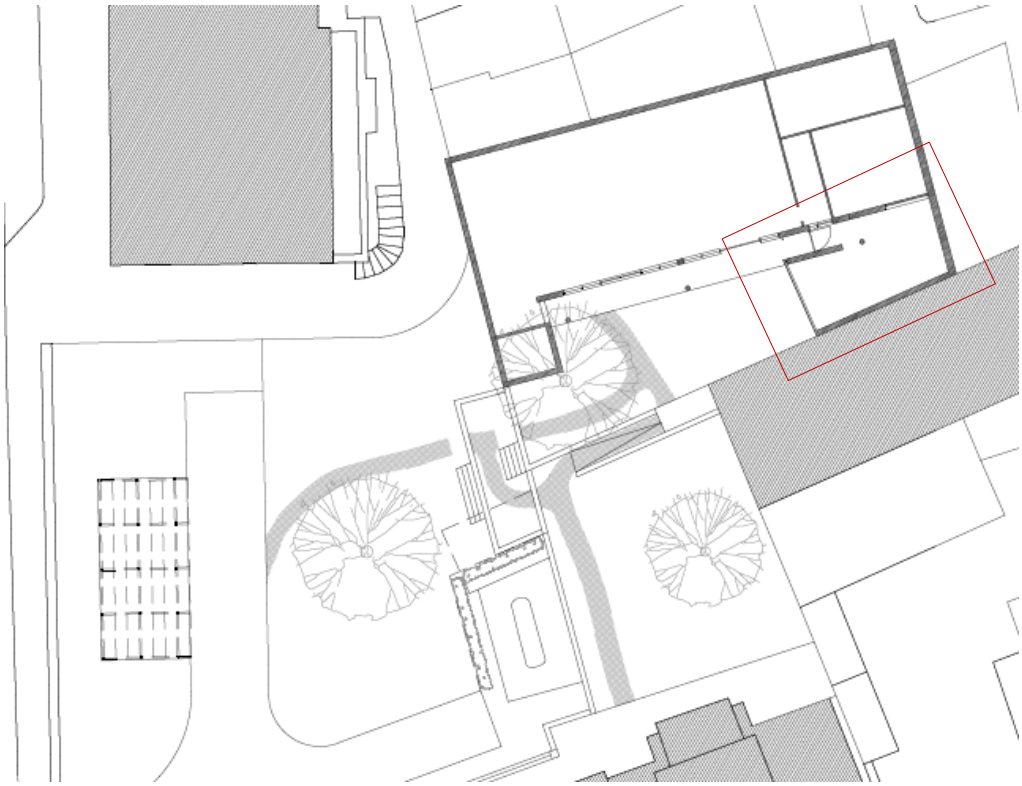
O projeto, com um orçamento muito reduzido, nasceu da necessidade de dotar o Centro de Reflexão e Encontro Universitário – Inácio de Loyola de uma capela de maiores dimensões, aberta ao jardim.

A capela encontra-se implantada no interstício de dois edifícios do CREU, numa das extremidades do seu jardim privado. Trata-se de um espaço de dimensão reduzida e geometria trapezoidal.

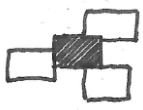
O vão espelhado é central no projeto, tanto pela forte permeabilidade com o jardim, abrindo os limites do espaço da capela, como pelos reflexos e relações de visibilidade criadas.

A capela caracteriza-se pela flexibilidade no seu uso, dado que a disposição da assembleia e do altar não são fixas, e pela extrema simplicidade. Estas duas características permitem que a celebração da Eucaristia seja feita de forma simples e familiar.

Planta

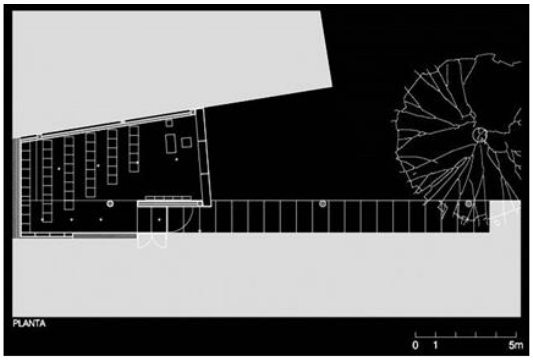


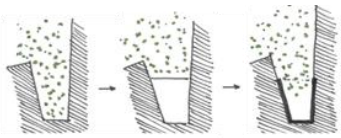
Implantação



aglomerado compacto

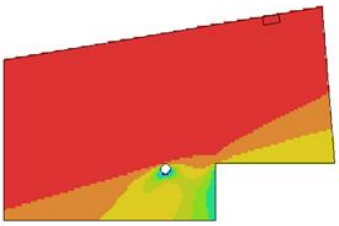
sobre superfície plana
entrada não desnivelada



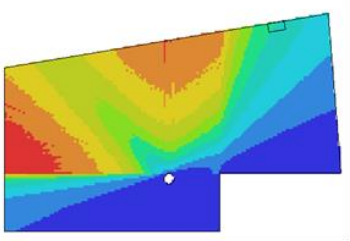


configuração global
geometria de base trapezoidal

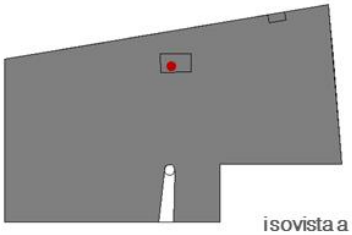
configuração da assembleia
não estabelecida
foco não fixo



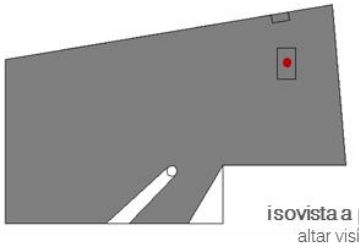
conetividade visual
espaço pequeno
sacrário no espaço de celebração – ponto de conetividade visual máxima
sentido de unidade espacial que potencia a unidade de espírito



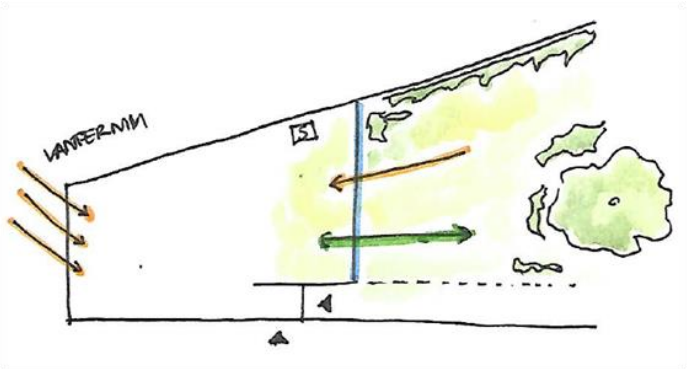
integração visual
pilar obstrui visibilidade e delimita zona de transição/entrada
máxima integração visual na extremidade oposta à do vão

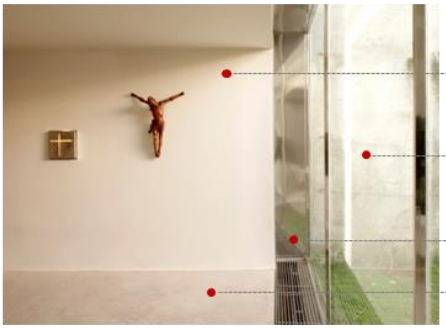


isovista a partir do altar_posição 1
altar visível para toda a assembleia
altar colocado na área de elevada integração visual



isovista a partir do altar_posição 2
altar visível para toda a assembleia
altar não visível a partir da capela ou do batistério
assembleia orientada para o jardim



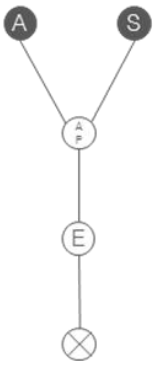


reboco de cor clara
revestimento paredes

vidro espelhado
vão

alumínio
caixilharia

alcatifa de cor clara
pavimento



altar A
sacrário S
pia batismal P
presbitério P
assembleia A
assembleia+presbitério A P
batistério B
capela/altar lateral C
sacristia S
entrada/zona de transição E
exterior

organização espaço-funcional
1 ponto de entrada
percursos e fluxos não fixos/definidos – flexibilidade no uso do espaço
fusão do presbitério com o espaço da assembleia: aproximação ao altar, intimidade
sacrário fixo

05 IGREJA DO CONVENTO DE S. DOMINGOS

Localização: Lisboa **Arquitetos**: José Fernando Gonçalves + João Paulo Providência | **Ano**: 2005

Descrição

O projeto da Igreja do Convento de São Domingos no Alto dos Moinhos em Lisboa é da autoria dos arquitetos José Fernando Gonçalves e João Paulo Providência e teve como cliente a Ordem Dominicana.

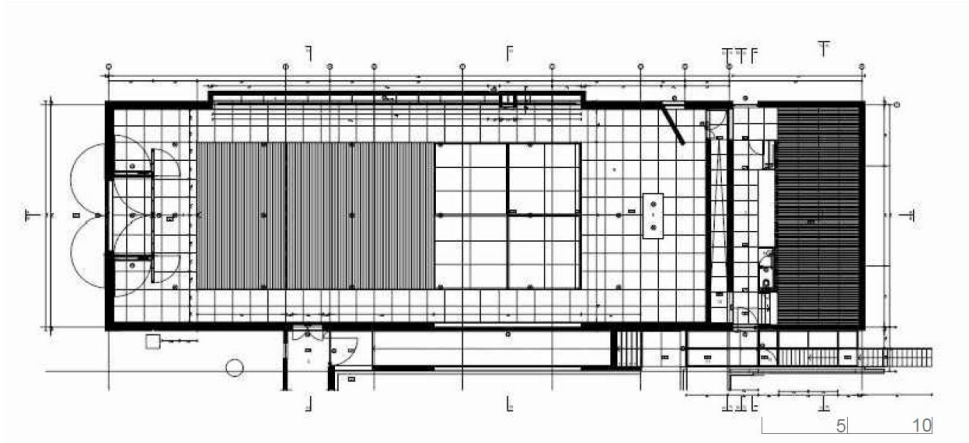
Está integrada um complexo multifuncional que engloba um convento, do qual faz parte a igreja, uma residência universitária e um centro cultural.

Do conjunto, marcado pela horizontalidade, destacam-se 3 volumes verticais: o grande átrio abobadado do convento (13m), a igreja (17m) e a biblioteca cilíndrica do centro cultural (15m).Pode aceder-se à igreja a partir do interior do convento ou a partir da rua, através de uma grande escadaria, não projetada inicialmente, que resultou de uma alteração da localização da entrada no complexo.

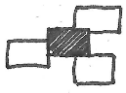
Exteriormente, a igreja consiste num grande volume de betão, opaco e paralelepipédico. No interior, caracteriza-se pela depuração e despojamento de ornamentação. Destacam-se: o pé-direito elevado (21 metros), a entrada de luz zenital sobre o presbitério e a conjugação dos materiais – betão e madeira-, diferença de cota da zona da assembleia (que se encontra 6 degraus inferior ao resto do espaço) e o facto de a cruz e o ambão serem móveis, para que celebração da Eucaristia possa ser orientada para a assembleia ou para os irmãos dominicanos, que se dispõem nos bancos do presbitério.

O espaço litúrgico organiza-se de acordo com o modelo tradicional, dispondo-se a assembleia em frente ao presbitério.

Planta

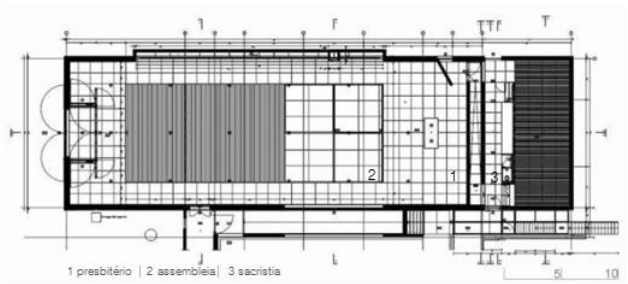


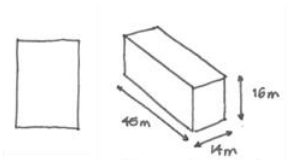
Implantação



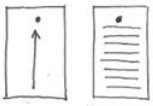
aglomerado compacto

plataforma elevada
acessível por escadas

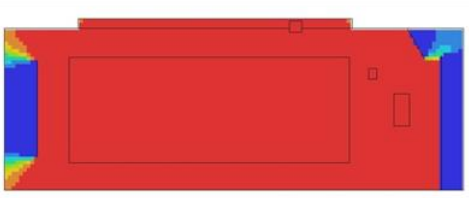




configuração global
geometria de base retangular



configuração da assembleia
unidirecional

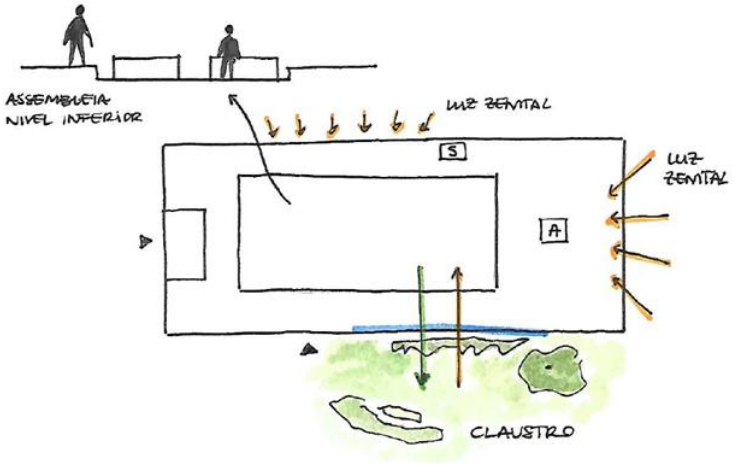


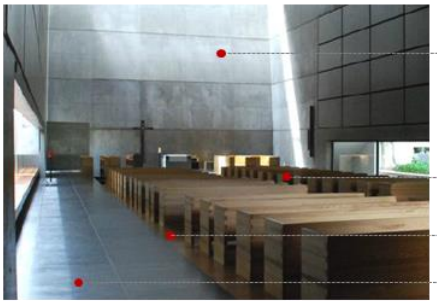
conetividade visual
espaço de celebração amplo, sem pilares ou recantos
acessibilidade visual a todos os pontos do espaço de celebração
sacrário no espaço de celebração, visível a partir de qualquer ponto
sentido de unidade espacial que potencia a unidade de espírito

integração visual
espaço subdividido gera poucos pontos de máximo controlo visual
antecâmara e sacristia separados do espaço de celebração
espaço fechado sobre si mesmo, espaço de celebração protegido

isovista a partir do altar
altar visível a para toda a assembleia

isovista a partir do ambão
ambão visível a para toda a assembleia



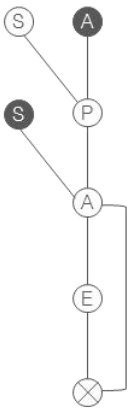


betão (à vista)
revestimento paredes

madeira
mobiliário

madeira
pavimento

pedra
pavimento

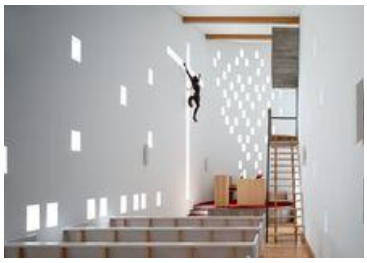


altar A
sacrário S
pia batismal P
presbitério P
assembleia A
assembleia+presbitério
batistério B
capela/altar lateral C
sacristia S
entrada/zona de transição E
exterior

organização espaço-funcional
2 pontos de entrada:
através de antecâmara, alinhada com o eixo central_
porta lateral, entrada direta para o espaço de celebração_
espaço da assembleia num nivel inferior, percursos feitos pelo perímetro do espaço
sacrário no espaço de celebração, fora do presbitério, próximo da assembleia
ligação direta do presbitério à sacristia

06 CAPELA DE SANTA ANA

Localização: Sousanil, Santa Maria da Feira **Arquitetos**: e|348 arquitectura | **Ano**: 2009



Descrição

O projeto da Capela de Santa Ana em Santa Maria da Feira é do gabinete e|348 arquitetura e teve como cliente a família Ribeiro da Rocha (benemérita da obra), em nome da Paróquia de São Pedro de Canedo.

A capela foi construída para a celebração da festa de Santa Ana, realizada por todos os moradores a 26 de Julho de cada ano, sendo apenas utilizada nessa ocasião.

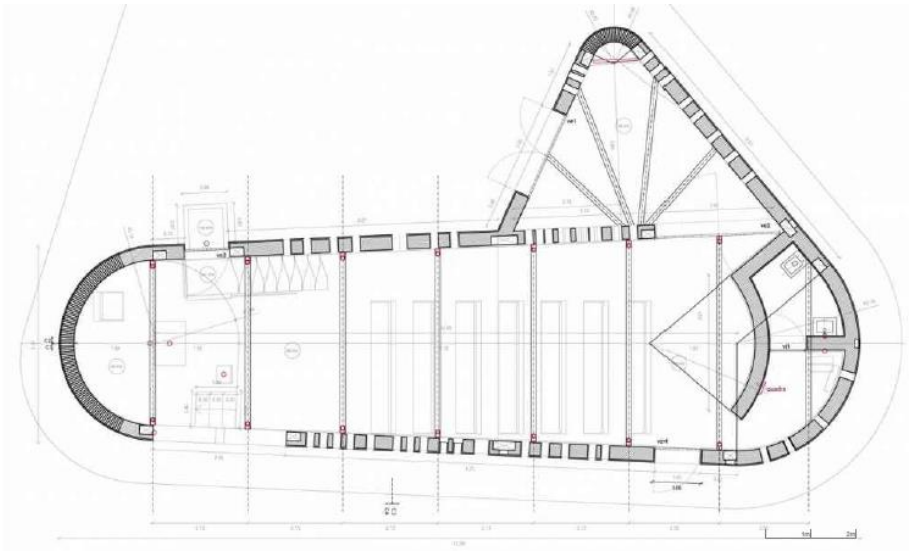
Trata-se de um volume de dimensões muito pequenas, marcado pelas linhas circulares e implantado na extremidade de uma pequena praça (e cruzamento de 5 ruas) em declive. Esta implantação permite que o restante espaço da praça seja utilizado como anfiteatro, condição pensada para a grande aglomeração de pessoas, por ocasião da festa de Santa Ana. Existe também um púlpito exterior, acessível a partir das escadas interiores, para que o celebrante seja visível por todos.

Interiormente, trata-se de um espaço marcado pela simplicidade e pelo branco, organizado de uma forma tradicional, com a assembleia disposta em frente do altar.

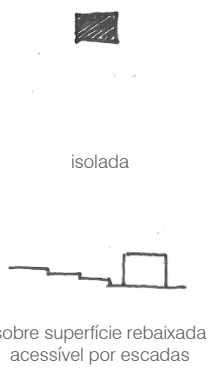
Destaca-se o trabalho da luz realizado através dos inúmeros vãos retangulares, colocados de forma irregular ao longo da parede que define/limita o espaço de celebração litúrgica e com maior densidade na zona do presbitério, e do vão em forma de cruz que serve de base ao crucifixo. Dada a sua pequena dimensão e dispersão, estes vãos permitem a entrada de luz difusa, o que torna o ambiente calmo e o espaço acolhedor.

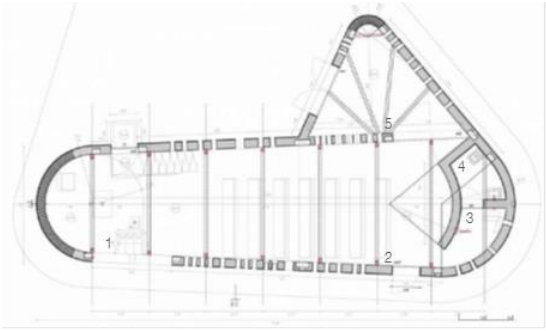
Em 2011, foi finalista do Prémio ArchDaily, na categoria de arquitetura religiosa.

Planta

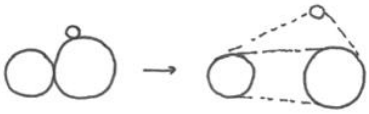


Implantação

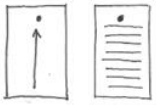




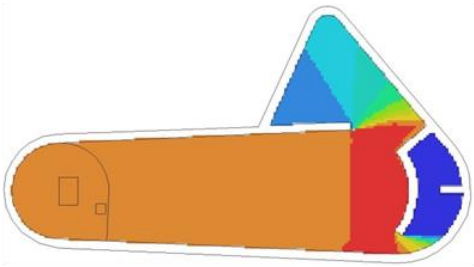
1 presbitério | 2 assembleia| 3 sacristia | 4 I.S. | 5 entrada e altar secundário



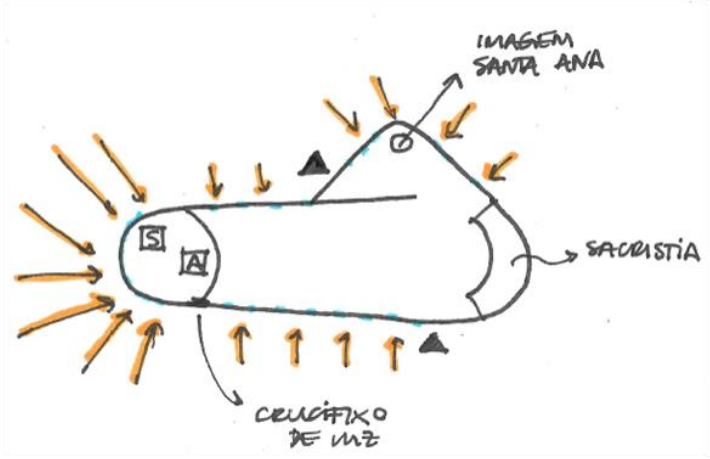
configuração global
geometria de base circular

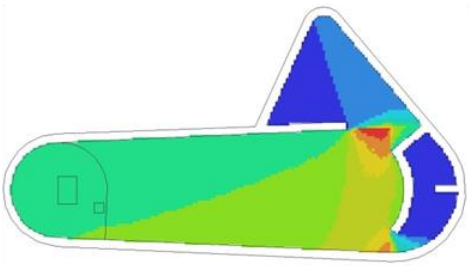


configuração da assembleia
unidirecional

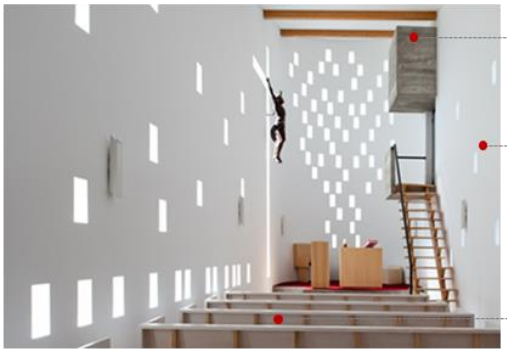


conetividade visual
espaço de celebração pequeno, sem pilares ou recantos
acessibilidade visual a todos os pontos do espaço de celebração
espaço de celebração definido apenas por uma parede curva
sentido de unidade espacial que potencia a unidade de espírito





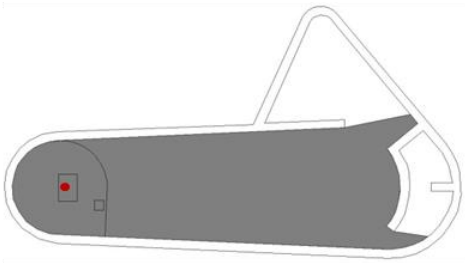
integração visual
espaço subdividido gera poucos pontos de máximo controlo visual
antecâmara e sacristia claramente separados do espaço de celebração
espaço de celebração fechado sobre sim mesmo - proteção



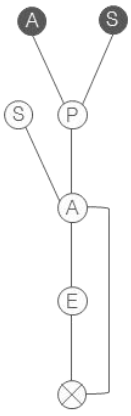
betão (à vista)
revestimento paredes

reboco branco
revestimento paredes

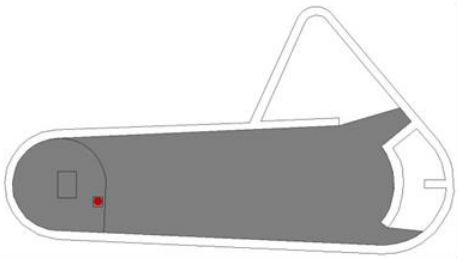
madeira
mobiliário



isovista a partir do altar
altar visível a para toda a assembleia



altar A
sacrário S
pia batismal P
presbitério P
assembleia A
assembleia+presbitério
batistério B
capela/altar lateral C
sacristia S
entrada/zona de transição E
exterior



isovista a partir do ambão
ambão visível a para toda a assembleia

organização espaço-funcional
2 pontos de entrada:
através de espaço de transição – percurso de descoberta_
direta para o espaço da assembleia_
o celebrante atravessa a assembleia ao entrar
sacrário colocado no presbitério

07 IGREJA DE NOSSA SENHORA DA BOA NOVA

Localização: Estoril **Arquitetos**: Roseta Vaz Monteiro Arquitectos | **Ano**: 2009 - 10

Descrição

O projeto da Igreja de Nossa Senhora de Boa Nova no Estoril é da autoria dos arquitetos Filipa Roseta e Francisco Vaz Monteiro e teve como cliente a paróquia do Estoril..

A igreja faz parte de um conjunto paroquial multifuncional, que alberga uma escola primária, um centro comunitário e um auditório, implantado nos terrenos do antigo Bairro do Fim do Mundo. O programa foi pensado com toda a comunidade, com o objetivo de revalorizar a zona.

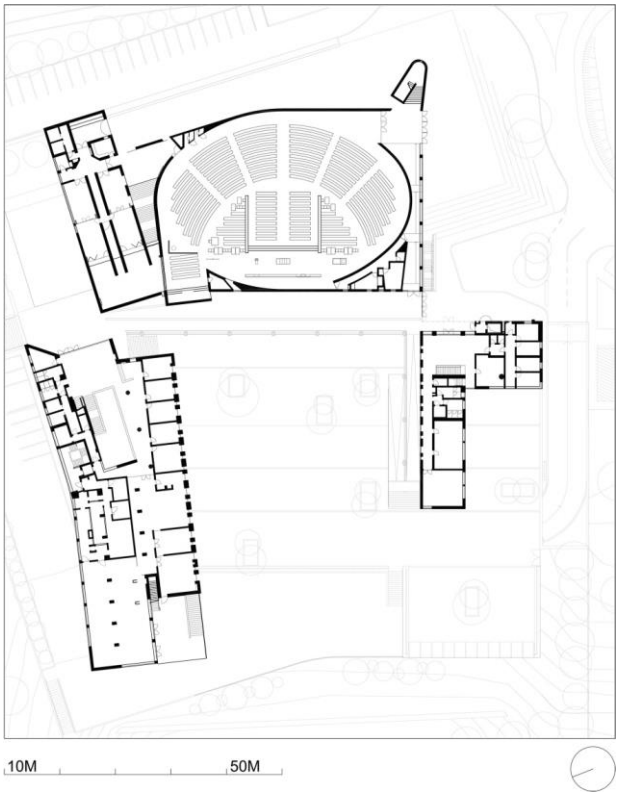
O conjunto é composto por 3 volumes, sendo que o maior corresponde à igreja e os outros ladeiam um grande vazio/pátio central,

Trata-se de uma igreja de grandes dimensões, que se caracteriza pelas formas em 'concha' (não existindo separação entre paredes e teto) e pela planta elíptica.

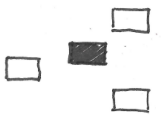
O espaço litúrgico está organizado de forma moderna, a assembleia aproxima-se do presbitério e rodeia o altar. A pia batismal encontra-se próxima do batistério e o sacrário encontra-se numa capela lateral, 'protegida' por uma parede, acessível a partir da assembleia. É um espaço marcado pelo sentido de envolvência, conseguido pela grandes curvas do seu desenho e pela disposição da assembleia.

Em 2011, foi finalista do Prémio ArchDaily, na categoria de arquitetura religiosa e, em 2014, foi distinguida no âmbito da *International Awards Program for Religious Art & Architecture.*

Planta

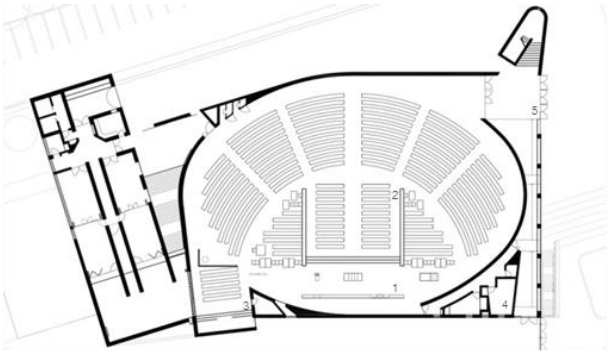


Implantação

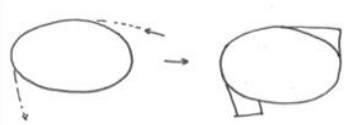


aglomerado disperso

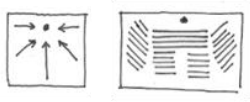
sobre plataforma elevada
acessível por escadas



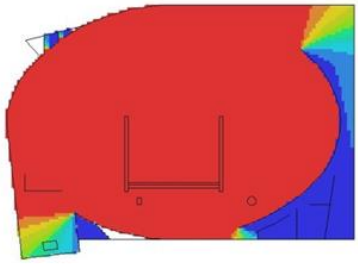
1 presbitério | 2 assembleia| 3 capela lateral | 4 sacristia | 5 entrada



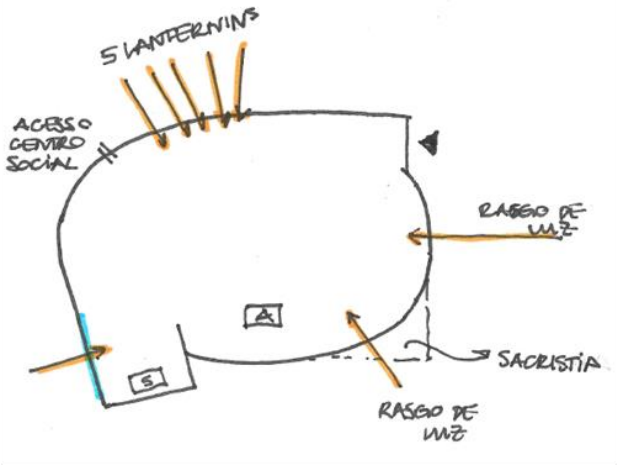
configuração global
geometria de base elíptica

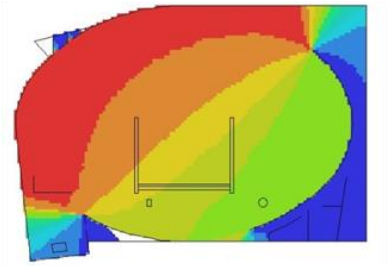


configuração da assembleia
pluridirecional

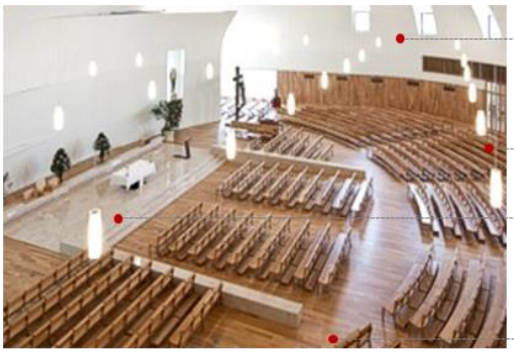


conetividade visual
espaço de celebração amplo, fluído, sem pilares
sentido de envolvência - curva
acessibilidade visual a todos os pontos do espaço de celebração
sentido de unidade espacial que potencia a unidade de espírito





integração visual
capela, sacristia e confessionário separados do espaço de celebração
capela – espaço protegido, propício à oração

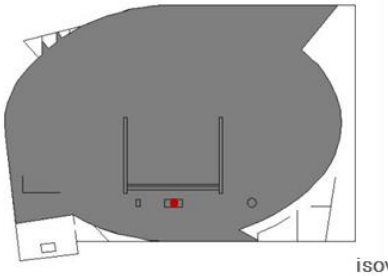


reboco branco
revestimento paredes

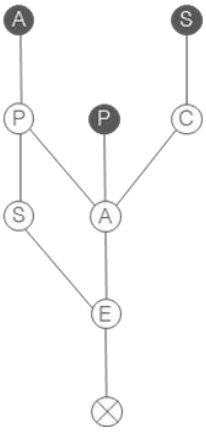
madeira
mobiliário

mármore
pavimento

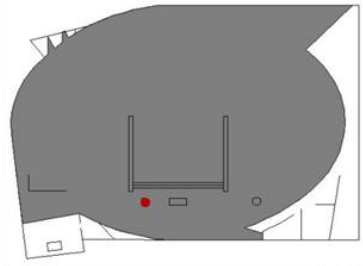
madeira
pavimento



isovista a partir do altar
altar visível para toda a assembleia



altar A
sacrário S
pia batismal P
presbitério P
assembleia A
assembleia+presbitério
batistério B
capela/altar lateral C
sacristia S
entrada/zona de transição E
exterior



isovista a partir do ambão
ambão visível para toda a assembleia

organização espaço-funcional
entrada através de antecâmara – percurso de descoberta
ligação direta do presbitério e do espaço de entrada à sacristia
pia batismal acessível a partir da assembleia, próxima do presbitério
sacrário colocado numa capela lateral

08 IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES

Localização: Chãs, Leiria **Arquitetos**: Bica Arquitectos | **Ano**: 2009 - 12

Descrição

O projeto da Igreja de Nossa Senhora das Necessidades em Leiria é da autoria dos arquitetos Inês Cortesão e Célia Faria e teve como cliente a Paróquia de Regueira de Pontes.

A igreja substituiu a Capela de Nossa Senhora das Necessidades, que se encontrava em estado degradado e não comportava o número de fiéis. A capela (ainda visível na imagem acima - em frente à igreja, perto da estrada) foi demolida, para dar lugar a uma praça e escadaria de acesso à igreja, mantendo-se a sua memória através de marcas no pavimento correspondentes às paredes existentes. À direita da igreja, encontra-se a torre sineira.

Para além do espaço da igreja, este edifício possui uma sala polivalente e outra pequena sala, para serviços paroquiais.

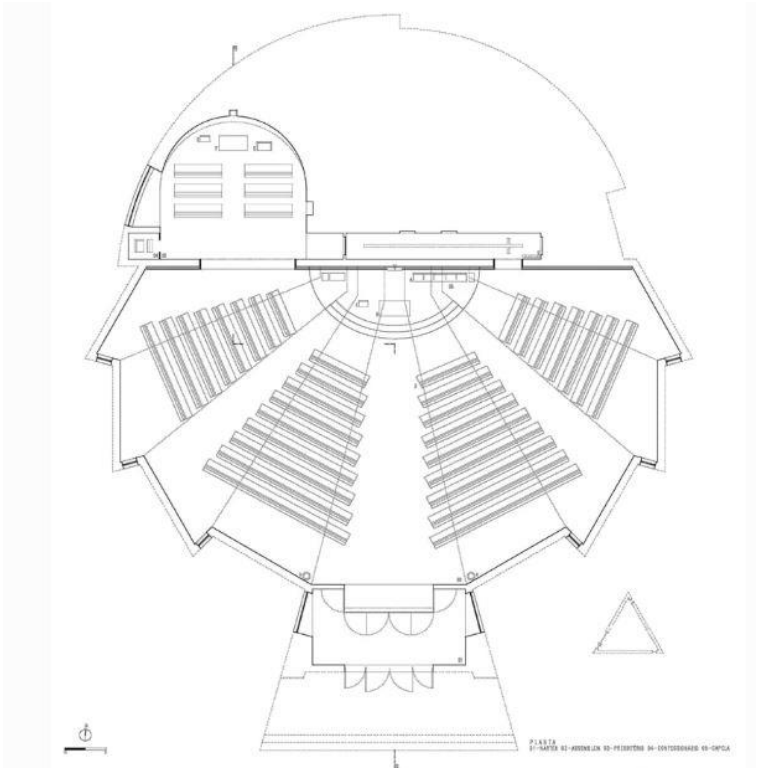
A igreja de Chãs distingue-se pela disposição da assembleia em anfiteatro - planta em leque com declive.

Trata-se um espaço sóbrio, despojado de ornamento, marcado pelas cores claras e pelo trabalho da luz.

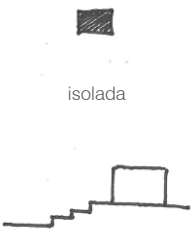
O altar encontra-se alinhado com a entrada, segundo um eixo central, e o sacrário encontra-se numa capela de forma curva (como uma abside), separada do espaço de celebração, destinada às celebrações diárias. À direita do presbitério existe uma área reservada para o coro.

Destaca-se ainda a parede frontal – um painel de rendilhado de madeira – e o desenho do teto. O teto foi projetado de forma a introduzir iluminação artificial e a ligar o presbitério aos vãos colocados no perímetro do espaço, nas saliências da planta recortada, acentuando a centralidade do altar e reforçando a imagem de luz divina.

Planta

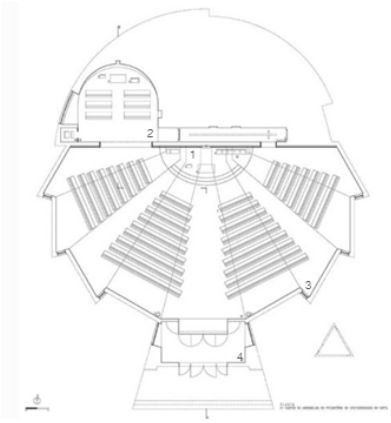


Implantação

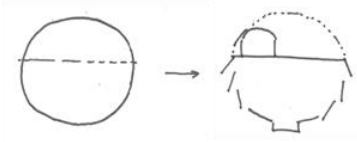


isolada

sobre plataforma elevada
acessível por escadas

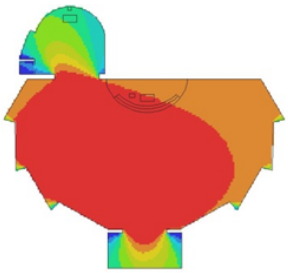


1 presbitério | 2 capela lateral | 3 assembleia | 4 entrada

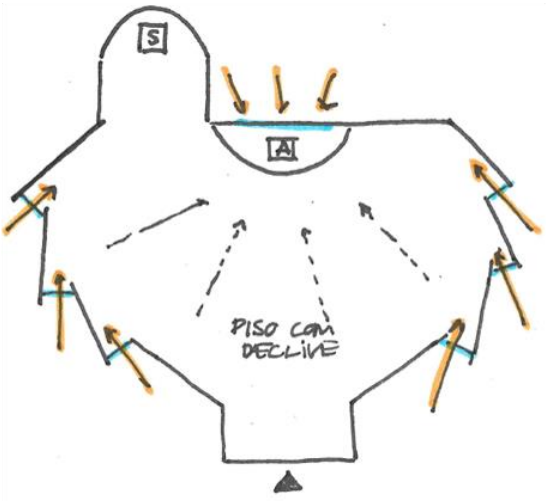


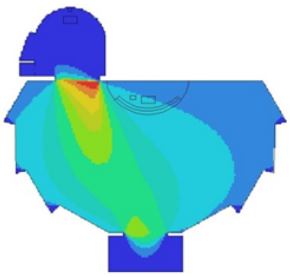
configuração global
geometria de base circular

configuração da assembleia
pluridirecional

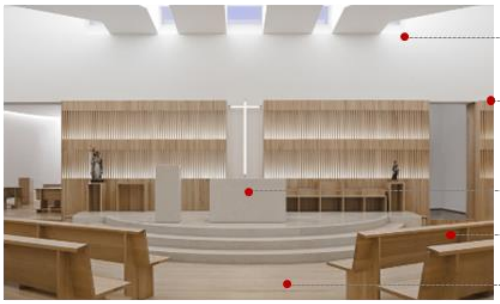


conetividade visual
espaço de celebração amplo, fluído, sem pilares ou recantos
acessibilidade visual a todos os pontos do espaço de celebração
sentido de unidade espacial que potencia a unidade de espírito
sentido de envolvência – forma semicircular





integração visual
espaço subdividido gera poucos pontos de máximo controlo visual
capela - espaço recatado, propício à oração



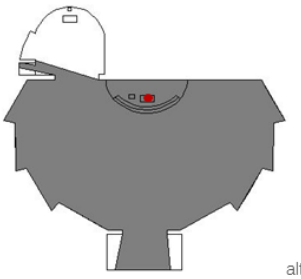
reboco branco
revestimento paredes

madeira
mobiliário

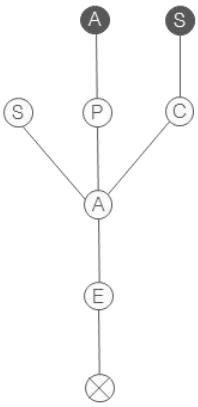
liós
pavimento, altar e ambão

madeira
mobiliário

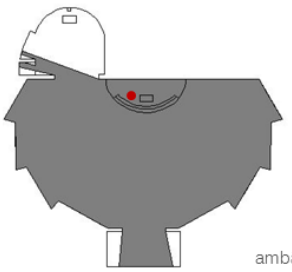
madeira
pavimento



isovista a partir do altar
altar visível para toda a assembleia



altar A
sacrário S
pia batismal P
presbitério P
assembleia A
assembleia+presbitério A+P
batistério B
capela/altar lateral C
sacristia S
entrada/zona de transição E
exterior ⊗



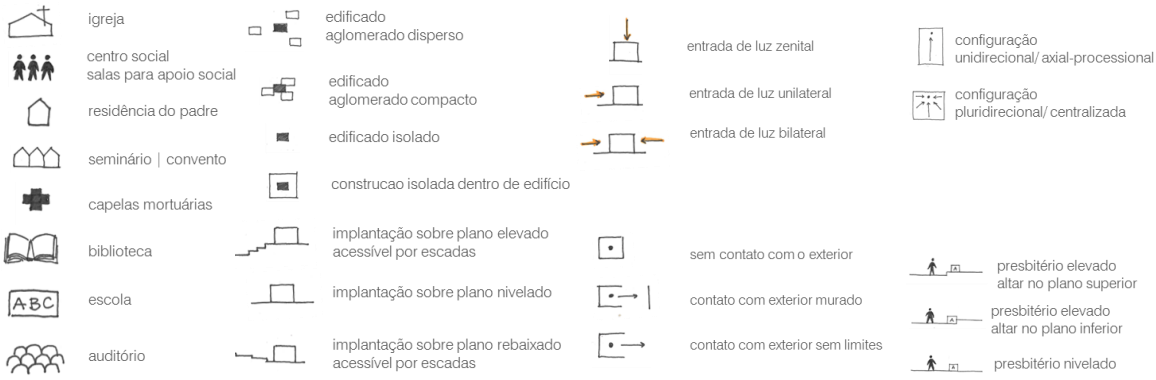
isovista a partir do ambão
ambão visível para toda a assembleia

organização espaço-funcional
entrada através de antecâmara alinhada com o eixo central – percurso de descoberta
espaço da assembleia com piso em declive
assembleia como espaço distribuidor
sacrário colocado na capela secundária

4.2 ANÁLISE COMPARATIVA

A seguinte tabela (fig. 4.1) apresenta de forma sintética e gráfica uma análise comparativa dos casos de estudo que considera: área, funções, implantação do edificado, entrada de luz natural, relação com o exterior, orientação da assembleia e relação assembleia-presbitério.

Legenda da tabela:



A fig. 4.2 apresenta os oito diagramas espaço-funcionais dispostos em linha, de forma a poder estabelecer-se comparações facilmente. Conclui-se que:

- A entrada no espaço de celebração é normalmente antecedida por um espaço de transição/ante-câmara. Deste modo, o espaço sagrado fica mais protegido, não é 'revelado' de imediato e é criado um pequeno percurso de descoberta, que pode recorrer a uma mudança de direção;

- Nas igrejas de maiores dimensões, o espaço da assembleia funciona como espaço-distribuidor, fazendo a ligação com o batistério, com a capela lateral e com o presbitério;

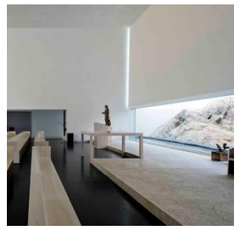
- A sacristia pode ser acessível a partir do presbitério ou da assembleia, gerando diferentes percursos de entrada dos celebrantes na celebração;

- Cada igreja, além do altar-mor, possui no máximo um altar lateral, colocado numa capela separada do corpo do espaço de celebração;

- O altar e o sacrário são os elementos de maior destaque e por isso, melhor protegidos e mais distantes do exterior (nível 3 ou 4). O altar é sempre visível a partir da assembleia, a localização do sacrário varia entre o presbitério e uma capela lateral.

- A Igreja de Santo António (caso 02) do arquiteto Carrilho da Graça apresenta uma estrutura marcada pelo zonamento funcional: o espaço de entrada é o espaço distribuidor e os três objetos principais estão localizados em espaços diferentes.

01| IGREJA SANTA MARIA



02| IGREJA STº. ANTÓNIO

03| CAPELA ÁRVORE DA VIDA

04| CAPELA DO CREU

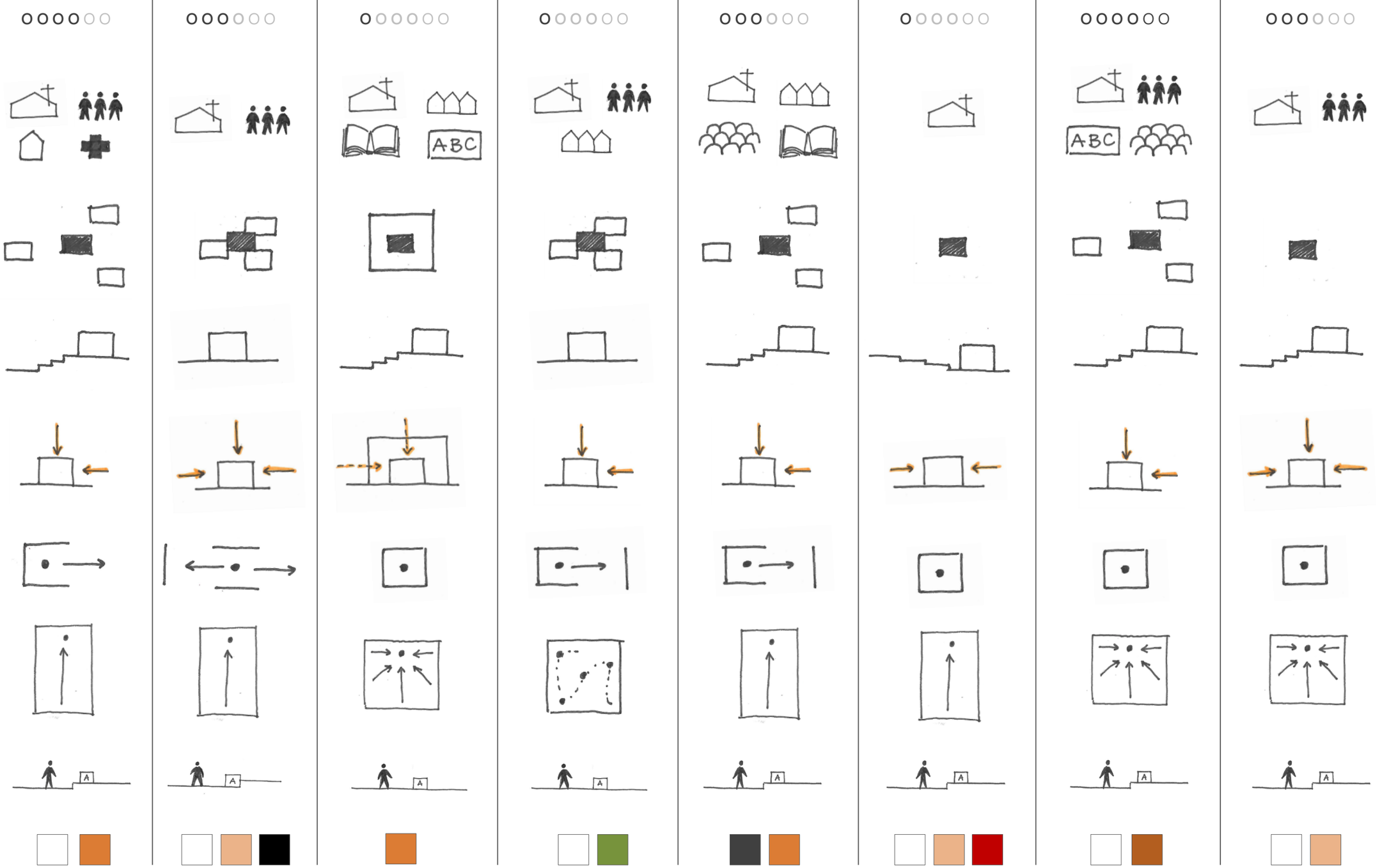
05| IGREJA CONVENTO S. DOMINGOS

06| CAPELA SANTA ANA

07| IGREJA BOA NOVA

08| IGREJA NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES

ÁREA
o = até 200 m2



FUNÇÕES

IMPLANTAÇÃO

LUZ

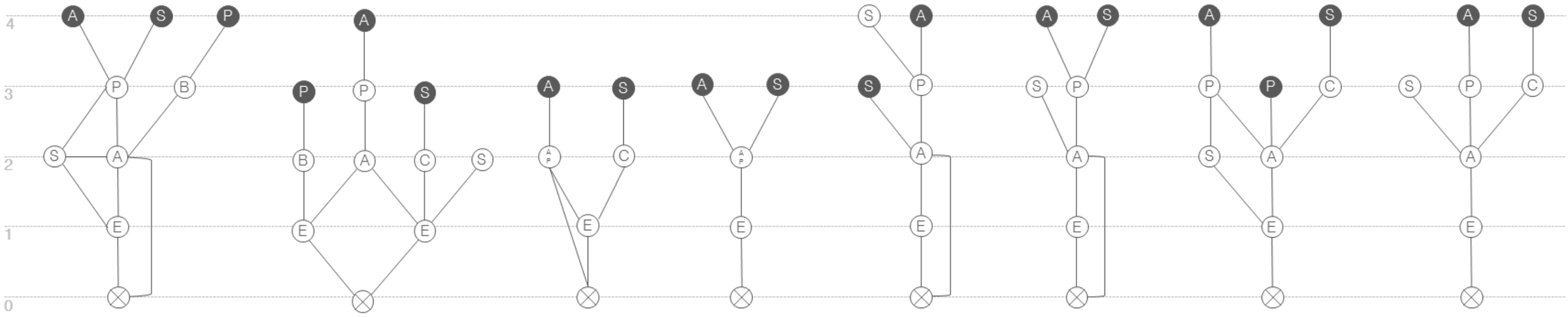
RELAÇÃO C/ EXTERIOR

CONFIGURAÇÃO DA ASSEMBLEIA

RELAÇÃO PRESBITÉRIO-ASSEMBLEIA

CORES

Fig. 4.1 | Tabela comparativa



01| IGREJA SANTA MARIA

02| IGREJA ST°. ANTÓNIO

03| CAPELA ÁRVORE DA VIDA

04| CAPELA DO CREU

05| IGREJA CONVENTO S. DOMINGOS

06| CAPELA SANTA ANA

07| IGREJA BOA NOVA

08| IGREJA NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES

A altar
S sacrário
P pia batismal
P presbitério
A assembleia
A P assembleia + presbitério
B batistério
C capela/altar lateral
S sacristia
E entrada/zona de transição
exterior

Fig. 4.2| Diagramas espaco-funcionais referentes a cada caso de estudo

4.3 AVALIAÇÃO E CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE MORFOLÓGICA

Procurou-se apresentar uma visão global sobre os resultados obtidos com a análise morfológica dos oito casos de estudo, tendo também como apoio a pesquisa e estudo de obras de arquitetura religiosa contemporânea internacionais.[34]

Assim, a partir das semelhanças entre as várias obras, foram identificadas estratégias arquitetónicas que marcam o espaço religioso católico contemporâneo (distinguindo-o do espaço religioso católico moderno) e que permitem a sua identificação como um lugar sagrado e de culto, potenciando uma postura tranquila e concentrada e a vivência da oração, individual ou comunitária.

Estas opções refletem-se tanto ao nível da configuração espacial como ao nível do tratamento conferido à envolvente construída, ou seja, da forma como são manipulados os planos verticais/paramentos e os planos horizontais/ pavimentos e tetos, conferindo ao espaço qualidades que *transcendem* as suas qualidades físicas e funcionais

Foram identificadas quatro estratégias arquitetónicas – luminosidade, depuração/*silêncio visual*, permeabilidade e envolvência. Estas quatro estratégias têm em comum a aproximação ao modelo de *igreja-casa*.

LUMINOSIDADE

Fig. 4.3| Igreja de Iésu, San Sebastian (Espanha), Rafael Moneo, 2012: (1) vista do espaço de celebração; (2) vista do presbitério; (3) vista do teto

A primeira estratégia identificada é a luminosidade, que conjuga duas variáveis: a entrada de luz natural e a cor.

[34] Consultar anexo 1 - barra cronológica

Na conceção de um espaço de culto religioso, torna-se especialmente importante e determinante o controlo da entrada de luz natural, dado o carácter imaterial e simbólico da luz, que facilmente remete para o mundo espiritual e transcendente.

A entrada da luz e a sua interação com o espaço são trabalhadas de forma a contribuir para a criação de um ambiente que ajude os fiéis a viver a experiência espiritual. A luz natural garante o conforto visual das pessoas, para que possam participar na liturgia de forma fácil e agradável, e valoriza os vários elementos presentes no espaço e necessários na celebração, favorecendo as ações litúrgicas.

Este trabalho é feito de forma muito criativa, considerando-se opções muito variadas de projetar os vãos. A entrada de luz pode ser direta ou indireta, refletida e difusa ou direcionada e focada, e através de grandes ou pequenos, muitos ou poucos vãos. A arquitetura religiosa contemporânea caracteriza-se pela iluminação indireta, homogénea e abundante.

A entrada de luz indireta que se *espalha* pelo espaço refletindo-se nas superfícies, cria uma iluminação difusa, favorecendo um ambiente calmo, propício à oração. No entanto, o presbitério deve ser sempre a zona melhor iluminada e é comum existir uma maior intensidade de luz sobre o altar, que reforça a organização espacial e, sobretudo, a guia o olhar dos fiéis para o centro da Eucaristia.

Dado que a essência da Eucaristia está na assembleia reunida em festa em torno do altar, torna-se especialmente importante trabalhar a iluminação da igreja de forma uniforme e intensa, aumentando o controlo visual do espaço. Assim, para além do altar, o olhar é também despertado para as pessoas presentes, é valorizado o sentido de conjunto/comunidade e é criado um ambiente mais propício à participação ativa (menos 'adormecida') na celebração.

A iluminação de baixa intensidade e demasiado heterogénea (com grandes contrastes luz/sombra), destacando apenas objetos, torna o ambiente mais propício ao relaxamento, à privacidade e à oração pessoal. Por isso, reserva-se este tipo de iluminação para os locais dedicados exclusivamente à oração pessoal, como as capelas secundárias (onde, muitas vezes, está colocado o sacrário).

Um dos recursos mais comuns para iluminação na arquitetura religiosa contemporânea, que permite uma iluminação indireta e abundante, é a entrada de luz zenital através de lanternins. A entrada de luz zenital é, também, especialmente evocativa do mistério divino – o espaço é iluminado na vertical e os vãos não estão facilmente acessíveis ao olhar.

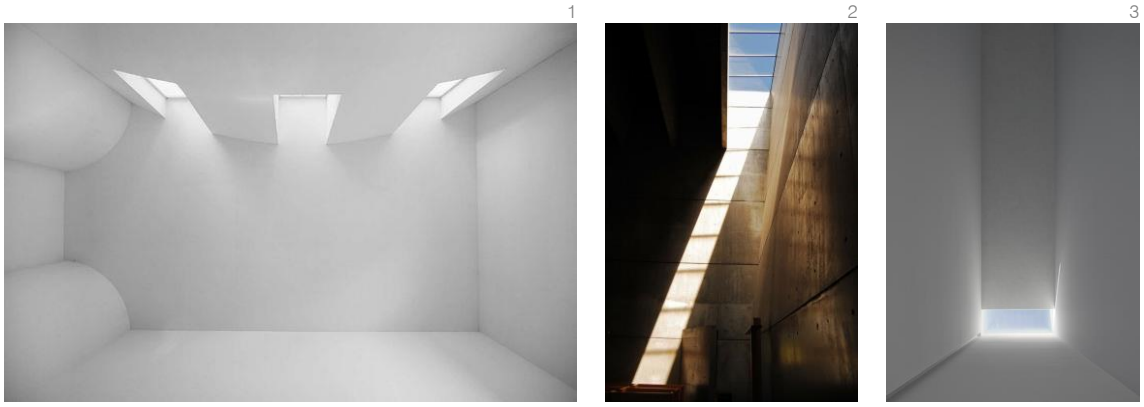


Fig. 4.4| Lanternins: (1) Igreja de Santa Maria; (2) Igreja do Convento de S. Domingos; (3) Igreja de Santo António

A luminosidade torna-se mais forte quando, associada à luz uniforme e intensa, está a cor clara, sobretudo a cor branca, considerada a "cor da luz". É a cor que reflete todos os raios luminosos e não absorve nenhum, colaborando para o aumento da luminosidade de um espaço e reforçando os efeitos da iluminação uniforme e intensa. Para além disso, as cores claras são associadas à paz e à tranquilidade, sendo muito comum e adequada a sua utilização em espaços de culto religioso, tanto no revestimento interior, como no exterior.

Dos casos de estudo analisados, na exploração desta estratégia, destacam-se a capela do CREU-IL, Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, a Igreja de Santa Maria e a Capela de Santa Ana. Estes quatro exemplos apresentam diferentes tipos de vãos, no entanto, todos recorrem à cor branca (reboco branco) no revestimento dos planos verticais.[35]

Fig. 4.5| Luminosidade: (1) Capela do CREU; (2) Ig. de Nossa Senhora das Necssidades; (3) Ig. de Santa Maria; (4) Capela de Santa Ana

A capela do CREU-IL diferencia-se dos outros casos porque recorre sobretudo à entrada de luz direta, através de um grande vão envidraçado – que corresponde à sua fachada. Por se localizar num pequeno espaço entre dois edifícios de maiores dimensões e se abrir a um jardim, com elementos naturais que também produzem sombra, a entrada de luz na capela não é demasiado intensa. Na extremidade oposta à fachada, naturalmente mais escura, existe um lanternim, que homogeneiza a iluminação.

[35] Estudos sobre a entrada de luz natural referents aos casos de estudo podem ser consultados no anexo 3

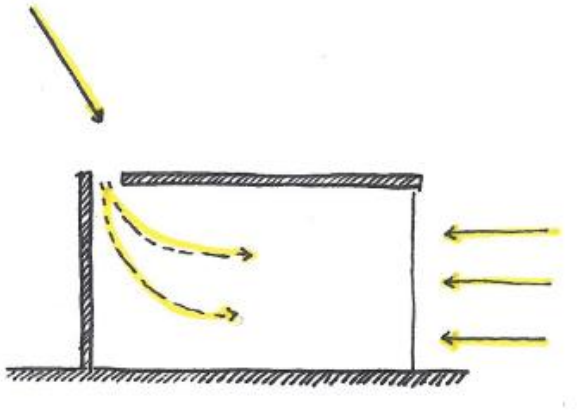


Fig. 4.6| Estudo da entrada de luz natural na Capela do CREU - esquema em corte

Na Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, a entrada de luz natural é feita através de um vão no topo da parede do presbitério (onde confluem as linhas do desenho do teto) e de vários vãos (de vidro fosco, não existindo contacto visual com o exterior) no perímetro do espaço. Estas aberturas surgem como se as paredes se rasgassem e se abrissem como abas para a luz entrar, criando uma iluminação homogénea. No desenho do teto está incorporada a iluminação artificial.

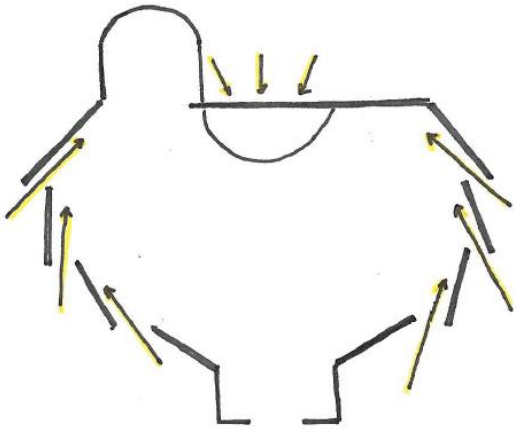


Fig. 4.7| Estudo da entrada de luz natural na Ig. de Nossa Senhora das Necessidades – esquema em planta

A Igreja de Santa Maria consegue esta iluminação uniforme e intensa através de vários tipos de vãos, como mostra a fig. 4.8 – um grande vão horizontal na parede lateral, vãos no topo da parede oposta, que permitem a entrada de luz zenital, e duas aberturas no fundo do presbitério que recebem luz coada de um grande janelão.

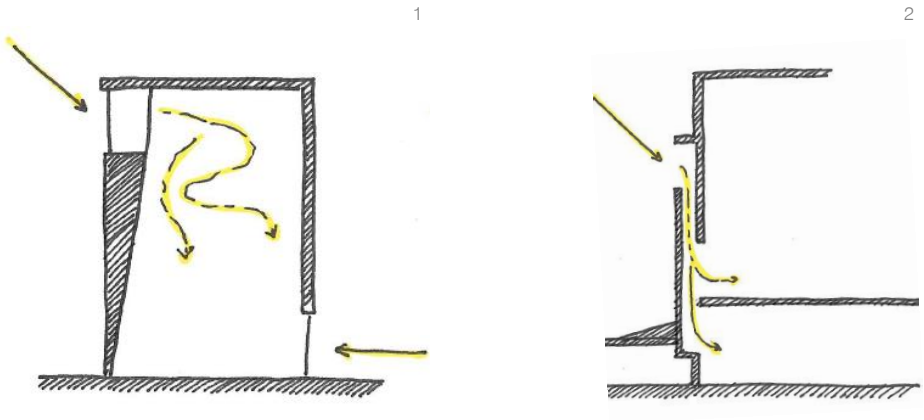


Fig. 4.8| Estudo da entrada de luz natural na Igreja de Santa Maria - esquema em corte transversal (1) e longitudinal (2)

A Capela de Santa Ana destaca-se pelos pequenos vãos distribuídos ao longo dos planos verticais e com maior concentração na zona do presbitério. O grande número e a pequena dimensão dos vãos produzem um efeito de luz coada.

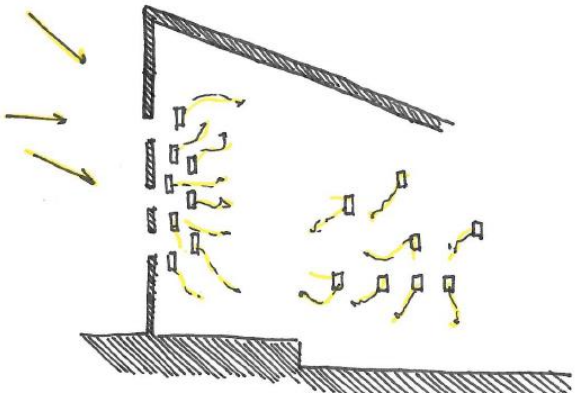


Fig. 4.9| Estudo da entrada de luz natural na Capela de Santa Ana - esquema em corte longitudinal

À noite, dadas as características dos vãos, a capela funciona como uma caixa de luz, iluminando o espaço exterior a partir de dentro.

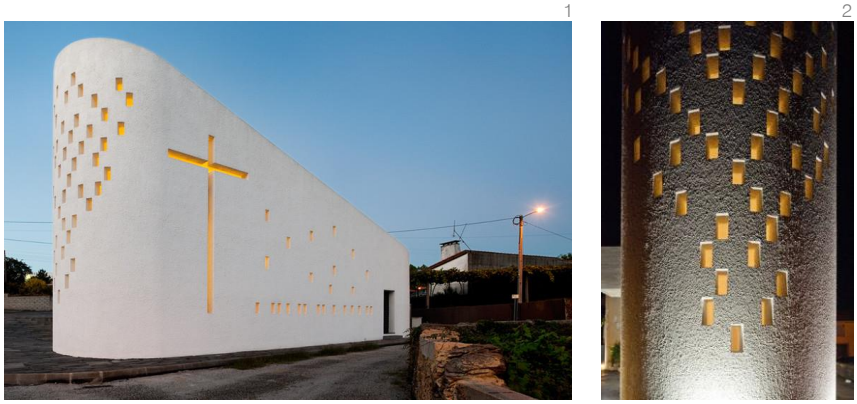


Fig. 4.10| Iluminação da Capela de Santa à noite – a capela como 'caixa de luz'

Fig. 4.11 | Igreja de St. Moritz (Augsburgo, Alemanha) – antes (1) e depois (2) da renovação realizada por John Pawson entre 2010 e 2013

Esta estratégia remete para a organização/ordem visual do espaço e para os elementos decorativos presentes.

A arquitetura religiosa contemporânea caracteriza-se pela extrema simplicidade e sobriedade e pela ausência de elementos decorativos. O espaço litúrgico apresenta-se despido da maioria dos seus símbolos religiosos, das imagens, do ornamento rico e ostensivo[36].

O *silêncio visual* materializa-se na uniformidade visual. O espaço resume-se (quase) a um 'contentor' despersonalizado[37], onde nada desvia a atenção dos fiéis, permitindo que o altar e a comunidade reunida em volta dele – a essência da celebração da Eucaristia -, estejam em destaque. Estão presentes poucas imagens (normalmente uma imagem de Nossa Senhora e outra do santo padroeiro da igreja) e os elementos iconográficos indispensáveis, como o crucifixo e a via-sacra.

A variedade de materiais utilizados é muito reduzida, tal como a de cores, sendo possível identificar quatro materiais ao nível do pavimento, revestimento das paredes e mobiliário - a madeira (sobretudo de tons claros), a pedra (como o mármore ou o lios), o betão e o reboco branco no revestimento das paredes. Procura-se a autenticidade dos materiais, apresentando-os de forma simples e sem tratamentos excessivos.

[36] O ornamento e o aspeto rico e trabalhado são tradicionalmente associados à dignidade exigida para um lugar de culto.

[37] Tal como Rudolf Schwarz propôs para a Igreja de St. Fronleichnam, em Aachen, em 1930

Fig. 4.12| Materiais: (1) betão – Igreja do Convento de São Domingos; (2) Reboco branco – Capela de Santa Ana; (3) Madeira – Capela da Árvore da Vida; (4) Azulejo – Igreja de Santa Maria

Dos casos estudados, destacam-se, na exploração desta estratégia a Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, a Igreja de Santo António e a Igreja do Convento de S. Domingos.

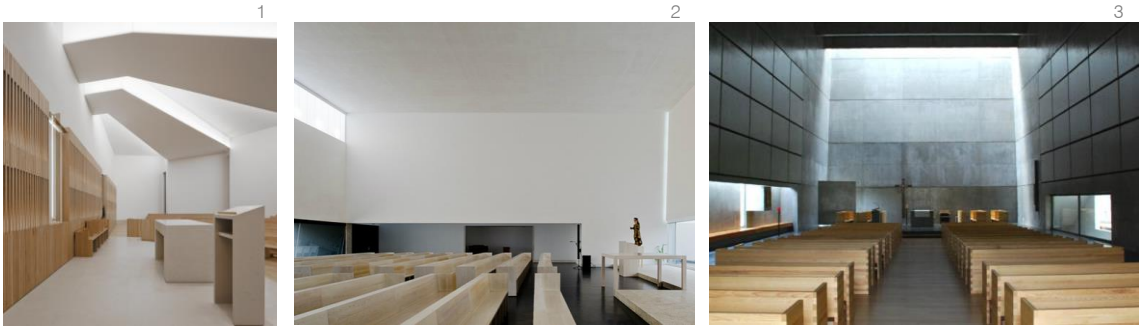


Fig. 4.13| *Silêncio visual*: (1) Igreja de Nossa Senhora das Necessidades; (2) Igreja de Stº. António; (3) Ig. do Convento de S. Domingos

Sobre a Igreja de Santo António, Carrilho da Graça afirma que "*a extrema simplicidade do espaço, da linguagem arquitetónica e do desenho dos objetos tem como objetivo a criação de um espaço de liberdade em que os protagonistas são as pessoas e os acontecimentos*". Defende, ainda, que "*a arquitetura deve encenar o mínimo e da maneira mais intensa".* [38]

Sobre a Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, Célia Faria e Inês Cortesão escrevem: "*partimos da ideia de construir o Silêncio: num mundo cheio de ruído, a igreja representa uma pausa, um momento de paz e de reflexão. A escolha dos materiais no seu estado de verdade absoluta, a depuração das formas convencionais, a forma de moldar a luz natural e artificial e o despojamento do espaço de ornamentação narrativa, procuram, através de normas essenciais da arquitetura, as propriedades universais dos sentidos e do espírito."* [39]

O silêncio interior, necessário à experiência de oração, precisa de um silêncio visível. Um espaço 'limpo', sem *ruído*, depurado e livre de elementos dispensáveis, favorece, na cultura atual, a

[38] Citação de João Luís Carrilho da Graça, na revista *Arq|a* nº65 (Silêncios Espaciais), 2009.

[39] Retirado da memória descritiva da obra, apresentada no site do gabinete de arquitetura Bica Arquitetos (https://bicaarquitectos.carbonmade.com/projects/2741988)

tranquilidade, o recolhimento face ao exterior e ao mundano. No entanto, ao 'limpar' as igrejas de alguns tradicionais símbolos e ornamentos, torna-se uma estratégia particularmente polémica

Em todos os casos de estudo analisados, existiu, por parte dos arquitetos, esta preocupação em manter o espaço de celebração sóbrio e ordenado. Contudo, a apropriação e utilização do espaço feita por parte dos fiéis e utilizadores revelam que esta estratégia não é totalmente aceite ou compreendida.

Durante as visitas aos casos de estudo, verificaram-se manifestações desta apropriação sobretudo nas igrejas/capelas em localidades mais pequenas e distantes dos grandes centros, onde a população (e os utilizadores) é muito envelhecida, devota e pouco familiarizada com a arquitetura contemporâneos. Destacam-se os casos da Capela de Santa Ana, em Sousanil, e a Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, em Chãs. Nestes casos, verificou-se um acrescento de ornamento e de imagens, que destoa no conjunto, acabando produzir algum *ruído* visual.

Fig. 4.14| Igreja de Nossa Senhora das Necessidades – projeto (1) e utilização (2)

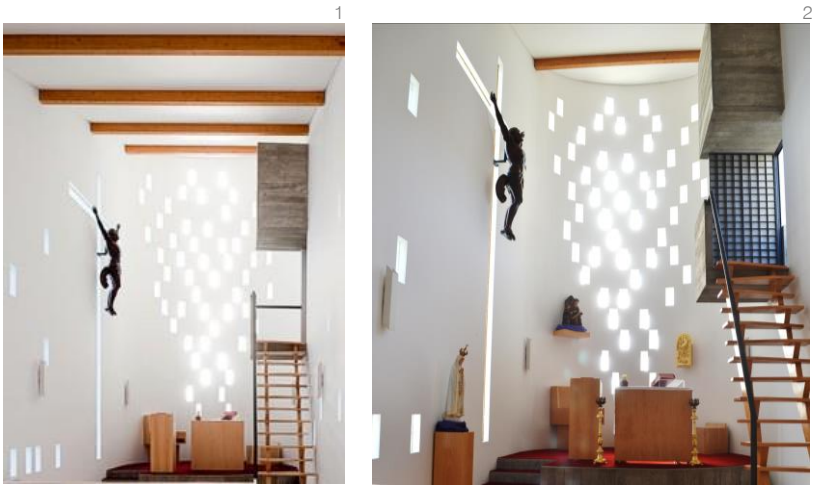


Fig. 4.15| Capela de Santa Ana – projeto (1) e utilização (2)

1 2

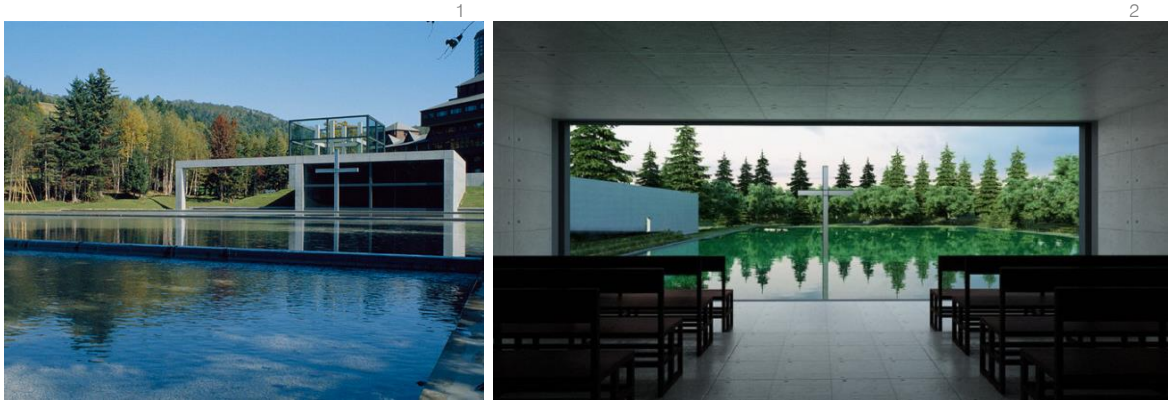


Fig. 4.16| Igreja sobre a água, Shimukappu-mura (Japão), Tadao Ando,1988: (1) vista do exterior; (2) vista do interior

Esta estratégia remete para a abertura do espaço ao exterior e para a relação estabelecida com os elementos naturais na envolvente da igreja/capela. Trata-se de uma novidade na arquitetura religiosa, dado que espaço de culto católico sempre se caracterizou por ser fechado sobre si mesmo, completamente separado (inclusive visualmente) e protegido do mundo exterior.

A arquitetura religiosa contemporânea, ao recusar aquilo que é ostensivo, incorpora, a paisagem natural como elemento central. Os tradicionais vitrais, coloridos e com ilustrações, são substituídos por grandes transparências permitindo o contacto com o exterior. Os vãos numa igreja ou capela, enquanto aberturas num espaço fisicamente fechado, acabam por reforçar a ideia do 'espaço de Deus' enquanto *pausa* do mundo exterior e *abrigo* de onde é possível contemplá-lo.

A natureza, pela sua riqueza de formas, cores, texturas, brilhos, pela diversidade de formas de vida e pela sua vastidão é considerada, pelos crentes católicos 'Criação de Deus'. Assim, os vãos são um convite à contemplação e tornam-se "*pólos de transcendência"*[40], motores de uma relação espiritual, potenciando nas pessoas uma postura tranquila e concentrada, propícia à oração.

No entanto, é necessário controlar a localização e o enquadramento dos vãos. Apesar de a envolvente exterior poder ser inspiradora, não pode desviar a atenção do altar e da comunidade que celebra a Eucaristia. Neste sentido, procura-se controlar a vista oferecida e, normalmente, o espaço contemplado é visualmente limitado e é do domínio privado.

[40] Conceito usado por João Norton sj (arquiteto e sacerdote jesuíta), na entrevista a João Luís Carrilho da Graça sobre a Igreja de Santo António, publicada na Revista de Teologia Didaskalia (nº40, 2010), da Universidade Católica Portuguesa

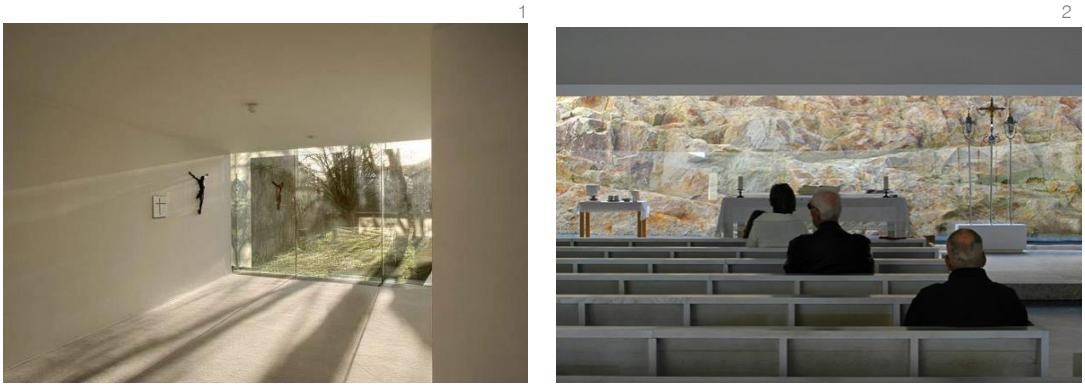


Fig. 4.17| Permeabilidade: (1) Capela do CREU-IL; (2) Igreja de Santo António

Das obras estudadas, cinco possuem vãos que permitem a relação com o exterior; a Igreja de Santa Maria - um grande vão horizontal na parede lateral que permite contemplar a envolvente da aldeia e da serra (sem limites visuais) -, a Igreja de Santo António – dois grandes vãos, um na parede do presbitério que permite contemplar a rocha, outro na parede oposta que permite o contacto com o pátio e com a rua -, a Capela da Santa Ana – inúmeros pequenos vãos dispostos ao longo da parede que, com alguma dificuldade, permitem contemplar a envolvente –, a Igreja de São Domingos – também com um vão horizontal na parede lateral, estabelecendo o contacto com o pátio interior ajardinado – e a capela do CREU – a fachada envidraçada que permite a relação com o jardim interior do CREU.

Pelo seu papel central, tanto físico dentro do espaço de celebração, como espiritual, pela eficácia na criação de um "*pólo de transcendência*", destacam-se a Capela do CREU e a Igreja de Santo António. Nestes dois casos, os vãos alargam/estendem os limites do espaço de celebração e oração ao exterior (de forma controlada).

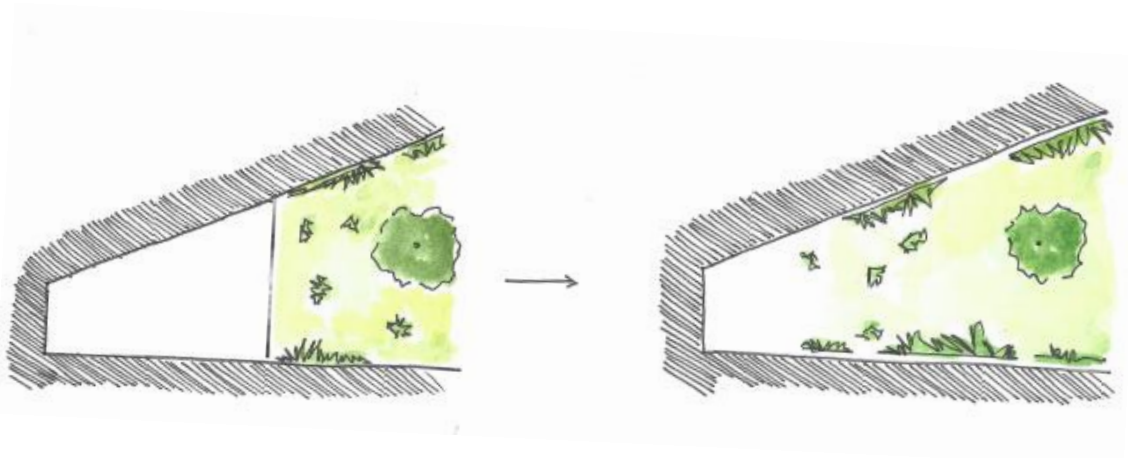


Fig. 4.18| Estudo da permeabilidade da capela do CREU - esquema em planta

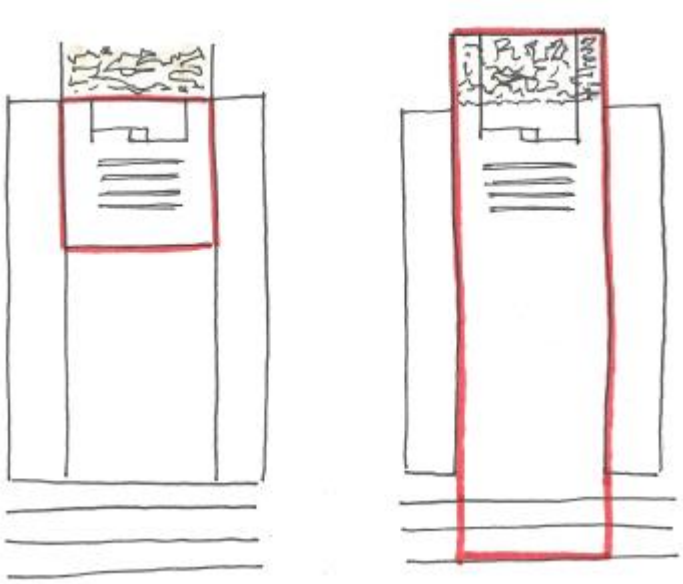


Fig. 4.19| Estudo da permeabilidade da Igreja de Santo António - esquema em planta

O grande vão horizontal da Igreja de Santa Maria não contribui com a mesma intensidade para a criação de um ambiente de oração, dadas as características da envolvente que enquadra. Além da paisagem natural da serra distante, é possível contemplar, mais próximas, a envolvente construída e degradada e uma bomba de gasolina.

Fig. 4.20| Vista através do vão lateral da Igreja de Santa Maria

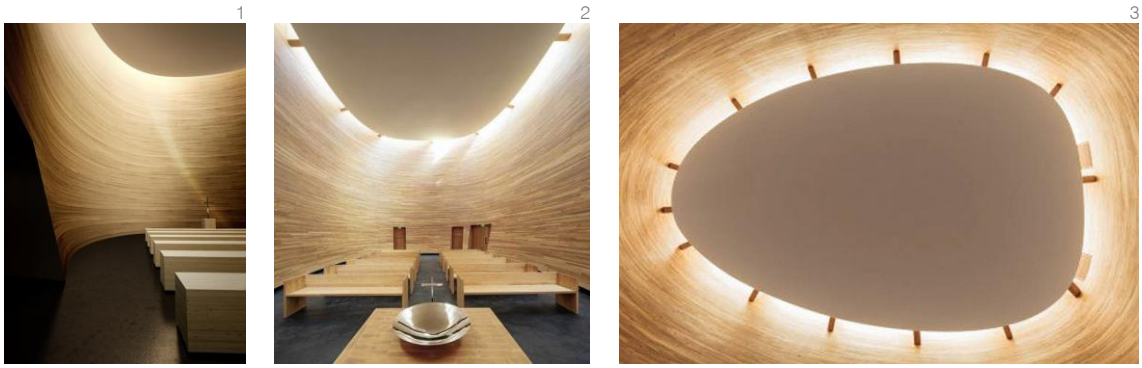


Fig. 4.21 | Capela Kamppi/ Capela do Silêncio, Helsinquia (Finlândia), 2012, K2S Architects: (1) vista a partir da entrada; (2) vista a partir do altar; (3) vista do teto

As igrejas e capelas contemporâneas também se caracterizam pela diferença na forma do espaço de celebração. Através das linhas, das dimensões e proporções do próprio espaço procura-se um maior sentido de acolhimento e envolvência da comunidade, aproximando a *igreja* da *casa*.

Em primeiro lugar, esta intenção traduz-se em espaços que privilegiam a horizontalidade em detrimento da verticalidade – espaços de pé-direito mais baixo, amplos, com plantas de geometria simples (formas estáveis e centradas como o círculo ou o quadrado), que diminuem e homogeneizam a distância entre toda a assembleia e o altar. O trabalho das dimensões, e sobretudo das proporções, procura a criação de espaços mais próximos da escala humana e doméstica, que recusam a monumentalidade.

Associado às proporções do espaço, também a disposição dos bancos da assembleia tem influência na sensação de envolvência. Quando a assembleia se dispõe próxima do altar e à sua volta, o sentido de comunidade torna-se mais evidente.

Fig. 4.22 | Igreja do Colégio S. João de Brito: (1) projeto inicial de Licínio Cruz (1955), configuração axial-processional da assembleia; (2) projeto de remodelação de Bernardo Miranda (2001-03); configuração centralizada da assembleia

Em segundo lugar, esta intenção manifesta-se na possibilidade de controlo visual de todo o espaço de celebração, não só a partir do altar, como de qualquer ponto da assembleia. O controlo visual total sobre a totalidade do espaço é conseguido através de plantas que recorrem a geometrias básicas, espaços amplos sem pilares ou recantos (espaços convexos[41]), em suma, através da procura de maior unidade espacial.

Por ultimo, a procura de um maior sentido de envolvência revela-se no recurso às linhas curvas, às espacialidades fluídas e às formas circulares. As curvas, as paredes sem arestas, a não diferenciação entre paredes e teto, os espaços circulares reforçam a ideia do espaço enquanto um *ninho* ou *concha,* que envolve e protege quem se encontra no seu interior.

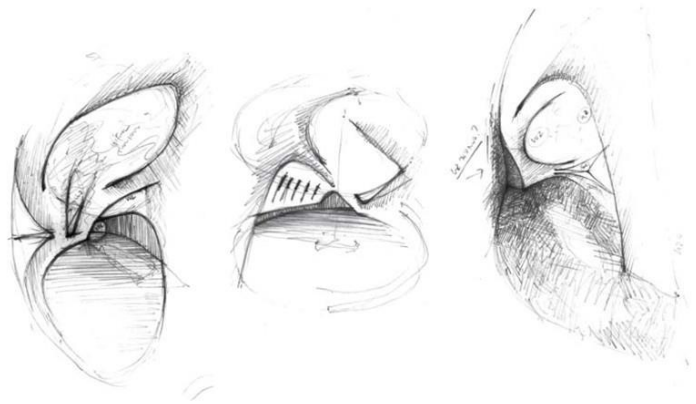


Fig. 4.23| Esboços da Igreja da Nossa Senhora da Boa Nova, realizados pelos arquitetos

Garantir esta sensação de *calor* e conforto torna-se especialmente importante num espaço de culto religioso católico, porque é necessário que as pessoas vivam a celebração 'de corpo e alma' e em comunidade. O objetivo é que os fiéis se sintam confortáveis, num espaço que acolhe todos, em vez de se sentirem 'pequeninos' ou 'esmagados'. Uma vez assegurado o conforto físico, a concentração torna-se mais fácil, a celebração será vivida de forma mais completa e é intensificado o sentimento de pertença ao lugar, uma ligação emocional que fortalece a experiência espiritual.

Neste sentido, dos casos analisados, destacam-se a Igreja da Nossa Senhora da Boa Nova, numa escala maior, e sobretudo, a capela da Árvore da Vida, pela escala menor.

A pequena dimensão da capela, a aproximação ao altar, a configuração centralizada da assembleia e a estrutura contínua e fluída, tornam a Capela da Arvore da Vida um espaço de celebração especialmente acolhedor e íntimo.

[41] Na teoria de *Space Syntax*, numa forma convexa, a partir de qualquer ponto, todos os pontos são visíveis.

1 2

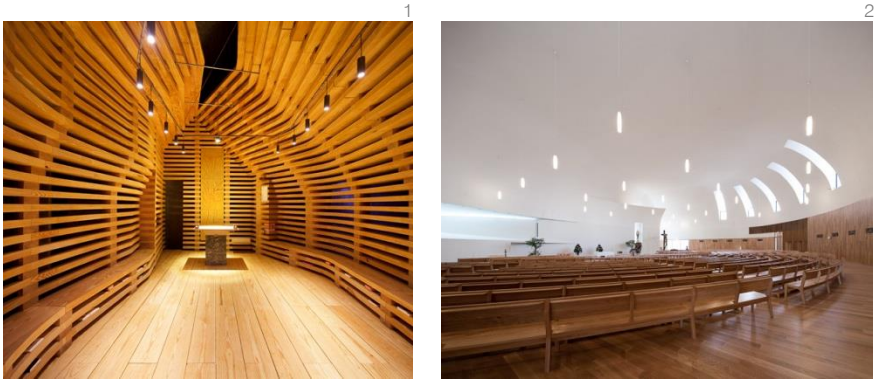


Fig. 4.24| Envolvência: (1) Capela da Árvore da Vida; (2) Igreja da Nossa Senhora da Boa Nova

Na cultura atual, marcada pela globalização e intensa ação dos meios de comunicação, pelas novas tecnologias, pelo ritmo de vida acelerado, pelo ruído visual, o espaço sagrado tem de oferecer uma experiência contrastante.

Assim, um espaço bem iluminado, visualmente 'limpo', protegido, aberto à 'criação de Deus' e acolhedor, apresenta-se como uma 'pausa' do mundo exterior, proporciona um ambiente expressivo da transcendência, e oferece a oportunidade para uma experiência espiritual e religiosa. Através destas estratégias, a arquitetura religiosa contemporânea revela-se pertinente e comprometida em responder às necessidades atuais.

CAPÍTULO 5 | CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como objetivo explorar as regras de natureza compositiva que dão resposta aos princípios decorrentes do Movimento Litúrgico (primeira metade do séc. XX) e do Concilio do Vaticano II (1961-1965) e que contribuem para desencadear a experiência religiosa. Assim, procurou-se descrever o 'invólucro' do espaço religioso e transpor para linguagem arquitetónica aquilo que se considera *inefável*, isto é, a dimensão espiritual e sagrada do lugar.

Para o efeito, teve-se como base o estudo da arquitetura religiosa nacional e internacional durante o séc. XX. Ao longo do séc. XX e até hoje, a arquitetura religiosa, acompanhando a situação económica, política, cultural e social vivida no mundo - marcada pelas grandes guerras, pelo sofrimento, pelas inovações tecnológicas, pelas vanguardas modernas e pelo Movimento Litúrgico -, tem vindo a sofrer um processo crescente de *libertação*. Como expressão de uma Igreja que se precisa pobre e servidora, as igrejas vão se tornando mais sóbrias e focadas no essencial da sua função – um espaço que acolhe uma comunidade que, de forma ativa e em festa, se reúne em torno do altar. Assim, são reinventadas formas de identificar o *sagrado* e de expressar a devida dignidade do lugar, dissociadas da ostentação, do ornamento e da monumentalidade.

Em Portugal, este processo foi iniciado em 1953 com o Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Através da análise morfológica de oito espaços de culto católico em Portugal, considera-se que a arquitetura religiosa contemporânea é caracterizada por quatro conceitos que se traduzem em opções projetuais concretas – *luminosidade*, *silêncio visual*/*depuração*, *permeabilidade* e *envolvência.*

Comparando as obras do MRAR e as obras contemporâneas estudadas, em primeiro lugar, regista-se que se atinge o auge deste processo despojamento nas igrejas de paredes brancas e 'despidas', como a Igreja da Nossa Senhora das Necessidades ou a Igreja de Santo António. Em segundo lugar, verifica-se uma preocupação crescente com o acolhimento e envolvência da comunidade, concretizada em espaços mais confortáveis, *quentes* e delicados, recorrendo com maior frequência aos materiais e cores claras e à entrada abundante de luz natural.

Concluindo este trabalho, coloca-se, então, a pergunta:

a arquitetura religiosa contemporânea responde ao seu propósito?

A qualidade da arquitetura depende da eficácia com que serve o seu propósito. Esta eficácia, independentemente do programa a que obra responde, não é determinada apenas pela criação das condições (mínimas) que asseguram o seu funcionamento – condição prática/utilitária do projeto. A arquitetura, como arte, tem a capacidade de criar ambientes que identificam os lugares, de proporcionar experiências que despertam os sentidos e as emoções. É o trabalho do arquiteto proporcionar não só um espaço que funcione, como tornar a sua vivência uma experiência agradável, confortável, interessante, única e afetiva – condição poética/estética da arquitetura.

O programa de uma igreja reveste-se de grande exigência para o arquiteto, por acolher uma experiência complexa. A condição poética/estética do edifício toma um papel especialmente intenso e determinante na capacidade de resposta ao seu propósito – a prática religiosa.

No que se refere à condição prática da igreja ou capela, é necessário assegurar um espaço organizado adequadamente para a reunião de uma comunidade crente, para a oração e para a celebração da Eucaristia. No que se refere à sua condição poética/estética, é necessário que o espaço colabore no desencadear de uma relação espiritual e transcendente, inspire e *eleve – espaço de ascensão*.

Sob o ponto de vista da praticabilidade do espaço religioso, é necessário verificar se as propostas concretas da Igreja para o desenho dos espaços de culto católico e as recomendações pastorais com implicações ao nível da configuração espacial são aplicadas.

A arquitetura religiosa contemporânea, na sua inovação, continua a proporcionar espaços dignos e aptos à reunião, celebração e oração de uma comunidade. Mantendo o espírito do Movimento Litúrgico, procura conceber o espaço de culto católico a partir do seu programa – a celebração litúrgica participada ativamente pelos fiéis.

Como em qualquer obra de arquitetura, a condição estética/poética das obras arquitetura religiosa contemporânea é subjetiva, depende das expectativas e da sensibilidade dos seus utilizadores.

Dado que uma igreja ou capela tem como missão servir espiritualmente uma determinada comunidade, conhecer a idade média do conjunto de pessoas, a sua educação e cultura, a sua tradição e hábitos de celebração da fé torna-se um passo pertinente. Conciliar as intenções do arquiteto com as expetativas e sensibilidade da comunidade, de modo a que o projeto seja 'bem acolhido' e a experiência espacial idealizada pelo arquiteto concretizada (intensificando-se a experiência religiosa), é o grande desafio da arquitetura religiosa contemporânea.

A condição estética da arquitetura religiosa contemporânea possui claras valências mas acarreta determinados riscos/perigos, dependendo da comunidade que a igreja/capela serve, revestindo este tema de alguma polémica

A opção pela sobriedade, depuração e minimalismo no desenho do espaço ajudam, na cultura atual, a construir a identidade sagrada do lugar e a proporcionar uma experiência que se alia à experiência de oração. No entanto, esta opção também é vista como uma desvinculação da fé católica, dada a subtração de símbolos, imagens e ornamentos tradicionais.

A flexibilidade no uso do espaço, que permite a variação dos seus usos (capela-salão) ou da organização do espaço litúrgico consoante a ocasião (oração, celebração da Eucaristia, administração de sacramentos), permite proporcionar um maior serviço à comunidade e o máximo de conforto à vivência de cada ocasião. Por outro lado, pela ausência de formalidade e solenidade, considera-se que a polivalência retira dignidade a um lugar desta natureza.

Na base destas opções, está a conceção atual do espaço sagrado estreitamente ligada a uma experiência espacial significante, que permite estabelecer a ponte entre o homem e Deus. Esta exploração da morfologia do espaço faz com que o edifício religioso seja, muitas vezes, identificado pelo seu arquiteto, em detrimento das práticas religiosas. A redução da experiência espiritual à pura experiência espacial, a marca de autor e a espetacularização do edifício constituem outro perigo, dado que o foco da celebração da fé católica não está no espaço em si, mas na congregação de crentes que o espaço acolhe e serve.

Pela ligação íntima entre a experiência espacial e a experiência espiritual, a conceção de espaço sagrado toma uma dimensão universal e ecuménica. Os espaços de culto católico contemporâneos tornam-se mais aptos a acolher diversas religiões, o que se pode revelar bastante enriquecedor.

A Igreja Católica é uma instituição constante no tempo e que acolhe uma população díspar, esforçando-se sempre por acompanhar a arte e a cultura de cada época e de cada lugar. Por isso, nunca adotou só um estilo, vive num processo atento de descoberta e inovação.

A arquitetura religiosa contemporânea responde ao seu propósito (ainda que o possa fazer de forma mais completa) e revela uma maior assimilação dos princípios decorrentes do Movimento Litúrgico e maior aproximação ao modelo de *igreja-casa*, de forma pertinente e integrada na cultura atual, e manifesta uma abertura da Igreja não só a nível artístico, como cultural e institucional.

O *silêncio visual* e depuração das igrejas - estratégia projetual que identifica a arquitetura religiosa contemporânea – leva necessariamente ao debate sobre o papel e o lugar da imagem no espaço sagrado.

A presença de imagens no espaço de culto faz parte da tradição católica e a sua subtração/ausência não é compreendida por muito fiéis (sobretudo de gerações mais velhas ou de contextos rurais, que não se identificam com a cultura urbana atual). Um espaço revestido de branco e despido de imagens é, por vezes, visto como um espaço desvinculado da fé católica.

Com o objetivo de proporcionar espaços sagrados que respondam com maior eficácia ao seu propósito, torna-se pertinente estudar possibilidades de equilíbrio entre a necessidade do *silêncio visual* no interior de uma igreja, contrastante com o *ruído visual* urbano constante no dia-a-dia, e a tradição na vivência da fé, que conta com a presença de imagens.

Partindo igualmente de uma análise morfológica do espaço, pode estudar-se a presença de imagens no espaço de celebração litúrgica contemporâneo, tendo em conta a sua disposição e o grau de acessibilidade visual, a relação com a assembleia e com os celebrantes, os pontos de iluminação, bem como o seu conteúdo - desenho, dimensões, materiais e cores utilizados – e os artistas especialmente interessados e capacitados para essa tarefa.

| BIBLIOGRAFIA

| LIVROS

AAVV. 1996. Novas igrejas de vários tempos – Actas do Colóquio sobre Arquitectura e Arte Sacra. Lisboa.

ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX.* 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa

BAKER, Geoffrey H. 1986. *Le Corbusier – Análisis de la Forma* (edição castelhana). 2ª edição. Editorial Gustavo Gili. Barcelona

CHING, Francis. 1998. *Design Drawing*. Van Nostrand Reinhold. Nova Iorque

CORNOLDI, Adriano. 1995. *L'architettura dell'edificio sacro*. Officina Edizione. Roma

Concílio Vaticano II. 1966. *Vaticano II – Documentos Conciliares: constituições, decretos e declarações.* União Gráfica Lisboa.

FERNANDES, José M., RIBEIRO, João S. 2012. *A Igreja do Bairro da Tabaqueira – uma obra de Jorge Viana*. 1ª edição. Adictologia Unipessoal Lda. Lisboa.

FRAMPTON, Kenneth. 2007. *Modern Architecture*. 4ª edição. Thames & Hudson. Londres.

HAWKES, Dean. 2008. *The Environmental Imagination - Technics and poetics of the architectural environment*. Taylor & Francis. Nova Iorque

HILLIER, Bill. 2007. *Space is the Machine – A Configurated Theory of Architecture, Space Syntax*. Press Syndicate of the University of Cambridge. Londres

HILLIER, B., HANSON, J.1984. *The Social Logic of Space.* Cambridge University Press. London

MC NAMARA, Denis R. 2011. How to read churches – a crash course in Christian architecture. Bloomsbury. Londres.

PALLISTER, James. 2015. *Sacred Spaces – Contemporary Religious Architecture*. 1ª edição. Phaidon Press Limited. Londres

Papa João Paulo II. 1999. Carta aos Artistas. Vaticano.

PLAZAOLA, Juan. 1999. *Historia del Arte Cristiano – Serie de Manuales de Teología*. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid

PLAZAOLA, Juan. 2001. *Arte y Iglesia – Veinte Siglos de Arquitectura y Pintura Cristiana.* Editorial Nerea. Madrid.

PROCTOR, Robert. 2014. *Building the Modern Church: Roman Catholic Church Architecture in Britain, 1955 to 1975*. Asghate Publisher. Surrey.

PSARRA, Sophia. 2009. *Architecture and Narrative – The Formation of Space and Cultural Meaning*. Routledge. Nova Iorque

SAYED, K., TURNER, A., HILLIER, B., IIDA, S. 2014. *Space Syntax Methodology*. 2nd Edition, Bartlett School of Graduate Studies - UCL, Londres

SCHERER, Pedro Farnés. 1989. *Orientaciones doctrinales y sugerencias prácticas sobre el espacio celebrativo, según el espíritu del Concilio Vaticano II*. Editorial Regina. Barcelona

SIZA, Álvaro. 2012. *Imaginar a Evidência*. Edições 70. Lisboa.

STEADMAN, Philip. 2014. *Building Types and Built Forms*, Troubador Publishing. Leicestershire

STOCK, Wolfgang Jean. 2002. *Europaischer Kirchenbau 1950-2000*. Prestel. Munique

ZEVI, Bruno. 1995. *Saber Ver a Arquitectura*. 5ª edição. Martins Fontes Editora. São Paulo

ZUMTHOR, Peter. 2006. *Atmospheres*. Birkhduser Verlag AG. Basileia

| DISSERTAÇÕES

ALVES DA CUNHA, João. 2014. *O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960*, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa

CARDOSO, João André Gonçalo. 2010. *O espaço de relação entre templo e cidade - 3 momentos na arquitectura religiosa portuguesa dos últimos 100 anos*, dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura. IST-UL. Lisboa

COSTA, Teresa Dias. 2015. *O papel das imagens na arquitetura dos espaços de culto*, dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, FA-UL. Lisboa

FERNANDES, Sofia Garrocho. 2015. *As igrejas de Álvaro Siza – a tensão entre a identidade do autor e o confinamento das práticas religiosas*, dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, FCT-UC. Coimbra.

GOMES, José Manuel Pereira Ribeiro. 2003. *Liturgia e arquitectura:uma nova arquitectura para um novo projecto litúrgico*, dissertação para obtenção do grau de Doutor, UCP. Lisboa

MARTINS, Jorge A. R.. 2015. *Arquitetura Religiosa pós Concílio Vaticano II – adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: o caso do Alto Minho*, dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, Escola Superior Gallaecia. Vila Nova de Cerveira.

MONTEIRO, João. 2013. *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI*, dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, FA-UL. Lisboa

PAIVA, Rita Ferreira Marques. 2010. *Luz e Sombra - A estética da luz nas Igrejas de Sta. Maria e da Luz, de Siza e Ando*, dissertação para obtenção do grau de Mestre em História de Arte Contemporânea, FCSH-UNL. Lisboa

PINELO, António. 2008. Frank Lloyd Wright, Usonian Houses – uma abordagem ao estudo do espaço doméstico, dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, IST-UL. Lisboa.

SILVA, Cidália. 1999. *Três momentos na Arquitetura Religiosa do séc. XX em Portugal*, dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, FCT-UC. Coimbra.

| ARTIGOS

ALVES DA CUNHA, João. 2010. *A Igreja de Santo António de Moscavide: história de um caminho não percorrido*, Didaskalia, volume XL, nº2, pp. 193-204.

ALVES DA CUNHA, João. MATOS, João Norton de. 2010. *Entrevista ao Arquitecto João Luís Carrilho da Graça*, Didaskalia, volume XL, nº2, pp. 167-192.

ESTIMA, Alberto. 2003. *Considerações em torno de duas igrejas iniciadas na década de 1930: a igreja de N.ª Sr.ª de Fátima, em Lisboa e a igreja da Sr.ª da Conceição, no Porto*. Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património, I Série vol. 2, pp. 155-164

ESTIVILL, Daniel. 2014. *Apuntes sobre Arquitectura Sacra Contemporânea*. Cuestiones Teologicas – Medellín Colombia, volume 41, nº 95, pp. 41-74

Concílio Vaticano II. 1963. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium.* Vaticano

Concílio Vaticano II. 1964. Instrução para a reta aplicação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia - *Inter Oecumenici* . Vaticano.

PEREIRA, José Carlos. 2000. *O Movimento de Renovação da Arte Religiosa e o Complexo do Sagrado Coração de Jesus*, ArteTeoria, nº 1, Lisboa, pp. 111-131.

PEREIRA, José Carlos. 2000. *O movimento de renovação da arte religiosa e o papel artístico e pastoral do seu boletim*, Lusitania Sacra, 2ª série, nº 12, Lisboa, 2000, pp. 431-438.

| REVISTAS

Arq|a – *Arquitetura e Arte*, edição 65 – Silêncios Espaciais, 2009, Futurmagazine

Arq|a – Arquitetura e Arte, edição nº108 - Lugares Sagrados, 2013, Futurmagazine

| SITES GERAIS

www.arquiteturaeliturgia.blogspot.pt

www.archdaily.com

www.arquitecturareligiosa.es

www.essejota.net

www.liturgia.pt

www.pinterest.com (plataforma online utilizada como motor de busca para recolha de informação)

www.sacredarchitecture.org

www.snpcultura.org

www.snpcultura.org/imagens/novas_igrejas_de_todos_os_tempos

www.ultimasreportagens.com

www.vatican.va

| OUTROS SITES

www.agenciaecclesia.pt

www.architectural-review.com/archive/reviews/catholic-taste-building-the-modern-church/8669029.fullarticle

www.balneorient.hypotheses.org/1388

www.bicaarquitectos.carbonmade.com/projects/2741988

www.collinenotredameduhaut.com

www.ebdjournal.com/blog/cultural/what-s-in-a-line#sthash.M87sITLF.dpuf

www.fbe.balikesir.edu.tr/dergi/20071/BAUFBE2007-1-1.pdf

www.joaomorgado.com/pt/reportagens/igreja-nossa-senhora-da-boa-nova

www.isdomingos.com/

www.liturgia.pt/anodafe/A_Liturgia_antes_do_Concilio_Vaticano_II.pdf

www.newgeography.com/content/004497-why-modern-architecture-struggles-inspire-catholics

www.snpcultura.org/arvore_da_vida_capela_seminario_conciliar_braga.html

www.snpcultura.org/simplicidade_cor_e_luz_definem_capela_portuguesa_semifinalista_premios_archdaily.html

www.publico.pt/tema/jornal/a-capela-encantada-de-braga-22862677

www.publico.pt/temas/jornal/as-igrejas-do-seculo-xxi-sao-caixas-brancas-e-minimais-18741505

www.mdpi.com/2072-4292/6/6/5671/htm

www.newgeography.com/content/004497-why-modern-architecture-struggles-inspire-catholics

www.rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=29&did=53663

www.tartestudio.com/3777/nueva-iglesia-en-navarra-de-vaillo-irigaray-arquitectos/

www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.039/661

| ANEXOS

ANEXO 01 | Barra cronológica

ANEXO 02 | Modelo da ficha de análise e caracterização morfológica

ANEXO 03 | Estudos da entrada de luz natural nos casos de estudo

ANEXO 04 | Construção da barra cronológica no espaço de trabalho

Legenda | NO MUNDO:

01| Capela da Colónia Guell, Barcelona (Espanha), Antonio Gaudi, 1898-1915

02|Igreja de Notre Dame du Raincy, Paris (França), August Perret, 1922-23

03| Igreja de St. Fronleichnam (Corpus Christi), Aachen (Alemanha), Rudolf Schwarz, 1928-30

04| Igreja de St. Engelbert, Colónia (Alemanha), Dominikus Bohm, 1930-32

05| Igreja de Stella Maris, Nordeney (Alemanha), Dominikus Bohm, 1931

06| Igreja de St. Karl, Lucerna (Suiça), Fritz Metzger, 1932-34

07|Igreja de Notre Dame de Toute Grace, Passy (França), Maurice Novarina, 1937-46

08| Igreja de São Francisco de Assis, Pampulha (Brasil), Oscar Niemeyer, 1940-43

09| Igreja da abadia de St. Benedict, Vaals (Holanda), Dom Hans Van der Laan, 1945-98

10| Capela de Notre Dame du Haut, Ronchamp (França), Le Corbusier, 1950-54

11| Capela do Rosário, Venice (França), Henri Matisse, 1951

12| Igreja de Notre Dame du Sacre-Coeur, Audincourt (França), Maurice Novarina, 1951

13| Igreja de St. Anna, Duren (Alemanha), Rudolf Schwarz, 1951-56

14| Capela das Capuchinas, Tlalpan (México), Luis Barragan, 1953-56

15| Convento de St. Marie de La Tourette, Lyon (França), Le Corbusier, 1953-60

16| Capela ecuménica do MIT, Massachussets (EUA), Eero Saarinen, 1955

17| Igreja de Bruderklausenkirche, Basileia (Suíça), Hermann Baur, 1955-59

18| Igreja de St. Laurentis, Munique (Alemanha), Emil Steffann, 1954-56

19| Igreja de Santa Ana, Madrid (Espanha), Miguel Fisac, 1955-60

20| Igreja Memorial Kaiser Wilhelm, Berlim (Alemanha), Egon Eiermann, 1959-63

21| Igreja de St. Therese, Linz (Áustria), Rudolf Schwarz, 1959-62

22| First Unitarian Church, Rochester (EUA), Louis Kahn, 1959-69

23| Igreja de St. Peter, Klippan (Suécia), Sigurd Lewerentz, 1962-66

24| Santuário de Dom Bosco, Brasília (Brasil), Carlos Alberto Naves, 1963

25| Pilgrimage Church (Neviges Mariendom), Neviges (Alemanha), Gottfried Bohm, 1963-68

26| Igreja de Saint-Pierre, Firminy (França), Le Corbusier, 1963-2006

27| Catedral de St. Mary, Tóquio (Japão), Kenzo Tange, 1964

28| Igreja de St. Paul, Dielsdorf (Suiça), Justus Dahinden, 1964

29| Igreja de St. Antonious, Wildegg (Suiça), Justus Dahinden, 1966-69

30| Igreja do Colégio dos Dominicanos, Alcobendas (Espanha), Miguel Fisac, 1966-69

31| Igreja de Santa Maria Assunta, Riola de Vergato (Itália), Alvar Aalto, 1975-78

32| Capela de St. Benedict, Sumvitg (Suiça), Peter Zumthor, 1988

33| Igreja sobre a água (Church on the water), Tomamu (Japão), Tadao Ando, 1988

34| Igreja da Luz (Church of the Light), Osaka (Japão), Tadao Ando, 1989

35| Igreja de San Massimiliano Kolbe, Varese (Itália), Justus Dahinden, 1992

36| Capela de St. Ignacius, Seattle (EUA), Steven Holl, 1994-97

37| Igreja de Dio Padre Misericordioso (del Giubileo), Roma (Itália), Richard Meier, 1996-2003

38| Igreja de Herz-Jesu, Munique (Alemanha), Allmann, Sattler & Wappner, 1997-2000

39| Abadia de Nový Dvur (Nossa Senhora), Bohemia (República Checa), John Pawson, 1999-2004

40| Igreja paroquial de Foligno, Foligno (Itália), Massimiliano e Doriana Fuksas, 2001-09

41| Capela de St. Laurentis, Vantaa (Finlândia), Avanto Architects, 2003-10

42| Capela Porciúncula de la Milagrosa, Bogotá (Colômbia), Daniel Bonilla Arquitectos, 2004

43| St. Henry's Ecumenical Art Chapel, Turku (Finlândia), Sanaksenaho Architects, 2004-05

44| Bruder Klaus Field Chapel, Mechernich (Alemanha), Peter Zumthor, 2007

45| Igreja de San Giovanni, Perugia (Itália),Studio Zermani e Associati, 2007

46| Igreja del Iesú, San Sebastian (Espanha), Rafael Moneo, 2007-11

47| Igreja de Santa Ana e São Joaquim, Roquetas de Mar (Espanha), RGRM Arquitectos, 2008

48| Igreja de San Josemaria Escrivá, Cidade do México (México), Javier Sordo M. Bringas, 2010

49| Capela del Retiro, Illapel (Chile), Cristian Undurraga, 2009

50| Igreja Transparente (Transparente Church), Looz (Bélgica), Gijs Van Vaerenbergh, 2011

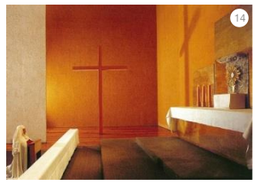
51| Capela Kamppi (Capela do Silêncio), Helsínquia (Finlândia), K2S Architects, 2012

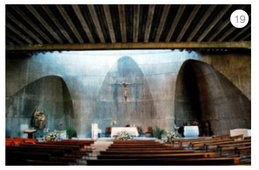
52| Ermida de San Juan Bautista, Tenerife (Canárias), Alejandro Beautell, 2013

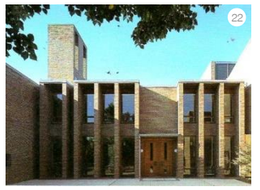
53| Cardboard Church (Igreja de Cartão), Christchurch (Nova Zelândia), Shigueru Ban, 2013

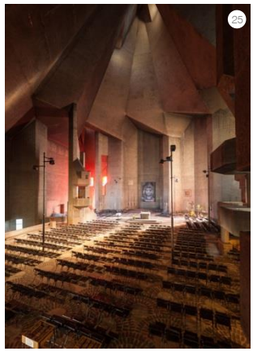
54| Igreja do Centro Social Padre Rubino, Corunha (Espanha), Elsa Urquijo Arquitectos, 2014

NO MUNDO



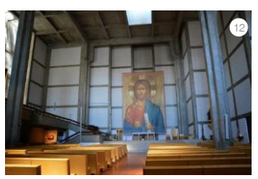


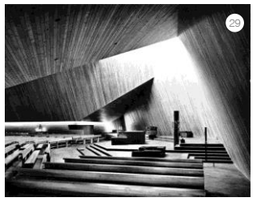


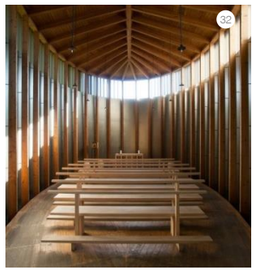


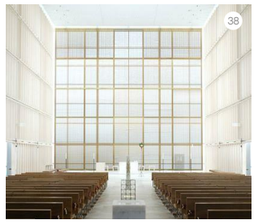
1900 — 1909 INÍCIO MOVIMENTO LITÚRGICO — 1914-18 1ª GUERRA MUNDIAL — 1920 — 1930 — 1940 — 1939-45 2ª GUERRA MUNDIAL — 1950 — 1953 INÍCIO DO MRAR — 1960 — 1961-65 CONCÍLIO VATICANO II

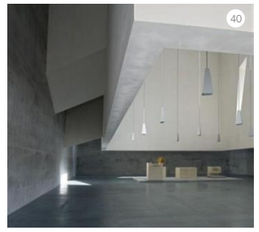
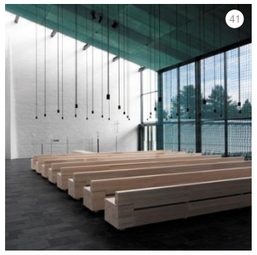
EM PORTUGAL

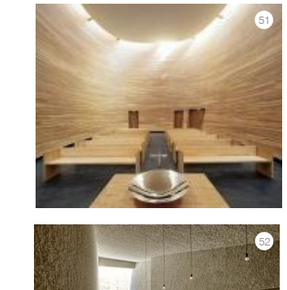


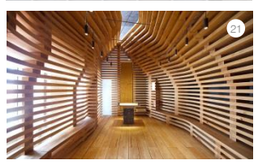


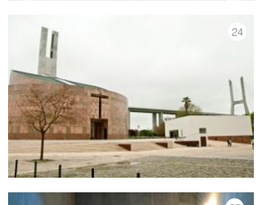


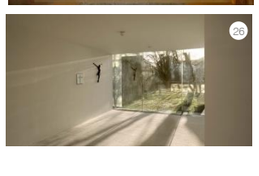
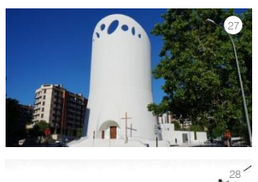


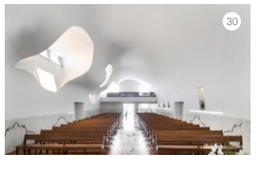



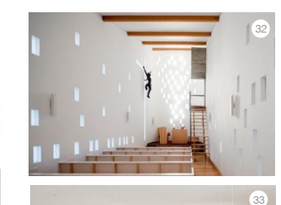


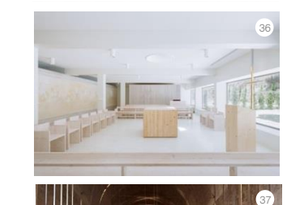










1961-65
CONCÍLIO VATICANO II

1970

1980

1990

2000

2010

NO MUNDO

EM PORTUGAL

Legenda | EM PORTUGAL:

01| Igreja de Nossa Senhora da Fátima, Lisboa, Pardal Monteiro, 1934-38

02| Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Porto, Bellot & Rogério de Azevedo, 1938-47

03| Igreja do Santo Condestável, Lisboa, Vasco Regaleira, 1948-51

04| Capela de Nossa Senhora de Fátima, Águas (Penamacor), Nuno Teotónio Pereira, 1949-57

05| Igreja de São João de Brito, Lisboa, Vasco Regaleira, 1951-55

06| Igreja de São João de Deus, Lisboa, António Lino, 1953

07| Igreja de Santo António, Moscavide, João de Almeida & A. Freitas Leal, 1953-56

08| Capela de Nossa Senhora de Fátima, Picote (Miranda do Douro), Manuel Almeida, 1956-58

09| Igreja de São Mamede, Negrelos (Santo Tirso), Luiz Cunha, 1961-65

10| Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Fátima, Luiz Cunha, 1962-65

11| Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa, Nuno Teotónio Pereira & Nuno Portas, 1962-70

12| Igreja de São Jorge de Arroios, Lisboa, Alzina Menezes & Erich Corsépius, 1962-72

13| Igreja de Santiago, Almada, Nuno Teotónio Pereira & Nuno Portas, 1963-69

14| Igreja da Sagrada Família, Paço de Arcos, João de Almeida, 1964-69

15| Igreja da Sagrada Família, Bairro da Tabaqueira (Albarraque), Jorge Viana, 1965

16| Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Póvoa do Valado (Aveiro), Luiz Cunha, 1968

17| Igreja de São Martinho, Cedofeita (Porto), Eugénio Alves de Sousa, 1979

18| Igreja do Cristo-Rei, Portela (Lisboa), Luiz Cunha, 1981-92

19| Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses, Siza Vieira, 1990-96

20| Igreja de Santo António, Portalegre, João Luis Carrilho da Graça, 1993-2009

21| Capela da Árvore da Vida, Braga, Cerejeira Fontes Arquitetos, 1995-2000

22| Igreja de São Francisco Xavier, Restelo, Troufa Real, 1999-2011

23| Igreja dos Pastorinhos, Marrazes, Alexandra Cantante, 2000-2015

24| Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, Lisboa, José Maria Dias Coelho, 2001-14

25| Capela da Quinta de Santo Ovídio, Lousada, Siza Vieira, 2002

26| Capela do CREU-IL, Porto, Nuno Valentim & Frederico Eça, 2002-03

27| Igreja da Santíssima Trindade, Miraflores, Troufa Real, 2002-15

28| Capela de Santa Filomena, Lugar de Netos (Figueira da Foz), Pedro Maurício Borges, 2004-08

29| Igreja do Convento de S. Domingos, Lisboa, José F. Gonçalves & J. P. Providência, 2004-05

30| Igreja da extensão de saúde de S. Jorge da Várzea, Felgueiras, FCC Arquitetura, 2008

31| Igreja de Nossa Senhora do Livramento, Sobreda (Caparica), João Lucas, 2009

32| Capela de Santa Ana, Sousanil (Stª Maria da Feira), e|348 arquitetura, 2009-10

33| Igreja de Nossa Senhora da Boa Nova, Estoril. Roseta Vaz Monteiro Arquitetos, 2009-10

34| Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, Chãs (Leiria), Bica Arquitetos, 2009-12

35| Igreja de Santo André, Barreiro, Serralvarez Arquitetos, 2014

36| Capela Jesus Mestre, Loures, Site Specific Arquitetura, 2015

37| Capela Imaculada, Braga, Cerejeira Fontes Arquitetos, 2015

Planta da igreja/capela

Configuração global

Identifica a geometria de base do espaço

Configuração da assembleia

Caracteriza a configuração da assembleia

- unidirecional/ axial processional
- pluridirecional/ centralizada

Ensaio com *depthmap* | *VGA - visibility graph analysis*
Mapa de conetividade visual

Permite avaliar, o nível de acessibilidade visual de cada ponto do espaço, isto é, a quantidade de pontos visíveis a partir do mesmo ponto.

Na escala de cores, as áreas a encarnado correspondem aos pontos a partir dos quais é possível observar maior número de ponto no espaço.

máx. mín.

Ensaio com *depthmap* | *VGA - visibility graph analysis*
Mapa de integração visual

Permite identificar o grau de integração visual de cada ponto em relação à totalidade do espaço, isto é, a capacidade de controlo visual da totalidade do espaço a partir de um ponto.

Na escala de cores, as áreas a encarnado correspondem aos pontos a partir dos quais é possível observar maior percentagem da totalidade do espaço.

máx. mín.

Depthmap* | *VGA - visibility graph analysis
Isovista a partir do altar

Permite delimitar o espaço diretamente visível a partir do altar (ponto assinalado a encarnado), numa rotação de 360 graus.

Depthmap* | *VGA - visibility graph analysis
Isovista a partir do altar

Permite delimitar o espaço diretamente visível a partir do ambão (ponto assinalado a encarnado), numa rotação de 360 graus.

Esquema

Procura caraterizar a igreja/capela, identificando os pontos de entrada de luz natural e de contato com o exterior, a localização do altar [A], do sacrário [S] e da pia batismal [P], entre outros pontos de especial interesse

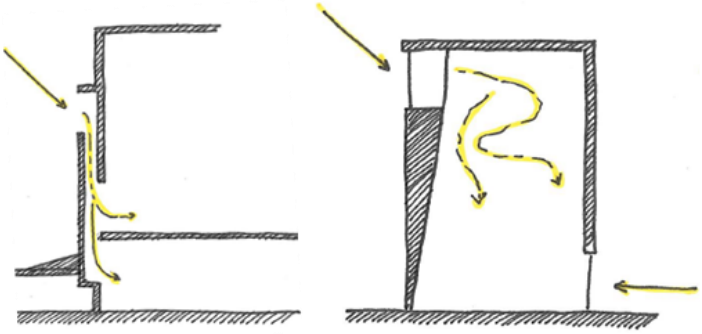
Materiais

Com base numa fotografia procura-se identificar os principais materiais e cores utilizados no espaço:

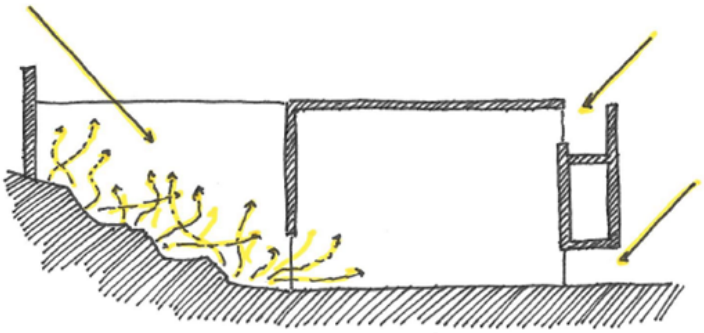
- revestimento das paredes
- pavimento
- mobiliário

Diagrama de organização espaço-funcional

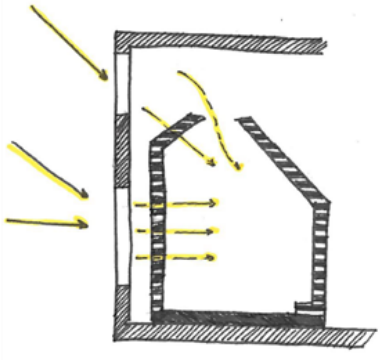
Apresenta a estrutura da igreja/capela, caracterizando-a com base nas funções dos diferentes espaços, nas relações entre eles, na acessibilidade/percursos e na localização dos 3 principais elementos geradores de espaço - altar, sacrário e pia batismal



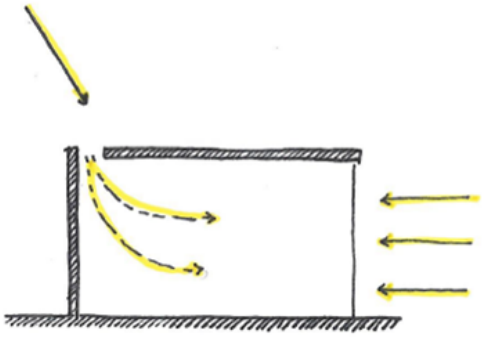
01| Igreja de Santa Maria



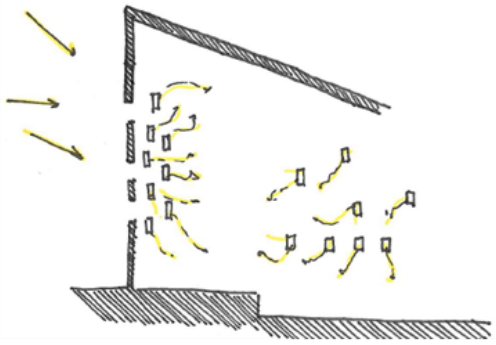
02| Igreja de Santo António



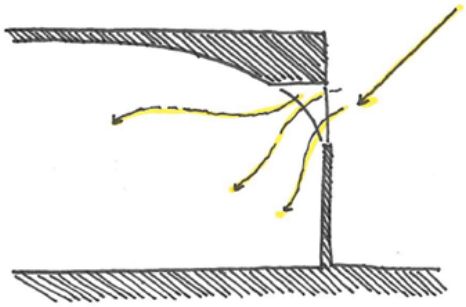
03| Capela da Árvore da Vida



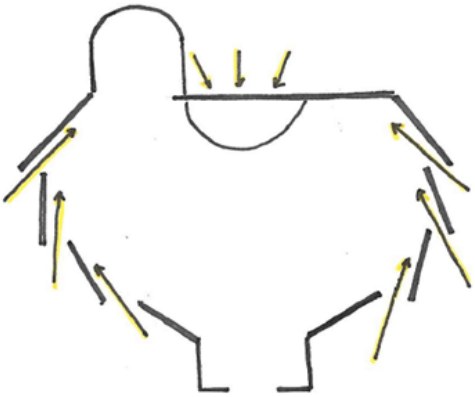
04| Capela do CREU-IL



06| Capela de Santa Ana



07| Igreja de Nossa Senhora da Boa Nova



08| Igreja de Nossa Senhora das Necessidades

1939-45
II GM
1953
MRAR
1961-65
CONCÍLIO
VATICANO II